

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

JÚLIO CÉSAR DO CARMO DE SÁ

**O IDEAL DE REI CONCEBIDO EM RECARETO PELA ÓTICA  
ISIDORIANA E SEU IMPACTO NA CUNHAGEM VISIGÓTICA DO  
SEC.VI.**

Alfenas/ MG

2017

JÚLIO CÉSAR DO CARMO DE SÁ

O IDEAL DE REI CONCEBIDO EM RECARETO PELA ÓTICA  
ISIDORIANA E SEU IMPACTO NA CUNHAGEM VISIGÓTICA DO  
SEC.VI

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Mestre em História pela Universidade  
Federal de Alfenas – UNIFAL- MG. Área de concentração:  
Mestrado profissional em História Iberica.  
Orientador: Cláudio Umpierre Carlan.

Alfenas/ MG

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Sá, Júlio César do Carmo de.

O ideal de Rei Concebido em Recareto pela ótica Isidoriana e seu  
impacto na cunhagem visigótica do Sec. VI / Júlio César do Carmo de Sá.  
-- Alfenas/MG, 2017.

101 f. -

Orientador: Claudio Umpierre Carlan.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade  
Federal de Alfenas, 2017.

Bibliografia.

1. Roma -- Historia -- Invasões germanicas, Sec. III-VI. 2. Direito  
divino dos reis. 3. Isidoro, de Sevilha, - Santo, m. 636. 4. Moedas. I. Carlan,  
Claudio Umpierre. II. Título.

CDD-946.01

JÚLIO CÉSAR DO CARMO DE SÁ

“O IDEAL DE REI CONCEBIDO EM RECRETO PELA ÓTICA ISIDORIANA E  
SEU IMPACTO NA CUNHAGEM VISIGÓTICA”.

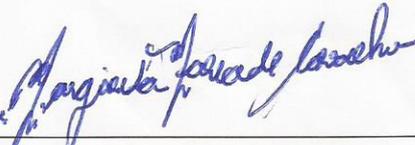
A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Dissertação apresentada como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de Mestre em  
História Ibérica pela Universidade Federal de  
Alfenas. Área de concentração: Ensino e  
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 29/09/2017

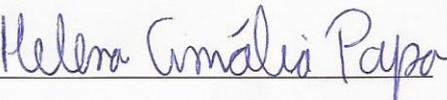
Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas  
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho  
Instituição: Universidade Estadual Paulista  
UNESP-FRANCA

Assinatura: 

Profa. Dra. Helena Papa  
Instituição: Universidade Estadual de Montes  
Claros UNIMONTES

Assinatura: 

*Dedico esta obra para minha mãe Romilda do Carmo de Sá pela força, apoio e carinho em todos os momentos de minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos me desculpando a todos aqueles que por ventura não recordar ou ainda não forem citados neste espaço, mas que foram também peças fundamentais para o desenvolvimento desta monografia, espero não esquecer nomes que me auxiliaram na realização deste trabalho.

Vou primeiramente agradecer ao meu orientador e amigo, Professor Dr. Cláudio Umpierre Carlan que aceitou desde o começo da graduação, e logo após no Mestrado, me ingressar nesta área tão ampla da historiografia, e conseqüentemente me encaminhou para esta pesquisa. Pelas fontes, conselhos, críticas, por ter estado sempre à disposição mesmo em momentos difíceis, e que possibilitaram a realização desta monografia. Nunca se negando a prestar auxílio nos momentos difíceis. Tecendo críticas sugestões e conselhos que proporcionaram a realização desta minha pesquisa.

Agradeço ao Professor Dr. Adailson José Rui, que como para meus amigos, não somente por estar ligado “teoricamente” ao mesmo período, mas sim pelos auxílios de suma importância no decorrer deste projeto. Pelas fontes, sugestões, dicas e críticas que me auxiliaram, e muito, em diversos momentos de duvida

Também quero ressaltar meus agradecimentos a todos os professores que nos auxiliaram durante o Mestrado. Suas lições nos proporcionaram novos entendimentos, podemos compreender diferentes escolas historiográficas. Isso foi de grande utilidade para a nossa formação e nosso preparo como futuros profissionais na área de História e em nossa vida acadêmica.

Agradeço a Profa. Dra. Helena Papa, por aceitar estar em minha banca examinadora, pelas conversas e oportunidade que me proporcionou durante a nossos encontros e conversas em congressos, pelas ótimas dicas e sugestões que nos passou, e possibilitou entender melhor minha pesquisa, suas dicas foram de suma importância para meu crescimento e desenvolvimento na Academia.

Agradeço ao professor Dr. Pedro Paulo Funari, pelo auxílio em diversos momentos, pelo auxílio prestado através de e-mails, pelas sugestões e dicas de livros e autores que poderiam me ajudar (e em muitos momentos ajudou) na realização da pesquisa.

Agradeço a Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, pela amizade, pelo auxílio, pelas longas conversas, dicas e encaminhamentos feitos nesta reta final de meu projeto, em diversos momentos nos comunicamos por e-mail e sempre tive total atenção e carinho de sua parte, e principalmente por aceitar ser minha co-orientadora, algo que me deixou muito feliz.

Agradeço também a FAPEMIG, pelo auxílio nos diversos congressos, nos quais participei e pude gerir experiências e aprendizados diversos, este auxílio foi de suma importância para meu crescimento pessoal e para que eu pudesse estar neste momento terminando meu mestrado.

Quero também estender meus agradecimentos a todos os professores do Programa de Pós-graduação em História Ibérica/ Mestrado Profissional em História Ibérica que estiveram presentes neste período de meus estudos e aos quais não poderia esquecer, as lições, debates, ensinamentos me proporcionaram novos entendimentos e perspectivas, tanto para compreender as escolas historiográficas como todo um contexto multidisciplinar, o qual tive contato graças ao empenho de vocês, e que com certeza auxiliou e continuará auxiliando em meu crescimento como mestre e Historiador.

Quero agradecer de forma especial aos meus amigos que estiveram presentes durante todo este caminho que traçamos até agora. Agradeço a André Luís Menari Pereira e a Crosley Rodrigues Gomes por estarem presentes sempre junto de mim, por sua amizade sincera, pelas muitas discussões e troca de ideias, pelas conversas descontraídas e muitas vezes tensas, pelos trabalhos, pelo auxílio a manter a calma em muitos momentos, seus conselhos, pelas risadas e tantas outras coisas que me fazem sentir orgulho de tê-los como amigo, seus conselhos que também me abriram os olhos para muitos de meus defeitos. Enfim agradeço a todos os companheiros que estiveram ao meu lado durante estes longos anos de faculdade.

Agradeço também a Escola Estadual Diretor Nelson Rodrigues, onde leciono, que nos acolheu durante o este período e em especial a diretora, pela sua paciência e apoio durante os eventos que promoveram ao longo de nossa estadia na escola, aos outros amigos da direção, companheiros de sala de aula, funcionários em geral e alunos, pois estou em constante aprendizado e evolução nesta escola e junto de todos.

Um agradecimento especial aos meus irmãos Juliano do Carmo de Sá e Jefferson do Carmo de Sá, por seu amor, afeto e carinho pelas conversas, debates, brigas e conselhos que tanto me ajudaram ao longo de minha vida, pela importância que você tem para mim.

Agradeço também minhas primas Claudia Cabral, Mara Lucia Cabral Marcelino, pelos muitos momentos que passamos juntos, as conversas desinibidas e as boas risadas que sempre estiveram presentes em nossas vidas.

Agradeço ao meu pai Julio Antônio do Rosário de Sá por ter feito parte da minha vida e por ter proporcionado e auxiliado na minha existência.

De forma muito especial agradeço a minha mãe Romilda do Carmo de Sá pelo amor e carinho que sempre me proporcionou, pelos ensinamentos e por fazer parte de minha vida. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Júlio César do Carmo de Sá - Mestrando em História, Unifal-MG, czardesa@gmail.com

*“A princípio ardentemente desejei que o nome romano fosse apagado, e que todo o solo romano fosse convertido em um império dos godos; ansiei para que Roma virasse Gothia. ” Ataulfo (VALVERDE.2000)*

## RESUMO

A Península Ibérica sempre foi berço de civilizações importantes durante toda a antiguidade, o processo de hibridismo ocorrido culturalmente nesta região é sem dúvida base para trabalhos importantíssimos, o que não seria diferente na Antiguidade Tardia. Figuras de suma importância histórica contribuíram para a formação de novas ideias e conceitos que buscamos compreender em nossos estudos. Dentre estas figuras destacamos Isidoro de Sevilha, bispo de suma importância para o estudo do sec.VI, pois, através da definição do termo “Rex”, busca em muitos momentos a fixação de preceitos de humildade, caridade, bondade. Sua visão, através da observação dos atos do Rei Recareto, e tendo este como modelo principal, nos leva a analisar o real papel do Rex Maximus neste panorama catequético, como este usa de sua influência social – como líder guerreiro – para trazer para um só lado, toda uma população que possui crenças próprias e diferenciadas em um espaço geográfico mais amplo. Para isto, buscaremos através da visão Isidoriana este ideal Real para o Reino Visigodo e os principais impactos na iconografia do período dentro das cunhagens visigodas, como facilitador do processo catequético e como símbolo de confiança do Rei Legitimado para com seu povo neste momento de mudanças e fixações de novos pensamentos religiosos e políticos. Junto a esta análise realizaremos a criação de um objeto de aprendizagem que vem como facilitador do entendimento dos alunos do ensino básico sobre este assunto, como um jogo de RPG digital, buscaremos apresentar a história dos godos neste recorte temporal e territorial.

Palavras-chave: Visigodo. Recareto. Isidoro de Sevilha. Moedas.

## SUMMARY

The Iberian Peninsula has always been the birthplace of important civilizations throughout antiquity, and the process of culturally occurring hybridism in this region is undoubtedly the basis for very important works, which would not be different in Late Antiquity. Figures of historical importance contributed to the formation of new ideas and concepts that we seek to understand in our studies. Among the figures we highlight Isidore of Seville, bishop of paramount importance for the study of sec.VI, since, through the definition of the term "Rex", he seeks in many moments the fixing of precepts of humility, charity, kindness. His vision, through the observation of the acts of King Recapture, and having this as the main model, leads us to analyze the real role of Rex Maximus in this catechetical panorama, as this uses of his social influence - as a warrior leader - to bring one side, an entire population that has its own distinctive beliefs in a wider geographic space. For this, we will seek through Isidorian vision this Real ideal for the Visigoth Kingdom and the main impacts on the iconography of the period within the Visigothic coinage, as a facilitator of the catechetical process and as a symbol of trust of the Legitimate King towards his people in this moment of change and fixations of new religious and political thoughts. Together with this analysis we will create a learning object that comes as a facilitator of the understanding of elementary school students on this subject, as a digital RPG game, we will try to present the history of the Goths in this temporal and territorial clipping.

Keywords: Visigoth. Recess. Isidore of Seville. Coins.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- " RECCARED I CONVERSIÓN. " .....	28
FIGURA 2- <i>TREMISSES DO PERÍODO TRANSICIONAL. (ESCALA: C. 2x).</i> .....	36
FIGURA 3- TREMESSIS EM OURO. DO PERÍODO RELATIVO AO REINADO DE RECAREDO (586-601). <i>TREMISSES DO PERÍODO TRANSICIONAL. (ESCALA: C. 2x).</i> .....	37
FIGURA 4- TERÇO DE SOLDADO, OURO, ÉGICA (687-701) CUNHADA EM MÍRIDA, 19,5 MM. ....	56
FIGURA 5- TERÇO DE SOLDADO, OURO, ÉGICA E WITTISA (696-700), CUNHADA EM CÓRDOBA, 19,5MM. ....	57
FIGURA 6- TERÇO DE SOLDADO, OURO, RECENSVINTO (653- 672), CUNHADA EM CÓRDOBA, 19MM. ....	57
FIGURA 7- TERÇO DE SOLDADO, OURO, WITTISA (701-709), CUNHADA EM TOLEDO, 19,3MM.....	58
FIGURA 8- <i>TREMISSES DO PERÍODO TRANSICIONAL. (ESCALA: C. 2x)</i> .....	59
FIGURA 9- <i>TREMISSES DO REINO VISIGODO DE TOLEDO COM BUSTO DO REI E UMA CRUZ, HABITUALMENTE SOBRE ESCADAS, IMITANDO AS MOEDAS DO BIZANTINO TIBÉRIO II CONSTANTINO (578-582). (ESCALA: C. 2x).</i> .....	60
FIGURA 10- <i>TREMIS. (ESCALA: C. 2x)</i> .....	61
FIGURA 11- TREMIS DO REINADO ASSOCIADO DE EGICA Y WITIZA .....	62
FIGURA 12- TRIENTE DE RECAREDO DE ISPALIS (SEVILLA).....	63
FIGURA 13- TRIENTE (575-586) .....	65
FIGURA 14- TRIENTE DE LEOVIGILDO (575-586) .....	65
FIGURA 15- MAPA – REINO VISIGODO DURANTE LEOVIGILDO, AÑO 586. ....	66
FIGURA 16- TRIENTE RECAREDO I (586-601).....	67
FIGURA 17- TRIENTE RECAREDO I (586-601).....	68
FIGURA 18- TRIENTE RECAREDO .....	69
FIGURA 19- JULGAMENTO DE RECAREDO I.....	70
FIGURA 20- RECAREDO I. ....	71

## Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>PERSPECTIVAS DO PERÍODO</b>	<b>21</b>
2.1	Apresentação e Análise de fontes uma breve visão do Período	22
2.2.	Bispo Isidoro de Sevilha, Fontes e Historiografia.	29
<b>3</b>	<b>SOBRE O TEMA</b>	<b>40</b>
3.1	Recareto, o Rei Fiel sob a ótica de Isidoro de Sevilha	40
<b>4</b>	<b>MOEDA E NUMISMÁTICA, QUESTÕES DE CUNHAGEM</b>	<b>55</b>
4.1	Visigodos e o primeiro contato com as moedas adaptando a cunhagem romana	55
4.2.	Evolução das moedas visigodas paralela com sua História	58
4.3.	Tremessis Recareto, conversão e evolução da cunhagem	63
<b>5</b>	<b>TOLEDO PEDAGÓGICO:</b>	<b>73</b>
5.1	O Objeto de Aprendizagem e a utilização de jogos digitais para o Ensino de História	73
5.2.	Desenvolvendo um Jogo Pedagógico: Como aliar entretenimento e ensino?	73
5.3.	Deuses do Tempo: Diretrizes para o uso do objeto de aprendizagem	79
5.4	Deuses do Tempo – Parte 1 – Emporion: O ensino de Mitologia e Cultura Gregas	83
5.5	Deuses do Tempo – Parte 2 – Tartessos: Como aliar investigação do passado histórico com o entendimento do presente?	88
5.6.	Deuses do Tempo – Parte 3 – Toledo: A religião como uma construção	90
5.7.	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	92
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>93</b>
	<u>REFERÊNCIAS</u>	97

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se faz uma análise do momento em questão, relacionado ao reino Visigodo, temos a percepção de que todo o processo ocorrido durante os concílios vem para confirmar a igreja Cristã como parte integrante do poder político que se formaria por parte dos reis godos. Apesar da união que ali ocorria, uma seria independente da outra ficando para este casamento apenas a confirmação do poder que se firmava a partir de então, por parte da divindade Cristã; “Deus” estaria dando suas bênçãos para os governantes e para aquele reino.

Quando analisamos os textos de Isidoro de Sevilha se percebe uma exortação por parte do autor aos deveres que aqueles deveriam ter para com a religião, aparenta evidente, que os direitos do soberano também seriam de suma importância em alguns trechos da obra, mas o ponto central sempre recai a formação religiosa que se iniciaria naquele momento.

A definição do termo “religio” proposta por Isidoro de Sevilha, busca em muitos momentos a fixação de preceitos de humildade, caridade, bondade. Através de sua obra, podemos perceber a preocupação com os conceitos ligados as vias políticas e sociais. Autores nacionais como Rui de Oliveira Andrade Filho e Renan Frighetto, como tantos outros de nacionalidade espanhola e portuguesa analisam em suas obras estes preceitos, como também o impacto que estes textos tiveram em seu período histórico. Fica claro, ao se analisar os textos e fontes relativos ao tema, que as bases políticas, a legitimação divina do poder do rei, as bases cristãs para a religião católica, o trabalho prestado pela igreja e os preceitos religiosos pregados, inclusive o ensino religioso, através da religião e catequética, foram heranças, de certa forma, deste período.

Como já supracitado, os visigodos foram e são base para o estudo dos processos que culminaram no fim do período Antigo; suas relações com o Império, as relações sociais e culturais, o contato com a população romana e sua política, não passaram despercebidos pelos líderes que de forma gradual, utilizaram estes conceitos na formação de seu reino. “Aqui encontramos os partícipes das aristocracias regionais de origem senatorial romana e pré-romana, que envolviam tanto os segmentos laicos como os eclesiásticos, ao lado dos líderes tribais bárbaros presentes, de forma efetiva, desde os primórdios do século V nos territórios romanos ocidentais. Foram estes grupos políticos e sociais os maiores interessados pela

construção de princípios teóricos e ideológicos que defendiam a noção de unidade presente no discurso eclesiástico desde Niceia com uma lógica extensão ao conjunto das instituições políticas e sociais que indicavam o imperator, o rei e o bispo como responsáveis pela preservação unitária do universo político e religioso no ocidente tardo-antigo. (FRIGHETTO,2010, p.116)

Quando falamos de Cristianismo, falamos, nesse caso, do entendido como legítimo ou ilegítimo segundo a abordagem oferecida, mas todos portadores dum mesmo objetivo; oferecer uma explicação lógica sobre a natureza do Deus cristão e a sua conexão ao mundo terrestre, especialmente seu vínculo com a máxima autoridade política e secular legitimando-a e, em teoria, fortalecendo-a ideologicamente diante das ameaças existentes. Esta é entendida como uma das grandes heranças deixadas por este período, mas em relação aos Visigodos, podemos abordar mais ações que foram impactantes para períodos vindouros da História.

A partir dos concílios de Toledo fica praticamente imposto ao poder do rei tarefas além das já conhecidas por eles e advindas do período Clássico, os representantes de Cristo no poder terreno teriam a partir deste momento o dever místico de um governante ungido, a força de um guerreiro, a inteligência de um mestre e acima de tudo a compaixão e piedade de um protetor, ressaltando que estes seriam sempre vistos de perto pela sabedoria da igreja Cristã, mas de acordo com Rui de Oliveira Andrade em seus estudos sobre Isidoro de Servilha e os concílios relacionados, “os reis deveriam impor pelo terror da disciplina aquilo que os sacerdotes não conseguiam através da palavra.” Reges a regendo, afirmava Isidoro, uma vez que manteria o nome de rei aquele que se conservasse governando com retidão, pois perderia esse nome caso pecasse.

Diferenciando o rei do tirano, Isidoro ainda ressalta a piedade como a mais importante das virtudes régias. A ideia do rei com *Alter Christus* reforça ainda a possibilidade do mito, de uma recondução, de uma recriação, retirando o reino de um aparente caos, inserindo-o na nova história linear, que começou/renovou a partir da vinda de Cristo. ” (Rui). Em tese estas tarefas deveriam ser mantidas e seguidas em pleno consentimento dos súditos do reino e que a partir deste momento a difusão do cristianismo pelo reino se daria de forma mais ampla, conceitual e direta, mas, não foram estes os resultados obtidos em primeiro momento.

Partindo do que foi estabelecido durante o IV Concílio de Toledo, ministrado por Isidoro de Sevilha e ocorrido durante o governo de Sisibuto, substituído de Recareto a frente do Reino Visigodo, temos uma visão final do que seria o papel do “Rex Fidelis” junto a seus súditos.

O cânone 75 do 4Toledo, reconhecia o monarca como ungido do Senhor, Christus Domini. Preservava-se, contudo, a Monarquia eletiva, dispondo-se que morto pacificamente o rei, a nobreza de todo o povo, em união com os bispos, designaria, de comum acordo, o sucessor do trono. Estipularam-se anátemas para aqueles que fossem culpados de infidelidade, que atentassem contra a estabilidade da pátria (sic), do povo dos godos e da pessoa do rei. Ressalvava-se, todavia, que se algum rei desrespeitasse a lei ou governasse despoticamente, com soberba, entre delitos, crimes e ambições, seja condenado com sentença de anátema, por Cristo Senhor, e seja separado e julgado por Deus, porque atreveu-se a trabalhar mal e levar o reino à ruína. Esta disposição do concílio encontrava respaldo noutra obra de Isidoro, que recolhia a conhecida sentença rex eris se recte facias, si non facias non eris. O mencionado cânone 75 ainda reconhecia o monarca como escolhido do Senhor, Christos meos, através da gratia Dei. A frase rex Dei gratia não aparece na documentação disponível sobre o reino de Toledo; porém, a expressão citada, assim como a frase isidoriana Suintila gratia divina regni(...) possuem um valor conceitual equivalente. Era, dessa forma, uma desobediência às normas divinas. (ANDRADE FILHO, 2013)

É clara a intenção estabilizadora das palavras dos Concílios de Toledo que surgiram a partir de Leovigildo a princípio mais em benefício político que para a conversão total religiosa, mas as linhas tomadas por estas reuniões, vieram a modificar plenamente o poder régio para o reino, fortificando e mantendo uma estabilidade real e aristocrática diante das mudanças eminentes. O poder político caminharia em conjunto com os religiosos e as decisões tomadas pelo rei passariam a ser inspiradas pelo poder divino.

Nesta perspectiva se inicia um trabalho de elaboração de uma teoria política, que buscava garantir a Monarquia através de um sistema teológico, onde ganham destaque, especialmente, as ideias de Isidoro de Sevilha. A partir destas ideias que há a formação do poder em todo o reino.

Podemos perceber que a partir da Fragmentação regional e social, seria cabível ao Cristianismo católico a elaboração ideológica da Unidade do Reino, com o intuito de dar coesão aos seus diversos tons, com esta visão foi necessário através dos Concílios de Toledo a fixação destes ideais, para uma conversão oficial do reino, que viria a ser realizada por Recaredo, seria a consolidação e estabilização de vantagens adquiridas pela nova aristocracia que neste momento unia godos e hispano romanos em torno de um único objetivo.

Mas a população, os servos e o povo visigodo, estava a partir deste momento passando por uma transformação cultural e religiosa, a primeira etapa do processo foi vitoriosa, ao pensarmos na transformação do poder real em um poder real e eclesiástico, visto que a igreja a partir de Leovigildo e principalmente com a conversão oficial de Recareto passa a ter como parceira a entidade religiosa em crescimento.

A população enxergava em seu governante, um representante direto do divino, seu poder estava legitimado perante as forças políticas, mas devemos pensar como seria, a partir de então a relação do rei para com seu povo, não só como um representante político- militar-religioso, mas como um deles, para um povo que tinha seu governante próximo como membro da sociedade, teria uma imagem de alguém distante e de poder maior do que o já visto.

Quando pensamos nesta perspectiva, visualizamos que culturalmente o rei se mantem como um comandante - advindo de Alarico e Adufo, primeiros líderes militares visigodos que adotaram a alcunha de Rex -, como imagem de proteção e de exemplo para com seus comandados, mas como representante de uma igreja que se erguia neste momento, poderia se mostrar como fraco para com a população. Também podemos pensar na diversidade religiosa presente neste momento, enquanto temos representatividade do Cristianismo ariano - recém adotado após o Concilio de Niceia – temos em evidencia dentro do reino, seguidores de um Cristianismo ariano - presente e forte dentro da corte de Leovigildo e Recareto -, além de pagãos rurais e defensores da permanência de uma religião germânica natural deste povo.

O cenário que percebemos, nos apresentam a dificuldade que os governantes teriam a partir do momento em que aceitassem para o si uma destas religiões evidentes dentro do Reino Visigodo, o rei além de representante, símbolo, protetor e líder teria que catequisar junto com a Igreja Católica, todo o reino e ao mesmo tempo , manter suas características e sua força como representante maior deste povo, além de manter o título de líder militar, deveria se manter como símbolo de poder e ao mesmo tempo, figura patriarcal para com os Visigodos.

Nosso intuito ao investigar estes processos que culminaram na formação real no reino Visigodo, principalmente no âmbito sócio cultural da relação real com seus súditos, são a de estabelecer parâmetros que foram vistos por Isidoro durante o Reinado de Recareto e ainda mais, tendo como exemplo suas ações a frente do III

Concílio de Toledo, após o termino deste e a partir daí, entender como se procedeu suas ações e decisões como governante e exemplo de Rei para o Sevilhano.

Não tendo somente uma visão dos deveres e da posição Cristã, mas também do pensamento que se inicia com estes fatos, acima de tudo, da participação real do rei para com seu povo, e como se deu a divulgação destes novos preceitos para a população visigoda após sua aceitação como cristã católica (século VI e VII), período que corresponde aos governos que iniciam com Leovigildo, que unificou fisicamente todo o reino aderindo territorios e unificando o mapa do Reino; e indo até o governo de seu filho Recaredo, através de um estudo feito das fontes do bispo Isidoro de Sevilha em sua obra "Las Historias de los godos, vândalos y suevos"; buscando um melhor entendimento deste período e de todas as relações que encontramos ligadas aos personagens históricos, já citados.

De forma geral iniciamos com a questão sobre o assunto, que diz respeito as formas que são vistas por Isidoro em Recareto para a formação de uma ideia do que se deve ser o rei para os visigodos, um estudo que culminou no IV Concílio de Toledo, com a fixação dos principios do que deveria ser a base para a legitimação definitiva de diversos Reis visigodos a partir de então. Quais foram as táticas realizadas pelo Rei Recareto junto a seus servos/suditos para manter uma proximidade com os mesmos, que possibilitou ao mesmo tempo manter sua imagem real enquanto auxiliava na conversão dos mesmos, e principalmente possibilitou que este fosse visto como um ideal real pelo bispo Isidoro.

Neste ideal, questionamos os atos de Recareto a frente do governo visto que fisicamente o Reino já estava unificado; o que foi feito por Leovigildo e facilitava a dedicação de Recareto na resolução dos problemas politicos e palacianos. Como estas atitudes foram vistas por Isidoro como base para todo o seu trabalho de legitimação do poder do Rei como representante ungido pela igreja e consequentemente pelo Deus cristão. E tambem e não menos importante, quais serão as consequências desta relação para a formação sócio política do Reino Visigodo a partir de Recareto.

Iremos buscar identificar de forma geral, a participação real junto a igreja, tendo como personagem e objeto de nossos estudos o Rei Recareto pela visão Isidorina, e junto aos seus súditos, no contexto cultural e social, para manter a imagem de um rei justo por parte dos palacianos e clérigos católicos visigodos e ai sim ser a principal fonte de pesquisa para o bispo isidoriano.

Especificamente, como Isidoro usou das atitudes de Recareto para forjar sua obra que ficará como base para Reis que viriam após o mesmo, mas sem se esquecer da contribuição indireta do rei Leovigildo em seu processo de Unificação territorial do Reino. Como o *Rex* irá se ligar ao *Fidelis* através da visão Cristã Católica pela visão isidoriana, todos os preceitos, deveres e vantagens deste processo, qual seria a imagem inicial e principalmente o produto desta ação clerical e quais seriam as consequências para todo o período de permanência dos visigodos na Península Ibérica. Não obstante, será nossa intenção, ponderar sobre os métodos que foram usados para introduzir a obra de Isidoro dentro de todo o reino, sem se esquecer que como bispo o sevilhano presidiu o IV Concílio de Toledo, tendo como base as ações de Recareto e não tendo este como imagem maior do Rei ideal, e sim como base desta figura que será a base de nosso trabalho.

Ao propor este projeto, temos em mente o enquadramento do mesmo em uma linha que buscara apresentar e discutir aspectos que diferenciam os povos que estiveram presentes neste período e foram essenciais para que houvesse o desenvolvimento político-religioso do mesmo; tendo como base os povo visigodo, mais focado na formação do seu reinado em terras Hispânicas a partir do século IV, mais em particular a partir da formação do Reino de Toledo em 507 d.C., onde os mesmos, se estabeleceram e ali iniciaram uma relação com a religião Cristã Primitiva/nicênic, onde deu-se grande parte das mudanças regias primordiais para este e outros períodos da História Iberica.

Leovigildo e Recareto são dois governantes que tem certas particularidades, primeiro, são pai e filho, único caso de transição hereditária- mesmo se tivermos em mente a presença de Hermenegildo, filho primogenito de Leovigildo- nos governantes visigodos, apesar de não ter continuado, foi de grande importância para a formação e adequação do reino visigodo no período apresentado. Ambos são citados em obras de autores e estudiosos, tantos brasileiros, quanto espanhóis e portugueses, além de estar presente nas indagações e textos de Isidoro de Sevilha, e de ser ambos, responsáveis pela fixação dos Concílios de Toledo, como forma importante de se adequar questões políticas com clericais dentro da península, mas ainda podemos ver seus reinados por visões diferenciadas dos autores que já trabalham sobre este tema.

O fato de os estudos se focarem em uma imagem que circunda a importância da igreja Cristã junto a sociedade, nos leva a pensar na contrapartida real/política e

em todos os fatores que estão relacionados a este; diversos autores nacionais e estrangeiros, abordam o primeiro cenário, deixando possibilidades de análise possíveis para uma visão política do período e que podem viabilizar novas análises desta fonte, que é Isidoro de Sevilha, de uma forma diferenciada e relativamente nova.

O trabalho de certa forma é pertinente se pensarmos na contrapartida real neste processo, os autores em questão abordam a importância do processo pelo viés religioso político, não abordando a população visigoda, formada por cidadãos com crença cristã ariana, judeus e alguns mulçumanos presentes no reino, além daqueles que eram considerados pagãos, como foi, ou provavelmente se deu a aceitação destes, perante as mudanças que começavam a acontecer em todo reino. Mas acima de tudo, pela visão religiosa, visto que Isidoro, um personagem de suma importância no período, usa das experiências adquiridas durante sua formação junto a seu irmão Leandro para se tornar bispo e personagem primordial na formação do Reino.

Todo este processo foi de suma importância para que possamos entender a fixação do Rei fiel; dentro dos princípios de uma igreja que se forja ao poder real, formando assim uma nova possibilidade para o poder real, tanto no reino Visigodo, quanto na Península Ibérica, como também para outros reinos que se fixarão neste período.

A perspectiva de uma possível nova análise da fonte deste importante autor, Isidoro de Sevilha, é, em um primeiro momento, um leque de possibilidades que surge para o entendimento diferenciado dos fatos do período, além disto há o campo que abrange outras fontes para auxílio nesta análise, a presença de um catálogo numismático de amoedagem visigótica, que facilitará a visualização de características únicas dos soberanos visigodos em questão e suas peculiaridades na relação com a religião Cristã.

A quantidade de autores que abordam e discutem o tema nos possibilita analisar e buscar um melhor entendimento dos fatos que sucederam os concílios de Toledo, III e IV, e além disto, nos abre a possibilidade de novas discussões, sendo relevante para um melhor entendimento do período, visto que as mudanças que ocorreram neste período, juntamente com a fixação da religião Cristã Nicênic, como principal neste novo mundo em formação, nos dá uma visão de como se formará, mas a frente, no período medieval, os reinos que posteriormente se

tornariam nações as quais conhecemos e tem ligação direta com nossa nacionalidade.

Fica também em aberto, a possibilidade de anexação de outros autores que facilitaram, ou poderão ser de suma importância como catalisadores de informação sobre o período. O processo de pesquisa ocorrerá a partir da leitura e análise das fontes elencadas e estudos da bibliografia já produzida, que de alguma maneira tragam informações e conseqüentemente, novos conhecimentos acerca da problemática estabelecida.

Em suma, a realização da proposta de estudos consistirá em investigar as fontes estabelecidas, fazer constantes levantamentos bibliográficos acerca do que se tem produzido sobre o assunto e elaborar maneiras que possibilitem a aplicação dos resultados futuramente obtidos, considerando novas temáticas que possam oferecer visões também relevantes sobre este assunto, e que tem um grande diferencial junto a História a partir deste momento e para o estudo de períodos futuros , além da importância de um estudo mais aprofundado sobre a História da Península Ibérica para seu melhor entendimento.

A Península Ibérica sempre foi berço de civilizações importantes durante toda a antiguidade, o processo de hibridismo ocorrido culturalmente nesta região é sem dúvida base para trabalhos importantíssimos, o que não seria diferente na Antiguidade Tardia. Figuras de suma importância histórica contribuíram para a formação de novas ideias e conceitos que buscamos compreender em nossos estudos.

Para isto, buscaremos através da visão Isidoriana este ideal Real para o Reino Visigodo e os principais impactos na iconografia do período dentro das cunhagens visigodas, a introdução da simbologia cristã nas moedas contribuiu para uma melhor difusão do pensamento que se fixava no reino, como facilitador do processo catequético e como símbolo de confiança do Rei Legitimado para com seu povo neste momento de mudanças e fixações de novos pensamentos religiosos e políticos.

Podemos perceber com esta discussão, a importância da análise de moedas e das mesmas para dado período, pois através destas análises podemos buscar elucidar fatos e momentos de forma mais clara e específica, as moedas tinham um papel primordial na propaganda e na comunicação em todo o reino visigodo durante sua permanência na península ibérica, além de nos auxiliar no entendimento de todo

o processo pelo qual levou este povo a se estabelecer na Hispania , este é uma assunto que ainda hoje circunda as mentes daqueles que buscam um melhor entendimento dos povos visigodos .

Este é apenas um pequeno exemplo da disparidade de critérios que têm sido e indica a enorme dificuldade da avaliação de peritos da moeda visigótica, com os poucos meios esses pesquisadores ilustres teve que fazer um parecer e que não era outro senão vista, toque e comparação com outras partes não duvidosas... (*Monedas Visigodas*, 2002)

A importância da numismática para o entendimento de um período longo e complexo vai além do entendimento das relações comerciais destes povos, passa pelo entendimento político, a complexidade que percebemos nas relações visigodas dentro da Península Ibérica vem de períodos anteriores, e estas relações vem da aceitação dentro do Império Romano e vai até sua fixação e formação do reino de Toledo, os reis buscaram se fortalecer politicamente e conquistar sua hegemonia tendo como parceiras as casas de cunhagem, a exemplo dos romanos fizeram das moedas sua força maior .

## 2 PERSPECTIVAS DO PERÍODO

Pensamos no período como um caldeirão de fatos que propiciaram uma mudança significativa no fim da Antiguidade Tardia, período em que os valores romanos se dividem em diversos povos que adentram e dividem este império em reinos específicos. Os visigodos foram protagonistas em diversas destas mudanças, e de forma esplendorosa, Isidoro narra um período importantíssimo deste momento que borbulha de fatos e ações que modificaram nossa visão de como o poder Real se propaga dentro do reino e em consequência, pela península Iberica.

A referencia real, o poder visivelmente divino adotado pelos governantes do período vem de uma perspectiva Greco Romana, que valorizam preceitos helenísticos e Cristãos dentro de uma unificação que tenta se adaptar dentro de um reino com diversas reviravoltas políticas.

Percebe-se que, apesar de argumentar que o *logos* cristão deve se tornar hegemônico com relação ao *logos* grego, um aspecto que merece ser destacado ainda é o fato de Gregório nutrir uma sincera e declarada admiração pela tradição literária helênica. Percorrendo essa linha de raciocínio, acho que Gregório discordava da idéia de se impor o *logos* grego como único, mas não parece tampouco afeito à idéia de imposição do *logos* cristão como exclusivo. O *logos* cristão seria superior em relação ao grego, podendo absorvê-lo transformando-o, sem precisar negá-lo ou anulá-lo por ato da força. (CARVALHO, 2006)

A visão de um ideal de governo Real, é discutido e analisado por diversos estudiosos, que analisam a junção da filosofia advinda do período Clássico e que esta visível em análises feitas por historiadores como Margarida Maria de Carvalho em sua análise do governo do Imperador romano Juliano, e que serve de base para nossa análise.

O processo que culminou na legitimação do Rex Gothorum dentro do reino visigodo de Toledo é um tema que perpassa as pesquisas de diversos historiadores de renome e que possibilita uma visão ampla e um assunto com diversas possibilidades de análise, o período é rico em questões e ações políticas que permeiam parcerias e embates políticos, os quais possibilitam análises variadas do tema. Os autores que dialogam com o tema buscam compreender os fatos que transcorreram no período e sobre a temática.

## 2.1 Apresentação e Análise de fontes uma breve visão do Período

Quando pensamos em península ibérica no período da antiguidade tardia, pensarmos em um processo de consolidação do reino visigodo, na unificação do reino e na formação das características primordiais que são marcantes no reino e posteriormente ao mesmo. Um dos responsáveis por este processo é o rei Leovigildo, que em todo o período de seu reinado buscou a consolidação das fronteiras reais e a unificação dos povos de seu reino.

De forma específica, podemos ver Leovigildo como o unificador das fronteiras do reino e como consolidador de um reino visigodo forte. Vale lembrar que até este momento os visigodos viviam em embates com outros povos germânicos que habitavam as fronteiras ibéricas e com as fronteiras remanescentes do império romano. Leovigildo foi o responsável pela total unificação dos povos, através de lutas e batalhas que caracterizaram e forjaram as fronteiras permanentemente para o Reino visigodo. Mas não somente isto, no período de seu reinado, o rei vivenciou os problemas ligados à legitimação de seu poder e ainda mais, com a inconstância dos pensamentos religiosos de seu povo. Vale lembrar que como povo de origens germânicas, os godos cultuavam a natureza em sua totalidade, com preceitos místicos característicos e específicos.

Com a ascensão do cristianismo, este misticismo passa a ter outras visões e características, o cristianismo passa a invadir reinos como a vida quotidiana de todos os povos da Europa ocidental e oriental. Os visigodos abraçaram o pensamento Cristão durante o processo e a passagem pelo território do império romano, adotado por parte do seu povo, o cristianismo pregado por Arios e aceito a princípio como uma das várias facetas cristãs, o arianismo se difundiu e se fortaleceu dentro do território visigodo. Não somente o Arianismo, mas o Cristianismo que hoje conhecemos como catolicismo que pregava a consubstancialidade da trindade Cristã.

Leovigildo iniciou um processo que culminou no fim de toda influência romana direta dentro do reino visigodo e da península ibérica, possibilitando uma nova etapa que veio com Recareto, uma visão mais política, que teve por premissa o fim das discussões que permeavam os clérigos cristãos arianos e os católicos que

professavam sua fé a partir da união consubstancial das três pessoas da santíssima Trindade.

Dentro de todo este processo, temos as questões familiares que também facilitaram a subida de Recareto ao poder, como o embate que vemos entre Leovigildo e seu filho Hermenegildo, que professavam fés diferentes, o que levou ao assassinato do filho que professava o catolicismo, e foi considerado traidor com relação ao pai e ao reino, sendo assim exilado e logo após morto. Esta foi uma das varias revoltas palacianas que ocorreram durante todo o governo de Leovigildo, e também após este período, já no governo de Recareto, e após este período nos governos de diversos Reis visigodos, o que acabou por se tornar uma constante quando falamos em reino visigodo.

Recaredo estuvo con su padre, en la guerra contra su hermano Hermenegildo, cuando este abrazó el catolicismo, seis años más tarde asumió en Sevilla, el título de rey, hay pocos informes hispánicos sobre ello, pero Recaredo fue mediador en la capitulación de Hermenegildo en Córdoba, según el historiador Gregorio de Tours. Hermenegildo fue perdonado pero este hecho, pero más tarde sería arrestado por orden de su padre y desterrado a Valencia y posteriormente trasladado a Tarragona, siendo asesinado en Pascua del año 583 por el carcelero Sisberto. (THOMPSON, 1969)<sup>2</sup>

A sucessão dos reis visigodos não foram fáceis, nela se encontrava uma diversidade de interesses que produziavam diversas formas de sucessão. A partir dos concílios cristãos uma singularidade passa a ser primordial para a passagem de poder real, sendo estes reis obrigados (até certa parte) a estarem ligados ou até mesmo a aceitar os preceitos religiosos para se manter de forma confortável no poder.

O primeiro rei a estar ligado a esta forma cristã de sucessão e que modificou claramente a forma de vida palaciana no reino foi Recaredo, o personagem de nossa análise, uma figura histórica de grande aceitação e detentor de diversos elogios, proclamado como primeiro rei católico da Hispânia visigoda. Dentre diversos cronistas e estudiosos da época podemos destacar o Pontífice Gregório I Magno (890- 604).

---

<sup>2</sup> Recaredo estava com seu pai, na guerra contra seu irmão Hermenegildo, quando este se esforçou para o catolicismo, seis anos depois assumiu em Sevilha, o título de rei, há poucos relatórios hispânicos sobre isso, mas Recaredo foi mediador na capitulação de Hermenegildo Em Córdoba, de acordo com o historiador Gregorio de Tours. Hermenegildo foi perdoado, mas esse fato, mas depois seria preso por ordem de seu pai e exilado para Valência e depois transferido para Tarragona, sendo assassinado na Páscoa do ano 583 pelo carcereiro Sisberto..

Recareto foi considerado como um conquistador de povos Cristão, ou conquistador de novos povos para a igreja católica, renovando assim a glória dos maiores príncipes cristãos de todos os tempos. Dentre suas maiores proclamações Recareto tomando o comando do III Concílio de Toledo se converteu ao cristianismo e conduziu o Concílio para seu final diferenciado, podendo este ser comparado ao imperador Constantino como gestor do Concílio de Niceia (325), em que este condenou o Cristianismo de Ários, ou Arianismo, como um reduto de heresias fixadas dentro de uma religião.

Recaredo era el primer hijo del rey visigodo Leovigildo y de su primera mujer, que desconocemos, posteriormente Leovigildo se casó con Goswinta (viuda de Atanagildo). También existen noticias tardías y de dudosa credibilidad, de que su madre era una dama católica de estirpe Hispano romana. Su fecha de nacimiento estaría comprendida entre los años 560-565 antes de que Leovigildo fuera rey. En el año 573, Leovigildo, asoció al trono como corregente "consortes regni" a sus dos hijos Hermenegildo y Recaredo<sup>3</sup>. (ORLANDIS, 2011.)

O processo eclesiástico que culminou em todos estes problemas está relacionado à necessidade de se estabelecer, tanto do cristianismo de Arios quanto dos católicos, que buscavam um espaço para seus preceitos religiosos e uma participação maior dentro dos atos políticos do reino tentando fixar as ideias como primordiais naquele momento.

O período em que estamos trabalhando borbilhava de renovações político-religiosas, em diversos reinos a religião Cristã Nicênicabria caminhos de conversão e espaço para uma atuação mais próxima dos reis e representantes da realeza. Constantino foi um dos principais nomes reais do período que utilizaram esta temática a seu favor, se convertendo e instituindo a religião como oficial em seu reinado, e de seu reino bizantino. No reino recém unificado dos Visigodos, encontrávamos diversos focos de resistência e de confronto por parte dos Arianos e católicos nicênicos.

Vale ressaltar que além dos processos e problemas relacionados aos embates das duas realidades religiosas, temos todos os problemas ligados a uma

---

<sup>3</sup> Recaredo foi o primeiro filho do rei visigótico Leovigildo e sua primeira esposa, a quem não conhecemos; depois Leovigildo casou-se com Goswinta (viúva de Atanagildo). Há também notícias tardias e credibilidade duvidosa de que sua mãe era uma mulher católica de descendência católica romana. Sua data de nascimento seria entre os anos 560-565 antes de Leovigildo ser rei. Em 573, Leovigildo, associado ao trono como corregente "consortes regni" para seus dois filhos, Hermenegildo e Recaredo.

indecisão e uma ruptura entre os membros da nobreza atuante no reino, incluindo embates e manipulações ligadas ao irmão de Recareto, Hermenegildo, que busca junto aos arianos uma legitimação e conversão do reino.

Após todo o período em que Leovigildo unifica a Península Ibérica em 585 e instaura o reino visigodo hispânico em substituição à Hispânia romana, algo que permanecerá até 711, com as invasões mulçumanas. Durante esse tempo, o reino foi unificado sob uma única coroa, uma religião comum, um legado cultural e uma lei unificada. Ele imaginou, na segunda metade do século VI, uma fórmula para atrair todos os direitos para seus Espano-romanos manteria a constante intenção da hierarquia de se converter ao arianismo. Mas era seu filho e herdeiro pretendido, Hermenegildo, que se converteu ao catolicismo e que abalou profundamente a visão religiosa dentro do Reino levando a ser visto como uma ameaça a estes eclesiásticos de Arios.

Estos hechos históricos, tuvieron que afectar profundamente a Recaredo que le harían tomar otra conducta en relación con su padre Leovigildo. Recaredo en su juventud, aparece como hombre de guerra y de paz, junto a su padre, dirigió una campaña victoriosa contra los franco. Cuando en el año 585, Gontrán de Borgoña (franco) lanzó una campaña contra la provincia visigoda de la Narbonence, Recaredo obtuvo un éxito notable, rechazando a los invasores y demostrando ser un excelente caudillo<sup>4</sup>. (THOMPSON, 1969)

Durante a segunda metade do século VI os hispânicos acabam por impor suas formas de vida e de ser aos governantes visigodos, o que levou a diversas revoltas palacianas e também levou Hermenegildo a participar de uma destas revoltas, professando sua fé e tentando introduzir de forma a princípio forçada esta ideologia dentro do palácio e também de todo o reino visigodo.

Como ponto de partida, Leandro de Sevilha e o pontífice Gregório Magno, por volta de 580, tentaram incorporar duas primeiras contribuições para uma vida europeia eclesiástica mais ampla. A primeira veio da necessidade de fornecer o clero secular de uma regra ou norma de vida semelhante aos dos beneditinos, uma

---

<sup>4</sup> Esses fatos históricos tiveram que afetar profundamente a Recaredo, que faria com que ele fizesse outra conduta em relação ao pai Leovigildo. Na sua juventude, ele aparece como um homem de guerra e paz, com seu pai, liderou uma campanha vitoriosa contra os francos. Quando em 585, Gontrán de Borgonha (Franco) lançou uma campanha contra a província visigoda de Narbonde, Recaredo obteve um sucesso notável, rejeitando os invasores e provando ser um excelente caudilho. THOMPSON. E.A.: Los Godos en España, Recaredo y los francos. Madrid, 1969, 111-113.

regra pastoral adotada por Leandro após a morte de Leovigildo e instalado em Sevilha.

Mas a contribuição decisiva para o futuro da Europa tomou forma no III Concílio de Toledo, em 589, convocado pelo rei Flavio Recareto, sucessor de Leovigildo, e patrocinado pelo bispo Leandro, irmão mais velho de Isidoro de Sevilha. Nesse conselho Recareto converteu-se ao catolicismo e adotou a religião como a fé oficial do reino, abandonando o arianismo.

Entre outras decisões, foi acordada a transferência de jurisdição de bispos católicos que induziam os cristãos arianos a adotar e recitar o credo a eles, e proibir os casamentos praticados pelo clero ariano; leis promulgadas pelo rei na Lei de confirmação do concílio.

Após a morte de seu pai, sobe ao poder e já se depara com diversos problemas relacionados à consolidação dos clérigos dentro do reino, Recareto recebe uma Hispânia visigoda, sem as influências diretas dos romanos, cujo ideal foi disseminado pelas lutas e batalhas travadas pelo seu antecessor e pai, Leovigildo.

Uma nova Hispânia surgia sobre os ideais visigodos, mas, que ainda permeava os problemas palacianos e cujas as revoltas teriam um final com a conversão de Recareto e conseqüentemente de todo o reino a uma só religião, que passaria a estar presente em diversas decisões políticas a partir de então.

Através dos relatos de Isidoro de Sevilha, nos é apresentada a imagem de um Rei Cristão ungido e ideal, a imagem que o autor relata do Rei que converteu o reino é de uma pessoa amável, justa, de notável bondade, benevolência e que estas virtudes serviriam de base para todo o ideal político pregado pelo bispo, que mesmo sem tais pretensões, implantou o ideal político, com bases cristãs e inspirado em certa parte na obra de Cidade de Deus.

San Isidoro lo presenta en "La historia de los Godos", como la contra figura de su padre y el reverso de la medalla que fue este. San Isidoro le da los atributos como amable, atractivo, apacible, delicado, de notable bondad, con gran benevolencia, estas virtudes influenció en todos que incluso se ganaba el afecto de los malos. Ya hemos dicho que Recaredo fue hombre de paz, solo se exceptuaron las escaramuzas fronterizas con los bizantinos, vascones y el rechazar las agresivas incursiones francas en la provincia de la Narbonense<sup>5</sup>.(ORLANDIS, 2011.)

---

<sup>5</sup> San Isidoro apresenta-o em "A história dos godos", como a contra figura de seu pai e a parte de trás da medalha que era essa. San Isidoro dá os atributos como gentis, atraentes, gentis, delicados, de notável bondade, com grande benevolência, essas virtudes influenciaram em tudo o que até ganhou o carinho do mal. Já dissemos que Recaredo era um homem de paz, com exceção das

Como um homem estadista, com ideias claras, capaz de resolver todos os problemas e embates derivados dos reinados anteriores e seus enfrentamentos, em busca da paz, resolveu os embates com os Francos sendo este um de seus objetivos políticos desde o início de seu reinado.

A principal preocupação de Recareto foi a política religiosa de seu reino, o seu objetivo era a conversão dos visigodos ao catolicismo e a unificação religiosa do reino. Recareto abraça a fé católica no décimo mês de seu reinado em fevereiro de 587, uma figura grandiosa e onipotente, conseguiu a unidade religiosa de uma forma diferenciada do que buscava seu pai Leovigildo. Com a conversão pessoal e consequentemente de todo o reino, ficando para os clérigos da igreja a missão de converter as diversas áreas e regiões do reino, pois a partir deste momento as diversas formas religiosas do reino passam a estar vinculadas a apenas uma religião.

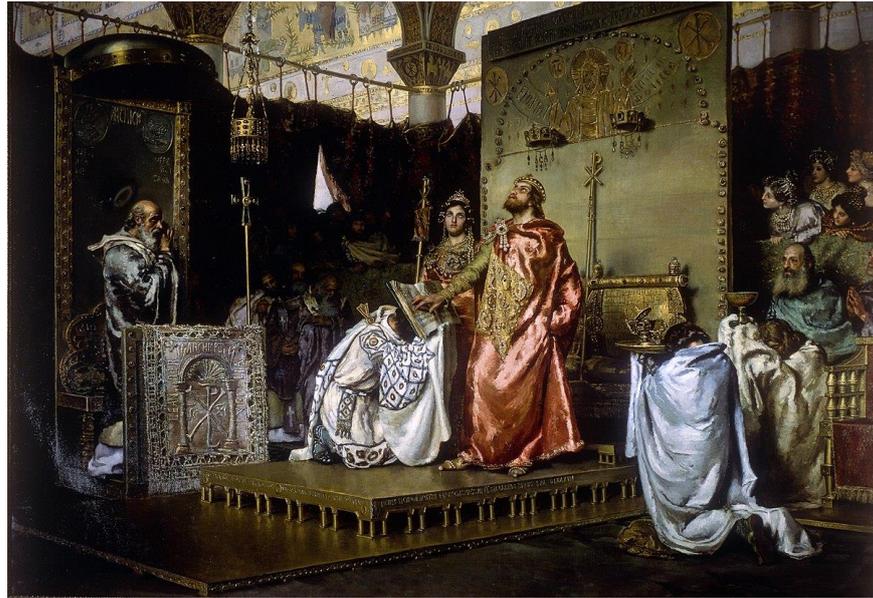
Planteó al episcopado "gótico arriano", su acercamiento a la Iglesia, dialogó con los obispos, según el historiador Juan de Biclara, Recaredo actuaba más por la fuerza de la razón que por imperativo de mandato, y en el Concilio III de Toledo, el ya católico rey Recaredo pudo gloriarse de ser el introductor de sus pueblos en la Iglesia Católica y presentar al Dios Trino y Uno como grandísima ofrenda "la ínclita raza de los godos" y la muchedumbre infinita de los pueblos suevos<sup>6</sup>.(THOMPSON, 1969)

O rei reestabelece os bens da igreja , que anteriormente haviam sido confiscado pelos governantes anteriores, a cordialidade com a igreja romana é retomada, tanto que o papa Gregório Magno envia como oferenda ao pontífice na basílica de São Paulo, um cálice em ouro e pedras preciosas e o mesmo responde com uma carta fechada com relíquia relacionadas ao apóstolo Pedro.

---

escaramuças da fronteira com os bizantinos, bascos e rejeitar as agressivas incursões francas na província de La Narbonense.

<sup>6</sup> De acordo com o historiador Juan de Biclara, Recadeto atuou mais pela força da razão do que pelo imperativo de mandato, e no Concílio III de Toledo, propôs ao episcopado do "Arian gótico", sua abordagem à Igreja e o diálogo com os bispos. E o Rei Católico Recaredo pôde se vangloriar de ser o apresentador de seu povo na Igreja Católica e apresentar ao Deus Triúno e Ai como a grande oferenda "a incontestável raça dos godos" e a infinita multidão dos povos Suevianos. THOMPSON. E.A.: Los Godos en España. Madrid, 1969,130.



**FIGURA 1-** " RECCARED I CONVERSIÓN. "

FONTE: DISPONIVEL: EM  
 <[HTTPS://WIKI2.ORG/ES/ARCHIVO:RECCARED\\_I\\_CONVERSION,\\_BY\\_MUNOZ\\_DEGRAIN,\\_SENATE\\_PALACE,\\_MADRID.JPG](https://wiki2.org/es/Archivo:Reccared_I_Conversion,_by_Munoz_Degrain,_Senate_Palace,_Madrid.jpg)>. ACESSO:  
 EM 27 DE AGO DE 2017.

Recareto se coloca para o reino como um novo regente ou como um “novo homem” que iniciou um novo tempo com uma nova e própria política, sem ter nada a ver com a política de sucessão de seu pai. Durante a celebração do III Concílio de Toledo, o irmão de Recareto, Hermenegildo, foi homenagiado por ter se convertido ao catolicismo e por ter sido catequisando de Leandro de Sevilha.

Se consideró que el pueblo godo había llegado a la Iglesia Católica por su nuevo rey Recaredo, y siguiendo el camino que éste había trazado al abrazar la fe a poco de ocupar el trono. Recaredo no quiso ser continuador de nadie, ni de nada sino iniciador de un período histórico original que significaba la superación de las divisiones y las discordias del pasado.<sup>7</sup> (SÁNCHEZ, 1992)

Dentro do cenário criado pelos visigodos ao adentrarem a Península Ibérica e se estabelecerem inicialmente ao norte da península em Toulouse, muitos foram os fatos que propiciaram sua permanência neste território, mas acima de tudo, foram grandes os processos de transformação\adaptação pelos quais passou este povo. Seria complicada a análise deste período se não fosse pelos documentos deixados

<sup>7</sup> Considerou-se que o povo Godo havia chegado à Igreja Católica pelo seu novo rei Recareto e seguindo o caminho que este havia traçado ao abraçar a fé em breve para ocupar o trono. Recareto não quis ser continuador de ninguém ou de nada além de iniciador de um período histórico original que significou a superação das divisões e discórdias do passado.

por Isidoro de Sevilha, que possibilitam um melhor entendimento e descobertas constantes sobre a permanência e expansão dos Visigodos dentro da Península Ibérica.

## **2.2. Bispo Isidoro de Sevilha, Fontes e Historiografia.**

O processo que culmina na formação de identidades diferenciadas e de formação/consolidação de relações políticas de suma importância para o Reino Visigodo, durante sua permanência na região de Toledo e abrangendo diversas regiões, abarcando grande parte da península em sua totalidade e modificando as relações do poder real com sua população em todo o reino. É neste período que surge o Religioso Isidoro de Sevilha.

O bispo visigodo Isidoro de Sevilha, por meio de alguns de seus trabalhos, foi um dos principais responsáveis pela construção do conjunto de concepções políticas relativas à Monarquia visigoda, bem como, pela solidificação e normatização dessa instância de poder, especialmente, quando observamos os Concílios visigóticos. O sevilhano viveu durante um período de transformações, no qual buscava-se a unidade religiosa, política, legal, administrativa e de identidade do reino. Tal ambiente teve forte influência na edificação de suas ideias. Em razão de sua força e de sua riqueza intelectual e episcopal, ele exerceu uma preeminência sobre o reino visigodo e seus príncipes (FONTAINE, 2002, p. 99).

O religioso participou efetivamente das mudanças ocorridas na península ibérica e de adequação dos visigodos à nova realidade, narrou e comentou os fatos com primazia e elaborou possíveis conceitos que foram de suma importância para o poder político-clerical no reino durante sua prevalência na península entre séculos VI e VIII.

Contemporâneo do rei Recareto, narrou os fatos que possibilitaram a conversão do mesmo frente à religião cristã Nicênicamente e teceu textos que demonstravam características importantes deste soberano. Sua obra é de suma importância para o conhecimento das vidas dos Rex Visigodos e ainda os processos que foram decorrentes deste período através das conquistas de Leovigildo e também a partir da Conversão de Recareto (586-601).

Isidoro nasceu na cidade de Cartagena (Espanha) em 560, filho de Severiano e Teodora, ambos de alta nobreza e virtude. Foram seus irmãos São Leandro, que o precedeu na Sé de Sevilha, São Fulgêncio, bispo de Ecija, e Santa Florentina, da

qual se diz que governou 40 conventos e mil monjas. Embora sendo um dos autores mais lidos e plagiados de seu tempo, esse grande Doutor da Igreja não teve um biógrafo contemporâneo. Assim, sua vida, além dos traços gerais conservados pela tradição, tem que ser adivinhada em seus inúmeros escritos.

Em meados do ano 600, tendo falecido Leandro, Isidoro foi escolhido pelo rei e pelo povo para substituí-lo na Sé de Sevilha, então a principal de toda a Espanha. Podemos perceber a importância que a Hispânia tem em seus trabalhos quando lemos sua “*Laude Spaniae*”.

*Hispania... rainha de todas as províncias, da qual recebem emprestadas as luzes não apenas o Ocidente, mas também o Oriente. Tu és a honra e o ornato do mundo, a mais ilustre porção da terra, na qual a gloriosa fecundidade da nação goda se recria e floresce. (SEVILHA, 1975)*

Uma de suas obras, denominada *Sentenças* foi escrita no período de governo de Sisebuto (612-621), onde o rei incorporava, sob a ótica de Isidoro, boa parte dos atributos de um bom monarca, além de exercer sobre ele uma espécie de tutoria. A elaboração dessa obra foi a crise sucessória gerada no trono de Toledo com a morte de Recaredo (601). Com o falecimento deste rei, Liuva II, seu filho, assumiu o trono. Porém, tal governante sofreu um golpe organizado por membros da nobreza, após dois anos de reinado. Esses elementos de insegurança, que giravam em torno do trono Visigodo, estimularam o sevilhano a criar mecanismos de legitimação em torno da coroa. A obra *Sentenças* analisa características, apontadas pelo sevilhano, que um monarca deve ter para ser um enviado de Deus e estar a serviço da Igreja e do povo.

Dividida em três livros, no primeiro predomina a síntese da fé cristã e os fundamentos da Igreja com relação à salvação pessoal; o segundo, por sua vez, abarca vários temas, como a análise do pecado, dos vícios e o processo de conversão. O terceiro traça o problema da reação do cristão perante as dificuldades de seu cotidiano, suas responsabilidades sociais e os deveres de cada situação.

[...] el principado debe favorecer a los pueblos y no perjudicarles; no oprimirles con tiranía, sino velar por ellos siendo condescendiente, a fin de que este su distintivo del poder sea verdaderamente útil y empleen el don de Dios para proteger a los miembros de Cristo. Ciertamente que miembros de Cristo son los pueblos fieles, a los que, en tanto les gobiernen de excelente manera con el poder que recibieron, devulvan a Dios, que se lo concedió, un servicio ciertamente útil (SEVILHA, 1975).

Ao analisar sua obra percebemos que o ambiente em que Isidoro se formou estava em ebulição. Como o reino passava por um processo de unificação territorial e religiosa, os poderes internos estavam tentando ganhar seu espaço. Isidoro de Sevilha, por meio de alguns de seus trabalhos, foi um dos principais responsáveis pela construção do conjunto de concepções políticas relativas à Monarquia visigoda, bem como pela solidificação e normatização dessa instância de poder, especialmente quando observamos os Concílios visigóticos.

Durante este período percebemos transformações, nas quais buscava-se a unidade religiosa, política, legal, administrativa e de identidade do reino. Nos cenários conciliares que se iniciaram no reinado de Recaredo, foram-se introduzindo conexões tendentes a aquilatar a estratégia que buscava a colaboração dos bispos no âmbito fiscal. Em termos gerais, o modelo inaugurado no III Concílio de Toledo manteve-se de pé até o final do reino visigodo.

A vida de Leovigildo como guerreiro que unificou as fronteiras Godas e a conversão de Recareto, conseqüentemente do Reino visigodo à Religião Nicênic, são bases para diversas análises de pesquisadores e historiadores pelo mundo. Através dos projetos e pesquisas de historiadores como *Rui de Oliveira Andrade Filho*, *Renan Frighetto*, *Diogo Comitre*, *Sergio Alberto Feldman* e *Roger Collins*, *Aguilera*, *Alonso*, *Castellanos*, *Díaz y Díaz*, *Cristóbal Rodriguez Alonso*, dentre outros, que de formas diferenciadas, analisam e pesquisam este tema com primazia e competência.

Buscaremos compreender o processo que resultou na conversão do Reino Visigodo através da figura de Recareto e sua conversão, tentando buscar as formas com que este rei auxiliou na conversão de seu povo, de acordo com suas obrigações clericais como rei ungido e diante da santa igreja que se formava naquele momento.

Todos estes autores trabalham o tema buscando os motivos e obrigações do governante após sua conversão e após o processo de Legitimação Régia, através da imagem concebida e criada por Isidoro de Sevilha para o rei ideal e as virtudes do poder monárquico no reino, e principalmente o que se deu a partir deste momento em todo o reino.

Os autores acima relacionados, dentre outros analisados, possuem um aporte teórico que possibilita uma melhor visão dos fatos que pretendemos trabalhar, de formas diferenciadas abordam o tema, revelando-nos detalhes que serão de grande

valia em nossa pesquisa e no que nos propomos. Apesar de formas de abordagens específicas e diferenciadas, no caso do professor Dr. Renan Frighetto podemos perceber uma abordagem mais ligada a uma visão político-militar.

O autor busca uma análise de forma mais abrangente, buscando criar um panorama mais amplo dos fatos para poder demonstrar como os acontecimentos podem ser vistos por parâmetros diferentes, sem, neste sentido, perder a essência do que se propôs analisar a respeito das realezas visigodas dentro da península Ibérica.

Para alguns historiadores, esta forma de análise pode ser considerada arriscada por fazer um recorte que envolve mais fatos, mas com Frighetto esta visão auxilia em uma abrangência geral do cenário e dos fatos como um todo.

Mesmo que percebamos, através das análises, historiadores que expressam esta interpretação do período, vale ressaltar que, de acordo com autores como Frighetto, pode-se apreender, deste debate, que a ideia de uma Antiguidade Tardia – ou seja, de um período que apresenta características próprias, continuando, transformando, apropriando e interagindo com os elementos, essencialmente de tradição romana, germana e cristã – pode ser analisada a partir de diversos prismas, sempre tendo como foco a especificidade do objeto estudado.

Desse caldeirão sociopolítico e cultural, emergiram os mecanismos políticos da aclamação e da eleição régia, que estavam diretamente relacionados à concessão e ao reconhecimento legados à realeza por parte dos grupos políticos e militares mais destacados no universo das sociedades políticas nos regna romano-bárbaros. Observamos que tais mecanismos passaram por evidentes readequações ao longo da Antiguidade Tardia, revelando, num primeiro momento, a superioridade da prática da aclamação graças à força militar detida pelo imperator/rex na romanidade tardia. Já a eleição, mecanismo essencial para a obtenção do reconhecimento do rex durante a romanidade bárbara e pautada por um princípio de colegialidade aristocrática, aparece de forma renovada, envolvendo ritos marcadamente cristãos, como o da unção do soberano. (FRIGHETTO, 2012)

Frighetto se utiliza de fontes e historiografia diferenciada em sua obra, nos proporcionando um melhor entendimento dos cenários presentes no período, e serve como possível ponte com outro autor contemporâneo, Rui de Oliveira Andrade Filho, cuja obra já caminha por outro viés, o político-religioso.

Rui de Oliveira Andrade Filho faz em seu trabalho uma análise mais condensada, usando de Isidoro de Sevilha como fonte principal na maioria de sua

obra, aborda temas voltados para a Legitimação do poder real, conversão e conflitos político religiosos, sendo este o autor que mais analisa a fonte em questão e que mais se foca em questões pontuais sobre o período, sua obra aborda as linhas ligadas à religiosidade e conversão do Reino Visigodo, e através desta poderemos perceber nuances e peculiaridades que possam nos auxiliar em nossa análise da problematização.

Mas a crise que precedeu sua conversão é ainda bastante controversa. Ela resultava por um lado, do complexo encadeamento de fatos e intenções e, por outro de um conjunto de atitudes políticas e religiosas. Ela seria desencadeada pela conversão ao catolicismo de Hermenegildo, irmão de Recaredo, no auge da política unificadora arianista de seu pai, agravada pela presença dos enclaves bizantinos na Hispânia Meridional. Muito posterior a esses fatos, uma iluminura hagiográfica, datada de 1586, sob o reinado e instâncias de Felipe II, em plena Reforma Católica faz aparecer a seguinte tríade: Leovigildo o perseguidor, Hermenegildo o mártir, Recaredo o herói da verdadeira fé. (RUY O. ANDRADE FILHO, 2012)

Com os outros autores supracitados, Diogo Comitre e Sergio Alberto Feldman, percebemos uma visão diferente dos fatos, os mesmos buscam analisar tanto as fontes dos autores anteriores, quanto fontes como os Concílios Visigóticos, para tecer suas considerações, através da análise das perseguições judaicas por parte de Feldman e da Visão do Judaísmo como problema pelo Bispo de Sevilha, análise esta feita por Rodrigo Comitre, ambos analisam a problematização de se fixar uma religião superior em detrimento das outras, quais foram as “perseguições” e as formas com que esta religião foi instaurada.

A aliança entre reis e bispos não foi sempre um espaço sem hiatos. Em termos gerais, o modelo inaugurado no III Concílio de Toledo manteve-se de pé até o final do reino visigodo. No século VII, buscava-se o reforço dos aspectos de estabilidade política e respaldo ideológico da realeza, precisamente, no ambiente que, na prática, foram enormemente tensos e violentos. No âmbito do discurso teórico, havia-se alcançado a definição da aliança entre rei e bispos. Evidentemente, essa aliança, selada na conversão, supôs, para ambas as partes, uma plataforma de poder e novas vias estratégicas, o que não significava que conseguiram resolver seus problemas (VALVERDE, 2000, p. 256). (COMITRI, 2013)

A Visão isidoriana é sempre analisada na obra do autor, e esta visão dos concílios Visigóticos permeiam seu trabalho de forma a entender a complexidade das atitudes tomadas pelos regentes após a Legitimação propriamente dita, sem deixar de lado as perspectivas desta legitimação por parte da igreja.

E mais, o monarca, na concepção isidoriana, deveria utilizar sua autoridade coercitiva quando as leis canônicas não fossem eficazes em seu cumprimento por meio da palavra. Dentro dessa visão, o governante estava obrigado a compromissos espirituais dentro de suas funções temporais (AGUILERA, 1992, p.19).

A Igreja, dessa forma, tentava fazer desse poder não um privilégio, mas um serviço a ser exercido em benefício da coletividade, considerando esse recurso governamental como mais um instrumento de salvação.

Para o bispo sevilhano, o poder civil e os reis tinham uma tarefa determinada: garantir que se cumpram as leis. De acordo com esse prelado, o rei estava submetido às leis como qualquer um de seus súditos. O poder monárquico deveria, portanto, estar sempre em função do bem dos súditos. A validade do poder, segundo Isidoro, não era perdida com o mau soberano, pois a legitimidade real somente poderia ser julgada por Deus. (COMITRI, 2013)

Sergio Alberto Feldman vai, em sua obra, canalizar sua análise na diversidade populacional e religiosa no reino, na premissa de tentar entender os motivos que levaram a igreja a instaurar regras para as outras religiões presentes no reino, como meio de distingui-las durante o período e dentro das fronteiras visigóticas estabelecidas.

Este autor irá listar diversas características do período que permearam sua pesquisa para alcançar estas considerações, sempre se pautando em como a diversidade auxiliou na permanência e fixação da igreja Cristã Nicênicamente junto ao governo real Visigodo, como esta fixação levou ao que ele diz ser uma “perseguição maquiada” das outras religiões do reino, com a ideia de unificação religiosa e já tendo como conceito básico a salvação da população através de uma única religião salvadora.

Quando observamos a população do reino hispano-visigodo de Toledo, percebemos que não era homogênea: de um lado, visigodos arianos; de outro, os cives romani: hispanos romanos católicos ou pagãos e os judeus. Com a manutenção da lei romana do Baixo Império, manteve-se a distinção entre os grupos e dificultava-se a integração social dos invasores germânicos e as populações que habitavam a Hispânia, na época das invasões. Essa lei separava os visigodos arianos dos hispano-romanos católicos. Essa dicotomia jurídica e religiosa dividia a população do reino, gerando um problema político e social para o fortalecimento da monarquia e da unidade política e social.

Os visigodos são um elemento etnicamente e religiosamente estranho em relação aos seus dominados. Podemos estimar que se tratava, de um lado, de cerca de 200 mil pessoas de língua germânica convertidas à seita ariana; de outro lado, de uma população de cerca de oito milhões de almas, de língua latina, católicos trinitários ou pagãos. Os dominadores bárbaros eram, portanto, minoria. A postura dos bárbaros era geralmente tolerante com os povos dominados, para com sua religião e sua cultura. Mas a legislação era explícita ao separar os bárbaros dos hispano-romanos. Tratava-se de dois grupos com leis separadoras e diferenciadoras. A unidade da população era importante para o governante que pretendesse a unidade política e o reino fortalecido. (FELDMAN, 2008)

De forma geral, os autores buscam elucidar em seus trabalhos a complexidade dos fatos que transcorreram neste recorte temporal. De formas variadas e abordando perspectivas diferenciadas os fatos são passados e estes serão de suma importância na formação do trabalho, sem deixar de focar em pontos importantes e que também serão de suma importância para nosso trabalho.

Já como fonte material podemos abordar que trabalharemos com o auxílio numismático, ao falarmos de amoedagem visigoda, como também a de outros bárbaros instalados no Império Romano. Temos que levar em consideração, a princípio, que suas moedas eram basicamente imitações das moedas romanas para poder se estabelecer uma comunicação econômica com o império, em diversos aspectos estas moedas eram consideradas grosseiras com relação à cunhagem romana, mas diversas características presentes nas moedas do Império se mantinham na amoedagem destes povos, inclusive nas moedas visigodas. Em uma análise preliminar, isso tinha por principal representação a convivência pacífica com Roma.

A grande característica econômica do Reino visigodo girava em torno da agricultura voltada para o comércio interno, enquanto o comércio externo seria complementar. Com relação à distribuição comercial e agrícola, esta foi facilitada pela existência das vias romanas, mas com o tempo as dificuldades de transporte passaram a encarecer o preço final dos produtos. Este comércio interno era voltado para os Mercatus e feiras, que aconteciam uma vez por semana. Isidoro de Servilha refere-se aos mercatus como sendo centros de controle do estado Visigodo, que para evitar a concorrência desleal utilizavam de uma política de *lustum Pretium*.

“Os melhores exemplos que os ourives visigodos nos legaram são os tesouros de Guarrazar (Toledo) e de Torredonjimeno (Jaén), ambos compostos por crucifixos pendentes, crucifixos profissionais e coroas

votivas todas fabricadas em ouro e pedras preciosas encastradas. Trata-se de uma ourivesaria do tipo áurico.” (LOPEZ,2002)

Durante o período do reinado visigodo na Península Ibérica, existiram mais de cem casas monetárias em toda a península. O Tremissis foi um exemplar que foi mandado cunhar por Recaredo, filho de Leovigildo, um dos mais importantes monarcas do reino Visigodo na Península Ibérica e que marcou a autonomia na cunhagem de moedas na Hispania visigoda, apesar de se manterem ainda algumas características romanas e Bizantinas. Recaredo converteu-se ao Cristianismo em 589, no III Concílio de Toledo e três anos depois de ter chegado ao trono. A partir desta data foi estabelecida uma aliança entre a monarquia visigoda e os bispos católicos da Península Ibérica.



Figura 2- Tremisses do período transicional. (Escala: c. 2x).  
Fonte: ESCUDERO.2000

Segundo Blanca Ramos Jarque, autora de um artigo sobre moedas dos Visigodos publicado no número 62 da revista Numisma, “apesar de os Visigodos terem fundado 100 casas de cunhagem na Hispânia, não existem mais de dez mil exemplares no mundo na posse de mãos privadas e públicas”. Quanto aos materiais de cunhagem optamos por falar das moedas de ouro, embora também tenham sido utilizadas peças de cobre em algumas transações de pequena envergadura.

Entre os monarcas visigodos que se destacaram na cunhagem de moeda podemos citar Leovigildo (568-586), Sisebuto (612-621), Recaredo II (621) e Egica e Witiza (694/5-702). O Tremissis, também conhecido como Triente, foi a única

moeda visigoda em circulação na Península Ibérica. O estilo de amedagem foi copiado das moedas Romanas, mas diversas adaptações foram necessárias e exemplificam com primazia os períodos, reis e momentos de importância que marcaram a permanência dos visigodos em três séculos na Península.



Figura 3- Tremessis em ouro. Do período relativo ao reinado de Recaredo (586-601). *Tremisses do período transicional.* (Escala: c. 2x).

Fonte: ESCUDERO.2000

Como aporte teórico, utilizaremos as teorias de *Peter Burke em suas obras, “A escrita da história”, “O que é História Cultural” e “Hibridismo Cultural”,* por ser relevante com nossa pesquisa e nos passar as bases necessárias para a análise da mesma além de ir adiante e buscar quebrar os paradigmas que envolvem a história cultural, sem se circundar apenas da História política, mas buscando refletir o período por outras perspectivas.

Apesar de ser um autor contemporâneo, sua análise da cultura histórica e sobre a hibridação das culturas são relevantes em nosso projeto, nos pautando e auxiliando no entendimento de questões que são importantes para a discussão dos fatos que transcorreram durante a consolidação do poder régio através da

legitimação obtida com a união deste poder com a igreja cristã Nicênica que se formava no período.

Em “A História Cultural”, proposta por Roger Chartier e em “A Escrita da História” de Michel de Certeau, procuraremos ligar nossa pesquisa às pesquisas mais atuais de historia cultural que passaram a atrair o interesse de historiadores dos mais diversos matizes teóricos desde o último século. Neste sentido, não estaremos neste momento utilizando a expressão “História Cultural” para nos referirmos a esta ou àquela corrente historiográfica mais recente, mas sim para designar toda historiografia que se tem voltado para o estudo da dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada, no nosso caso o período já citado neste capítulo.

Por buscarmos um viés diferente dos autores anteriormente citados, e por nos basearmos nas mudanças culturais que transcorreram com a união “religiosopolítica” do Reino Visigodo, este autor aparentemente é o aporte que acreditamos ser mais adequado para o andamento de nossa análise.

O cenário que percebemos nos apresenta a dificuldade que os governantes teriam a partir do momento em que aceitassem para si uma destas religiões evidentes dentro do Reino Visigodo, pois o rei, além de representante, símbolo, protetor e líder teria que catequizar, junto com a Igreja Nicênica, todo o reino e ao mesmo tempo, manter suas características e sua força como representante maior deste povo, além de manter o título de líder militar, deveria se manter como símbolo de poder e ao mesmo tempo, figura patriarcal para com os Visigodos.

Nosso intuito ao investigar estes processos que culminaram na formação real no reino Visigodo, principalmente no âmbito sócio cultural da relação real com seus súditos, e o de estabelecer parâmetros que possam ser base para o entendimento da formação de outros reinos após o termino deste, e a partir daí, entender como se procedeu esta união do Régio com o divino.

Não se pretende ter somente uma visão dos deveres e da posição Cristã, mas também do pensamento que se inicia com estes fatos, acima de tudo, da participação real do rei para com seu povo, e como se deu a divulgação destes novos preceitos para a população visigoda após sua aceitação como cristã nicênica (século VI e VII), período que corresponde aos governos que iniciam com Leovigildo, perdurando por seu governo e indo até o governo de seu filho Recaredo, através de um estudo feito das fontes do bispo Isidoro de Sevilha em sua obra *“Las Historias de*

*los godos, vândalos y suevos*” e “*Sentenças*” e buscando um melhor entendimento deste período e de todas as relações que encontramos ligadas aos personagens históricos, já citados.

### **3 SOBRE O TEMA**

No reino visigodo, em meados do século VI e VII, a partir de Leovigildo, a autoridade Real passa a ser mais forte e soberana, as atitudes e decisões neste período são de suma importância para a continuação do reino Visigodo na Península. A Monarquia, neste período, oscilava entre mudanças hereditárias e tomadas de poder por parte dos representantes e herdeiros do poder.

Havia neste período diversas instâncias de poder que auxiliavam nas decisões reais, a nobreza e a igreja disputavam um lugar de destaque junto ao governante e na trajetória monárquica do Reino, ambas com elevadas posições sociais e econômicas, mantinham uma relação estreita com o rei. Mas, em muitos momentos, as intervenções destas instâncias acabavam por romper e atrapalhar o pleno exercício de poder do monarca em muitas decisões e em suas tradições, político-religiosas.

#### **3.1 Recareto, o Rei Fiel sob a ótica de Isidoro de Sevilha**

O período correspondente à antiguidade tardia, mais especificamente no sétimo século do reino visigodo na Espanha, abarca esforços para a formação de uma teoria política que tinha como pretensão estruturar a realeza, além de apaziguar e amenizar disputas e discórdias dentro das fronteiras visigodas. A heterogeneidade de interesses da nobreza tensionava a política interna, fragilizando a centralização do poder. Isidoro de Sevilha, através da argumentação acerca da fidelidade do corpo político do reino hispano-visigodo teoriza uma solução para a dificuldade de centralização do poder.

O conceito de fidelidade é compreendido como a observância do bem-comum do Reino, ou seja, a monarquia deve favorecer os interesses coletivos. Cabe ao rei ser correto em sua função, através da prática das virtudes, para que os súditos se espelhem e também pratiquem uma vida política virtuosa. Neste sentido, rei e súditos fiéis é norma para um reino fortalecido e centralizado, segundo a perspectiva isidoriana.

Isidoro de Sevilha, através de seus trabalhos, se tornou um dos principais responsáveis pela construção do conjunto de concepções políticas relativas à Monarquia visigoda, bem como pela solidificação e normatização dessa instância de poder, especialmente quando observamos os Concílios visigóticos.

Ao analisar trechos selecionados da obra do sevilhano, identificamos os elementos referentes à construção de uma Monarquia idealizada que estivesse em comunhão com os anseios da Igreja Visigoda. Nesse sentido, acreditamos que esse bispo procurou estabelecer, por meio de alguns de seus escritos, uma conduta moral direcionada à monarquia visigoda, desenvolvendo uma concepção teológica e política vinculada ao princípio de que a realeza está a serviço da Igreja.

Cabe ressaltar, ainda, que o modelo de monarca em questão não se encontra sistematizado em uma única obra de Isidoro. Tal modelo se expressa entre outras atuações de Isidoro, nas suas ações junto à monarquia e suas participações em concílios e em suas outras obras, formando assim um panorama geral de suas concepções.

Outro personagem desta investigação e pesquisa é o Rei Recareto, que é visto como o precursor desta visão isidoriana, como exemplo de rei fiel, de bondade e outros adjetivos indicados pelo bispo a este governante.

No que rege a doutrina e os conceitos políticos formulados por Isidoro de Sevilha, acreditamos que houve, por parte do bispo, uma tentativa de traçar o perfil de regente ideal no reino. Para isto, ele se espelhou em Recaredo, o rei que oficializou o catolicismo niceísta no III Concílio de Toledo em 589 e que, para o sevilhano, reunia as principais características favoráveis para um Rex Ideal.

En la era DCXXVIII, en el año tercero del imperio de Mauricio, muerto Leovigildo, fue coronado rey su hijo Recaredo. Estaba dotado de un gran respeto a la religión y era muy distinto de su padre en costumbres, pues el padre era irreligioso y muy inclinado a la guerra; él era piadoso por la fe y preclaro por la paz; aquél dilataba el imperio de su nación con el empleo de las armas, éste iba a engrandecerlo más gloriosamente con el trofeo de la fe. Desde el comienzo mismo de su reinado, Recaredo se convirtió, en efecto, a la fe católica y llevó al culto de la verdadera fe a toda la nación gótica, borrando así la mancha de un error enraizado. Seguidamente reunió un sínodo de obispos de las diferentes provincias de España y de la Galia para condenar la herejía arriana. A este concilio asistió el propio religiosísimo príncipe, y con su presencia y su suscripción confirmó las actas. Con todos los suyos abdicó de la perfidia que, hasta entonces, había aprendido el pueblo de los godos de las enseñanzas de Arrio, profesando que en Dios hay unidad de tres personas, que el Hijo ha sido engendrado consustancialmente por el Padre, que el Espíritu Santo procede conjuntamente del Padre y del Hijo, que ambos no tienen más que un espíritu y, por consiguiente, no son más que uno. (ALONSO, LEÓN, 1975)<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Na era DCXXVIII, no terceiro ano do Império Maurício, Leovigildo morreu, seu filho Recaredo foi coroado de rei. Ele era dotado de um grande respeito pela religião e era muito diferente de seu pai em costumes, pois o pai era irreligioso e muito inclinado à guerra; Ele era piedoso pela fé e pregava pela paz; Isso era dilatar o império de sua nação com o uso de armas, ele o ampliaria mais gloriosamente com o troféu de fé. Desde o início de seu reinado, Recaredo tornou-se, de fato, a fé

O governo de Recareto proporcionou para os clérigos e para a igreja um período de consolidação, fortalecimento e confirmação como uma organização eclesiástica fixada no reino. Mas, a participação oficial dos prelados junto à vida pública da Monarquia visigoda ainda esperaria os próximos concílios Visigodos que ainda aconteceriam. De certa forma este foi o momento em que o episcopado abraçou definitivamente certas características Germânicas, isto decorrente do alto número de jovens que aderiam à vida eclesiástica, estes de origem germânica e advindos de famílias nobres visigodas que participavam intimamente da religião cristã católica.

O episcopado visigodo teve um comportamento paradoxal. Se, por um lado, fortalecia a Monarquia com a formulação de conceitos teocráticos, por outro, somado à nobreza laica, constituía um poder que impelia certo limite à autoridade real. Fato perceptível após a abjuração do arianismo no III Concílio de Toledo, visto que não entendemos esse episódio apenas como uma mera mudança de crenças religiosas, pois provocou também uma radical alteração nas relações que mantinham Igreja e Monarquia, trazendo importantes consequências para ambas.

O pensamento político do sevilhano repousa no princípio de que a realeza está a serviço da Igreja. Nesse sentido, a Monarquia não era entendida como uma falsa imitação do Império, mas sim como uma instituição a serviço da causa cristã, segundo a vontade de Deus. Desta forma, há duas fontes de poder para a concepção de realeza na concepção de Isidoro: Deus e o povo cristão. É Deus quem dá o poder, mas o rei é também convocado pela comunidade de fiéis.

La atención regia debe extenderse y dirigirse de modo que conste haber tenido plena cuenta de la verdad y la sabiduría, y así como en las cosas humanas descuellan sobre todo el poder régio, del mismo modo debe ser aún mayor su providencia en atender al bien de sus ciudadanos ; pero ahora , oh beatísimos obispos , no sólo nos preocupamos de aquellas cosas mediante las cuales los pueblos que están sujetos viven e se gobiernan pacíficamente , sino también , con la ayuda de Cristo,

---

católica e levou ao culto da fé verdadeira a toda a nação gótica, apagando a mancha de um erro enraizado. Ele então reuniu um sínodo de bispos das diferentes províncias da Espanha e da Gália para condenar a heresia ariana. Este conselho contou com a presença do próprio príncipe muito religioso, e com a presença dele e sua assinatura confirmaram os minutos. Com todos os seus homens, ele abdicou da perfídia que o povo dos godos tinha aprendido com os ensinamentos de Arius, professando que em Deus há unidade de três pessoas, que o Filho foi gerado consubstancialmente pelo Pai, que o Espírito Santo vem conjuntamente do Pai e do Filho, que ambos têm apenas um espírito e, portanto, não são mais do que um. (Las historias de los godos, vándalos y suevos, de Isidoro de Sevilla [† 636], ed. Cristóbal Rodríguez Alonso, León, 1975, pp. 261-263)

extendiemos nuestra atencion hasta las cosas celestiales , y nos preocupamos de nos ignorar aquellas otras que hacen a los pueblos creyentes. Por los demas, si debemos esforzarnos com todas las fuerzas em poner orden a las costumbres humanas y refrenar el furor de los insolentes com el poder real, sí debemos consagrarnos a lá propagacion de la paz y la tranquilidad, com mucho mas motivos debemos ocuparnos en desejar y pensar a los pueblos que na abandonado el erro. (3 toledo. A 589, vives 123)<sup>9</sup>

Dessa forma, temos uma realeza fundada na comunhão de fiéis e este sistema político parte da afirmação de que a Igreja constitui o regnum Christ, o que permite afirmar a teologia política de Isidoro como cristológica por primazia. Sendo assim A noção de Rei Fiel exprime uma idéia de um “bem-comum” para o reino hispano-visigodo que possibilitaria o comprometimento da nobreza em seguir medidas de centralização do reino.

Em sua obra *Sentenças*, Isidoro de Sevilha estrutura o que seria a fidelidade entre as partes políticas do reino, destacando o Rei Fiel, nesta obra, a fidelidade está associada a uma postura diferenciada, a uma vida consagrada, o rei é um exemplo de virtuosidade. Na própria justificação do bispo da função do rei há a idéia, que segue a tradição estoíca, de que o rei é dentre os homens de uma comunidade política o mais virtuoso, aquele que consegue dominar seus instintos pessoais de inclinação ao pecado, por isso é natural que se coloque acima dos demais, exercendo sua função de Justiça.

El rey virtuoso más fácilmente se aparta del delito para dirigirse a la justicia que abandona la justicia para entregarse al delito, a fin de que se conozca que lo segundo es una desgracia fortuita; lo primero constituye su ideal. En su propósito debe estar no apartase nunca de la verdad. Y si por azar le aconteciere tener un tropeizo, que se levante en seguida (ISIDORO DE SEVILHA. *Sent.*, V. 2, livro 3, p. 497, c.49, 4).<sup>10</sup>

<sup>9</sup> A atenção real deve ser estendida e direcionada de modo a mostrar que ela teve um relato completo da verdade e da sabedoria, e assim como nas coisas humanas, o poder real é especialmente importante, então sua providência deve estar mais atenta ao bem de São cidadãos; Mas agora, ó bisavós abençoados, não nos preocupamos apenas com as coisas através das quais os povos que são sujeitos vivos e são governados pacificamente, mas também, com a ajuda de Cristo, estendemos nossa atenção às coisas celestiais, e nos preocupamos com nós mesmos Ignore aqueles que fazem pessoas crentes. Para o resto, se devemos esforçar-nos com todas as nossas forças para colocar a ordem humana em ordem e para conter a fúria do insolente com o poder real, devemos dedicar-nos à propagação da paz e da tranquilidade. Desejar e pensar aos povos que não abandonaram o erro.

<sup>10</sup> O rei virtuoso se afasta mais facilmente do crime para enfrentar a justiça que deixa a justiça para se render ao crime, de modo que se sabe que o último é um infortúnio fortuito; O primeiro constitui o seu ideal. Em seu propósito, nunca deve se afastar da verdade. E, por acaso, acontece tropeçar, levantar-se imediatamente (ISIDORO DE SEVILHA, *Sent.*, V. 2, livro 3, página 497, c.49, 4).

A justificativa teórica para este poder, segundo Isidoro repousa no pecado original. Os governantes políticos são definidos por suas funções repressivas em prol da defesa da família, da propriedade e dos súditos. O rei, então, por conter as qualidades precisas, tem a função de punir os que não seguem a lei e deste modo não se comprometem com o bem-comum do reino. A legitimidade do rei fiel está diretamente ligada ao respeito à lei, à prática das virtudes. A responsabilidade pelo cultivo é admitida ao rei, sendo assim, a conduta deste deve inspirar a conduta dos súditos, portanto os bons súditos são os que imitam as obras do rei.

Desta forma, aqueles súditos que não colocarem em prática uma vida virtuosa à maneira do rei, sucumbem a uma vida de malefícios e vícios, prejudicando a centralização do poder, como também o “bem comum”. Assim, aqueles que não observarem as virtudes podem facilmente se entregar ao delito de atentar contra a vida do soberano, tornando-se infiéis ao juramento e declarados inimigos do Reino.

Devemos ressaltar que estas virtudes e toda esta ideia pregada por Isidoro em sua obra, tem como princípio ou modelo inicial, o Rei Recareto, logicamente, não pensaremos que o conjunto de sua obra tenha sido feita pensando no soberano como imagem do rei ideal para o reino. A princípio a imagem que o bispo pregava sobre o soberano era de um Rex virtuoso em suas atitudes e ações, o que nos leva a crer que Recareto foi o exemplo de base real a ser moldada em outros soberanos, de acordo com o próprio Isidoro de Sevilha.

Fue apacible, delicado, de notable bondad, y reflejó en su rostro tan gran benevolencia y tuvo en su alma tan gran benignidad, que influía en los ánimos de todos e, incluso, se atraía el efecto y el cariño de los malos; fue tan liberal, que restituyó a sus legítimos dueños los bienes de los particulares y las propiedades de las iglesias, que el error de su padre había asociado al fisco. Fue tan clemente, que muchas veces exoneró al pueblo de los tributos con indulgente liberalidad. Enriqueció a muchos con bienes y elevó a muchos con honores, guardando sus riquezas en los míseros y sus tesoros en los necesitados, sabedor de que el reino le había sido encomendado para disfrutar de él con miras a la salvación, alcanzando con buenos principios un buen fin; y así, la fe de la verdadera gloria, que recibió al principio de su reino, la acrecentó, hace muy poco tiempo, con la profesión pública de arrepentimiento. Pasó a mejor vida, en paz, en Toledo. Reinó Recaredo durante quince años (SEVILHA. *Hist. Goth.* p. 264-69, c. 55-56).<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Ele era gentil, delicado, de um bem notável, e refletia sobre o rosto com tão grande benevolência e tinha em sua alma uma grande bondade que influenciava as mentes de todos e até atraía o efeito e o carinho do mal; Foi tão liberal que ele restaurou aos seus proprietários legítimos a propriedade de particulares e as propriedades das igrejas que o erro de seu pai associou ao tesouro. Ele era tão misericordioso, que ele muitas vezes exonerava o povo dos tributos com liberalidade indulgente.

Percebemos nos trechos da obra de Isidoro como em a *Historia dos godos, suevos e vândalos*, uma exaltação das qualidades deste rei, a sua benevolência no trato com os súditos, como também em sua bondade junto a igreja, entre outros, que os atos deste soberano enalteceram as virtudes religiosas de um governante. A partir deste ponto, a obra do bispo pode ser forjada para termos um norte a ser seguido, e que de certa forma continuará como base até o princípio do Reino Carolíngio, e sendo cada vez mais lapidado por Reis e soberanos ocidentais.

Porem, faz-se necessário que façamos uma distinção entre os elementos teóricos construídos para reforçar e tentar elevar o poder da realeza acima dos parâmetros nobiliárquicos que seriam os concorrentes e oponentes diretos do poder do soberano, com a prática política que contrariava aqueles preceitos teóricos e ideológicos elaborados por elementos integrantes tanto do corpo nobiliárquico como eclesial.

A nobreza, mesmo tendo jurado fidelidade ao rei e confirmado seu comprometimento com a centralização do reino, enxergava seus interesses patrimoniais acima dessa valorização acerca do rei. Na prática, a nobilitas não assimilava a ideia de “bem-comum”, reiteradamente reforçada pelo bispo através da ideia de fidelitas.

A manutenção da unidade política dentro do Reino Hispano Visigodo era de interesse deste grupo denominado Nobilitas, com a administração e política centralizada protegendo as fronteiras, estas afastariam as incursões militares, desgastando economicamente o reino. No entanto, a unidade não deveria ser mantida mediante certa opressão de interesses políticos dos Clãs. A ideia de abnegação pessoal, que Isidoro intentava tornar prática, não era uma realidade viável para os nobres.

A busca desenfreada pelo poder, a ambição e a concessão de vantagens dos soberanos para seus clãs de origem acabaram por produzir incontáveis “infieis” ou até mesmo, “bárbaros”. Em várias fontes histórico- cronológicas e legislativas

---

Ele enriqueceu muitos com riqueza e elevou muitos com honras, mantendo sua riqueza nos miseráveis e seus tesouros no necessitado, sabendo que o reino tinha sido confiado para apreciá-lo com vista à salvação, alcançando bons princípios com bons princípios. Fim; E assim, a fé da verdadeira glória, que ele recebeu no início de seu reino, aumentou-a muito recentemente com a profissão pública de arrependimento. Passou a uma vida melhor, em paz, em Toledo. Recaredo reinou por quinze anos.

aparece a ideia de barbárie ligada à noção de infidelitas, ou seja, aquele que comete algum ato de infidelidade contra o soberano ou contra o reino como bárbaro.

Para o Bispo, as conspirações contra o rei definem-se como testes Divinos à clemência do soberano, em seus textos, ele não se afasta dos exemplos formulados por Agostinho e Gregório Magno, mas como o rei teme a Deus quando comete um delito, seu povo deve temer o soberano, pois este é o representante do Divino na terra e cumprirá as leis, apartando assim o mal. Apesar disto, o poder régio deve prestar contas às leis e ao poder divino sobre sua conduta terrena, sendo esta uma limitação de seu poder. A igreja era tanto para legitimar este poder régio quanto para resolver conflitos causados pela monarquia dentro do reino.

O bispo sevilhano define os limites do poder real no interior da Igreja. Entretanto, Isidoro não tinha a intenção de submeter a monarquia à Igreja, pois tinha receio de que a realeza interferisse de maneira inconveniente nos assuntos eclesiásticos; por outro lado, queria que o poder monárquico atuasse em conformidade com os preceitos e funções que o plano divino havia lhe encarregado, ou seja, proteger a Igreja e seu reino.

Los reyes han recibido el nombre por *obrar con rectitud*, y así, uno conserva el nombre de rey si obra rectamente, y lo pierde con el pecado. A causa de esto, leemos en las Sagradas Escrituras que los varones santos se llaman también reyes, porque obran con rectitud, gobiernan con acierto sus propios sentidos y dominan los movimientos desordenados con el buen juicio de la razón. Justamente, pues, se denomina reyes a aquellos que con su buen gobierno supieron dirigir tanto a si mismos como a los súbditos (SEVILHA. 1975).<sup>12</sup>

O Cristão fiel possui o dever moral e integral com a fé de seu reino e com a instituição monárquica, o que é fomentado pela teoria política que se utiliza de subsídios religiosos ou míticos para ilustrar a instituição monárquica à maneira de uma instituição divina.

O governante Visigodo é comparado ou até mesmo definido como descendente da figura bíblica do rei Davi, como forma de validar sua posição como figura destacada dos demais nobres através de uma escolha divina. Desta forma, o

---

<sup>12</sup> Os reis receberam o nome para agir com retidão, e assim, um deles retém o nome do rei, se ele funciona corretamente, e o perde com o pecado. Por isso, lemos na Sagrada Escritura que os homens santos também são chamados de reis, porque agem com justiça, governam corretamente seus próprios sentidos e dominam os movimentos desordenados com o bom julgamento da razão. É precisamente, portanto, que os reis são chamados aqueles que, com seu bom governo, sabiam como se dirigir a si próprios e seus assuntos

corpo político acaba por se sujeitar naturalmente ao rei escolhido por Deus, ficando assim justificado teologicamente pelas escrituras bíblicas.

Es justo que el príncipe obedezca a sus leyes. En efecto, entonces estime que todos han de cumplir su justicia cuando él por su parte les tiene respeto. [...] Las potestades seculares están sometidas a la disciplina religiosa, y, aunque gocen de la soberanía real, se hallan obligados por el vínculo de la fé, a fin de proclamar en sus leyes la fe en Cristo y conservar con las buenas costumbres la profesión de la Fe (SEVILHA, 1975).<sup>13</sup>

Desta forma fica instaurada uma ideia de poder real, com um governante ideal, tanto para a monarquia quanto para a igreja, sendo uma apoiada pela outra. Desta maneira ocorre uma hibridação na instância de poder real, com elementos que o diferenciaram do restante das outras instituições, visto que a figura governamental foi elevada ao status de ungido de Deus; por outro lado, a Igreja teve que traçar justificativas que limitassem esse poder excessivo, para que ela mesma não fosse submetida à vontade absoluta do rei. Isidoro soube mesclar bem as duas instâncias, contornando bem essa situação, conferindo ao soberano poderes definidos e bem delimitados por unção divina, ou seja: o de cuidar da Igreja e de seus súditos. Os que não cumprissem estes desígnios estariam fadados a prestar contas no dia do juízo junto a Deus.

Da mesma forma que a partir deste momento a monarquia dependeria da igreja, se aliando para alcançar um governo legítimo, pois isoladamente não conseguiria incorporar elementos que a caracterizassem como teocrática, por outro, a igreja também dependia da realeza para manter seu projeto evangelizador, mantendo o apoio da população e associando a figura real aos preceitos divinos.

A obra de Isidoro é apresentada como a imagem de um modelo ideal propiciando a unidade necessária do reino. Para esta sociedade, o rei Fiel é a imagem da conduta política correta, pois a construção moral de seu cargo lhe concede o exercício do poder por parte da tradição histórica, de uma virtuosidade em seus atos. Isidoro por sua vez estabelece uma perfeita relação de reciprocidade entre a lei e a moral.

---

<sup>13</sup> É certo para o príncipe obedecer suas leis. De fato, considere que todos devem cumprir sua justiça quando, por sua vez, os respeite. Os poderes seculares estão sujeitos à disciplina religiosa e, embora gozem de soberania real, estão vinculados pelo vínculo da fé, para proclamar em suas leis fé em Cristo e preservar com bom Aduaneira a profissão da Fé.

El que en el mundo gobierna bien temporalmente, reina sin fin en la eternidad, y de la gloria de este siglo se traslada a la gloria. Mas los que ejercen mal su realeza tras el vestido refulgente y la diadema de piedras preciosas, caen desnudos y miserables en los tormentos del infierno (SEVILHA, 1975).<sup>14</sup>

Vale ressaltar que para o soberano, a lei existe em função do humano, que estará sujeito a todas as diversas formas de tentação podendo vir a sucumbir às mesmas, pois mesmo este sendo uma figura sacralizada, ungido pelo divino, este não deixa de ser carne, mortal, e está sujeito a todos os dissabores mundanos.

De acordo com o que analisamos, o bispo sevilhano trabalha e se dedica a instruir a sociedade política Hispano-Visigoda do século VII no que diz respeito a uma moralidade coletiva se baseando em sua experiência durante o reinado de Recareto, além da análise das fontes com que trabalha em sua obra. Além dos preceitos tirados e inspirados nesta obra, Isidoro se preocupa em deixar neste processo os instrumentos já arraigados e enraizados na tradição Cristã, como a valorização e dedicação pessoal no aprimoramento das virtudes e repulsão aos vícios.

Desta forma ao introduzir os preceitos cristãos junto à manutenção do equilíbrio social, surge a delimitação do fidelitas, ou apaziguadores de conflitos no âmbito da teoria política de afirmação do comprometimento entre as partes, o que seria um reforço entre os nobres clericais e laicos.

A necessidade política de um Reino unificado vem da fidelidade do monarca frente aos interesses dos nobiliárquicos em disputar e buscar fontes apoios regionais contra este posicionamento político em prol da unidade.

Em consonância com a ideia acima, ficam nítidos os propósitos de Isidoro na tentativa de demonstrar aos governantes quais deveriam ser as suas principais posturas, quando esses estivessem no poder:

El que usa rectamente de la autoridad real, establece la norma de justicia con los hechos más que con las palabras. A este no le exalta ninguna prosperidad ni le abate adversidad alguna, no descansa en sus propias fuerzas ni su corazón se aparta de Dios; en la cúspide del poder preside con ánimo humilde, no le complace la iniquidad ni le inflama la pasión, hace rico al pobre sin defraudar a nadie y a menudo condona con

---

<sup>14</sup> Aquele que governa no mundo temporariamente, reina sem fim na eternidade, e da glória desta época é movida para a glória. Mas aqueles que abusam da sua realeza após o vestido reluzente e o diadema de pedras preciosas caem nus e miseráveis nos tormentos do inferno.

misericordiosa clemencia cuanto con legítimo derecho podría exigir al pueblo (SEVILHA,1975).<sup>15</sup>

O bispo Isidoro foi bem enfático na questão de que era obrigação dos monarcas zelarem por seus súditos, por isso tinham que escolher, ou seja, nomear juízes justos para seu povo, para esta tarefa, estando próximos dos problemas destes.

“Constituye un delito en los príncipes el que asignen, contra la voluntad de Dios, jueces perversos a los pueblos fieles. Porque como es delito del pueblo que los príncipes sean malos, así es pecado del príncipe que los jueces resulten inicuos” (SEVILHA, 1975).<sup>16</sup>

A concepção de autoridade assinala a consolidação da providência do poder, visto que possui origem no poder divino, o que demonstra a separação incontestável entre Igreja e poder público, ou seja, a submissão dos fiéis a autoridade constituída e a participação do Estado na obra da igreja.

A ideia é que todos devem ser submissos às autoridades superiores porque não existe autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram instituídas por Ele. Os que resistem à autoridade rebelam-se contra a ordem estabelecida por Deus e atraem para si a própria condenação. Desta forma, os magistrados não existem para serem temidos quando se pratica o bem, mas quando se faz o mal.

Acredita-se que ele colaborou mais no âmbito político, no que tange à configuração de um perfil idealizado para o trono visigodo que, o que de uma certa forma, muitos tentaram seguir. Obviamente que nem seus escritos e nem sua participação nos concílios, ao lado de alguns governantes, foram suficientes para afastar os perigos das ambições ao trono.

Si es cierto que el Apóstol dice: *No hay autoridad que no provenga de Dios*, como el Señor, por boca del profeta, dice de ciertas potestades: *Ellos fueron reyes, pero no elegidos por mi*; como si dijese: “Sin mostrarme yo favorable, sino incluso muy airado”. De ahí que más abajo añada el mismo

<sup>15</sup> Aquele que usa corretamente a autoridade real, estabelece a norma da justiça com os fatos mais do que com as palavras. Isso não exalta qualquer prosperidade ou qualquer adversidade, não descansa em sua própria força ou seu coração se afasta de Deus; no ápice do poder, ele preside com uma mente humilde, ele não se deleita com a iniquidade, ele não inflama paixão, ele torna o pobre rico sem defraudar a ninguém e, muitas vezes, tolera com clemência misericordiosa o que ele pode legitimamente exigir com as pessoas.

<sup>16</sup> “É um crime nos príncipes atribuir, contra a vontade de Deus, juízes perversos para os povos fiéis. Pois, como é um crime do povo que os príncipes são doentios, então é o pecado do príncipe que os juízes sejam perversos” (ISIDORUS DE SEVILHA, Sentença, 2, livro 3, 501, c.52, 1).

profeta: *Te daré un rey en mi furor*. Con lo cual se evidencia con toda claridad que tanto la buena como la mala potestad son instituidas por Dios; mas la buena siendo El favorable, la mala estando airado (SEVILHA,1975).<sup>17</sup>

As ideias de Isidoro de Sevilha no âmbito político do Ocidente ressaltam a plenitude do monarca, como sábio e justo. Desta forma, a Igreja, que se tornou poderosa, não deixou de lado essas concepções. Deste modo, tanto Isidoro de Sevilha, quantos seus antecessores e fontes de seus textos, Agostinho de Hipona, Gregório Magno, receberam a influência cultural dos filósofos da antiguidade que refletiam as "(...) virtudes cardeais de justiça, temperança, coragem e prudência teorizadas por Platão e Aristóteles" e que foram incorporadas ao modelo ideal para os bons governantes.

El reino celeste progresa muchas veces gracias al reino terreno, con el fin de que sean abatidos por el rigor de los príncipes quienes dentro de la Iglesia atentan contra la fe y la disciplina eclesiástica, y que la autoridad del príncipe imponga a los espíritus rebeldes esta misma disciplina que la Iglesia en su humildad no puede ejercitar, y comunique a la Iglesia la eficacia de su poder para que merezca el respeto (SEVILHA,1975.).<sup>18</sup>

Agostinho defendia que Deus deu suas leis à humanidade por meio dos reis. Assim, o pensamento agostiniano considerava que o ofício real era como um ofício eclesiástico, já que a concepção de Igreja como um corpo deu um suporte importantíssimo para este processo, pois a função do monarca era baseada dentro de uma concepção teleológica. O que, na prática, transformava-se no exercício das obrigações reais, tanto no âmbito do reino como da Igreja. Dessa forma, surgiu o entendimento do conceito de officium, ficando claro, assim as intenções da Igreja de interferir no âmbito do poder monárquico.

---

<sup>17</sup> Se é verdade que o apóstolo diz: "Não há autoridade que não venha de Deus, como o Senhor, pela boca do profeta, diz de certos poderes: eram reis, mas não escolhidos por mim; Como se quisesse dizer: "Sem mostrar-me favorável, mas mesmo com muita raiva". Portanto, o próprio profeta acrescenta: "Eu lhe darei um rei na minha ira". Portanto, é claramente evidente que o bem e o mal são instituídos por Deus; Mas o bom é o favor, o mau está com raiva (ISIDORO DE SEVILHA, Sent., V. 2, livro 3, P. 495, c.48, 10).

<sup>18</sup> O reino celestial muitas vezes progride graças ao reino terrestre, para que sejam abatidos pelo rigor dos príncipes que na Igreja tentam contra a fé e a disciplina eclesiástica e que a autoridade do príncipe impõe aos espíritos rebeldes isto A mesma disciplina que a Igreja na sua humildade não pode exercer e comunicar à Igreja a eficácia de seu poder para que ela merece o respeito (ISIDORO DE SEVILHA, 2, livro 3, 500, c.51, 5.).

Sean los príncipes terrenos que han de dar cuenta a Dios de la Iglesia, cuya protección Cristo les confía. Porque, ora se acreciente la paz y la disciplina de la Iglesia merced a los príncipes leales, ora se arruinen por su causa, a éstos pedirá cuenta Cristo, que confió su Iglesia a su poder (SEVILHA,1975)

Ressaltamos que não se conseguiu conter, por completo, os anseios da aristocracia hispânica, apesar da Igreja tentar legitimar a realeza, seja por meio dos concílios ou por meio da concepção do desejo divino. Como também justificar que um enviado de Deus tinha perdido o trono e outro assumido o poder com sucesso? Se Deus está interferindo nos assuntos terrenos, será que ele queria que todos estes fatos e ações acontecessem?

“El que en el mundo gobierna bien temporalmente, reina sin fin en la eternidad, y de la gloria de este siglo se traslada a la gloria eterna” (SEVILHA, 1975).<sup>19</sup>

Como já discutido antes, Isidoro defendeu que era função dos reis oferecerem leis justas. É importante acentuarmos o papel da misericórdia como virtude real, sendo estes os aspectos de uma sociedade cristã, a realeza era um poder destinado a exercer sua função na terra e estar a serviço da Igreja, já que o propósito final era alcançar a salvação. Assim, cada uma dessas instâncias teria sua parcela de responsabilidade nos planos divinos.

En muchos se descubre el delito de conspirar contra los príncipes; pero Dios quiere poner a prueba la clemencia de los soberanos, a aquéllos les permite poner asechanzas y a éstos no les abandona. De la maldad de los primeros saca un bien para los segundos, los cuales perdonan con ejemplar paciencia las culpas que aquéllos cometen (SEVILHA,1975).<sup>20</sup>

Para Isidoro de Sevilha, o poder do rei tinha uma tarefa específica, que seria procurar que se cumprissem as leis, este deveria estar sempre em função do bem dos súditos. Segundo o bispo, a validade do poder não era perdida com o mau rei, isso porque a perda de legitimidade somente poderia ser julgada por Deus, pois o rei estava submetido às leis como qualquer um de seus súditos.

<sup>19</sup> "Aquele que governa no mundo temporariamente, reina sem fim na eternidade, e da glória desta era é transferida para a glória eterna" (ISIDORUS DE SEVILHA, 2, livro 3, página 498, C.48, 6).

<sup>20</sup> Em muitas pessoas, o crime de conspirar contra os príncipes é descoberto; Mas Deus quer testar a clemência dos soberanos, ele permite que eles esperem, e ele não os abandona. Da iniquidade do primeiro, ele traz um bem para o último, que perdoa com paciência exemplar as falhas que eles cometem (ISIDORO DE SEVILHA, 2, livro 3, pp. 497-98, c.50, 2 ).

Esta concepção alterou também a relação das eleições reais visigodas, nas quais, inicialmente, o rei era constituído por votação. A partir da implantação desta ideologia isidoriana elas deixaram de possuir o mesmo significado, pois as concepções de poder pela vontade divina fizeram com que os pleitos ganhassem um outro propósito que seria o de apenas escolher um indivíduo idôneo para desempenhar tal cargo. A eleição não lhe dava poderes, não o fazia rei, apenas a unção e a coroação lhe conferiam o poder divino e legitimavam seu status perante todo o reino.

Desta forma podemos perceber que Isidoro de Sevilha não teve a intenção de caracterizar a Monarquia visigoda como teocrática. Entretanto esta monarquia demonstrou, em diversos âmbitos, diversos elementos que a definiam como tal, tendo a Igreja como suporte para tal aparato teórico.

Mais uma vez podemos apontar as qualidades que foram ressaltadas pelo sevilhano, percebidas, diversas vezes, ao longo dos capítulos que ele destinou à realeza, tendo como exemplos primordiais em Recareto. Esses atributos são de suma importância para o bom andar do reino, para podermos ter a presença de um rei digno e fiel na concepção religiosa, podemos elencar dentre eles, a justiça, humildade, misericórdia e clemência. Além dos conselhos e deveres que o bispo também elencou, a utilização com retidão de seu poder; não se afastar dos desígnios de Deus; combater a iniquidade e não deixar se levar pelas paixões; não desfalcar ninguém para favorecer a outros.

Por último, porém o mais importante, a questão da legitimidade do poder real. Este era um problema que não somente Isidoro, mas a Igreja, como instituição, procurava resolver, pois fragilizava não apenas a Monarquia, mas a unidade do reino. O bispo vê inicialmente em Recareto um exemplo a ser seguido de um padrão ideal de monarca.

Como governante, Recareto se mostrou como personagem forte, bondoso e digno; como administrador, seus atos perpassaram as proezas de seu pai, buscando a unificação interna de todo o reino, apesar das discórdias e dos grupos que não apoiavam suas atitudes, por zelar por uma tradição que privilegiava a poucos, o rei se demonstrou firme durante seu reinado na Península.

Quanto a Isidoro, mesmo não estando diretamente ligado ao regente, a igreja no período do III Concílio - visto que era responsável por auxiliar seu irmão e então bispo Leandro de Sevilha – este presenciou fatos e acontecimentos que foram de

suma importância para sua visualização de um rei ideal, mesmo alcançando o poder só após a morte de ambos os personagens conciliares supracitados, a imagem que estes deixaram e o legado que ficou presente nos textos do sevilhano foram base para a total unificação do reino e a legitimação definitiva da imagem real junto ao divino para os sucessores de Recareto.

Apesar de ser contemporâneo de Recareto e do ato conciliar que converteu o reino, Isidoro descreve com clareza suas intenções e os fatos deste período, analisando e criando soluções que valorizavam tanto o lado político, criando uma imagem idealizada de poder advindo de Deus, quanto fixou preceitos, desígnios e aptidões que transcendiam o que já se tinha de tradição cristã até então.

Percebemos que a concepção político-ideológica do bispo relacionada à realidade visigoda teve o propósito de se adaptar para resistir ou alcançar a vitória. Visto que as ideologias podem seguir por dois caminhos, conforme as situações elas podem armar-se ou tornar-se flexíveis, afirmando-se ou dissimulando-se, mascarando-se sob o véu de novas aparências.

Todo este processo tinha como premissa alcançar um resultado importante que seria, no caso dos Visigodos, o de resolver as questões ligadas à permanência e legitimação do rei no trono. Por este motivo, o bispo Isidoro de Sevilha é considerado o porta-voz e responsável pela resolução de grande parte dos problemas e anseios da igreja na península ibérica com relação à Monarquia visigoda.

O período que se inicia com Leovigildo e sua unificação territorial do reino visigodo, com a confirmação do poderio militar do reino ansiava por uma resposta aos problemas ligados ao palácio, à política e à nobreza, que não se contentava em participar da política, e sim buscava vantagens acima das necessidades e do interesse coletivo.

A partir da subida ao poder de seu filho Recareto este cenário se torna diferenciado, o governante veste o manto da grandeza herdada de seu pai e transcende as expectativas, se tornando um marco para a península, podendo até ser comparado com os feitos de Constantino, não pouco merecido. O ato de conversão do reino, a invocação de um conselho para firmar sua posição e a união com a igreja católica foram atos que, de uma forma mais arraigada, mudaram os caminhos do reino e as decisões que viriam a ser tomadas a partir de então.

Com a morte de Recareto em 601, os atos que entrariam na história dos visigodos foram regidos pelos trabalhos e textos de Isidoro, a partir deste momento como bispo e de certa forma artesão de uma nova concepção política, ligando o divino, o político e o humano, o bispo exalta as virtudes que seriam primordiais para a harmonia do reino.

Neste sentido, se analisarmos, apesar de um texto e uma obra de suma importância tanto para a política, quanto para a nobreza e igreja o bispo sevillhano não desenvolve muito a questão dos maus reis.

Aparentemente Isidoro dedica sua obra na maior parte dos seus escritos, às qualidades e virtudes e não aos defeitos. Isso nos sugere que ele tinha uma preocupação maior em ressaltar o bom para assim propagar esse exemplo e, é claro, não resvalar na Igreja os possíveis “excessos” desse mau governante. Em sua obra, o bispo não especifica, quem são esses súditos que necessitariam dessas lições, não deixando explícito se a Igreja estaria entre eles. Mas estas questões acabam por não serem interessantes para um desenvolvimento pleno do pensamento do reino naquele momento.

Tanto Recareto quanto Isidoro foram primordiais em seus atos e obras, para uma mudança de mentalidade dentro do reino, não obstante, o governante não é a imagem total narrada e trabalhada por Isidoro em sua obra, mas suas atitudes e decisões durante os anos em que esteve no trono Visigodo, foram primordiais para o surgimento desta ideia de fidelidade e união real. A figura do monarca para com o reino é um capítulo a parte na história Visigoda, que tem suas importâncias e se fixou como a base de algo novo para a História.

## **4 MOEDA E NUMISMÁTICA, QUESTÕES DE CUNHAGEM**

Após a formação do reino de Toulouse no sul da França, em meados de 507 d.C. os Visigodos continuaram adentrando a Península ibérica e na região que hoje são Espanha e Portugal, fixou-se em Toledo, formando ali um reino forte que perduraria até o ano de 711. Como federados romanos lutaram com diversos povos que ali já estavam fixados, mas não foi somente esta a influência romana dentro do reino, economicamente os visigodos mantiveram formas comerciais romanas.

No início do século V, entre os anos 412 e 415, tendo como rei Ataulfo (410-415), os visigodos adentram a Hispânia pela primeira vez e lá se estabelecem por três (03) séculos. As circunstâncias que obrigam os visigodos a adentrar o império romano os forçam a estar em constante contato com sua cultura, levando-os a criar cópias das moedas romanas para que pudessem ter uma convivência mais igualitária com os romanos, os visigodos copiaram a moeda romana para serem admitidos no império, já que desde que cruzaram o Danúbio até se estabelecer definitivamente na Hispânia, andaram quarenta (40) anos em várias províncias romanas, dentre elas, Ilíria, Itália e Gália.

### **4.1 Visigodos e o primeiro contato com as moedas adaptando a cunhagem romana**

A relação Visigodo-moedas-imitação parece começar a estar encravada entre os reinos godos, pelo menos até o reinado de Teodorico II (453-466) e Eurico (466-484). O perfil de qualquer um destes dois Reis é ideal para que uma mudança aconteça, embora por razões diferentes, estes reis deram um toque de modernidade para os visigodos, com a criação de um órgão legislativo e logo após, o Código de Eurico, em que as tradições do direito germânico e romano se mesclam, o que permitirá que os visigodos sejam regidos por mais do que costumes ou tradições orais, dando identidade e personalidade para este povo, por isso, Isidoro de Sevilha escreve que "sob este rei dos godos começaram a ter leis escritas, como anteriormente regidos apenas por costume."

A expansão do reino visigodo na península Ibérica necessitou para este povo uma ampla e constante relação econômica com o Império; devemos ressaltar que apesar dos avanços, a economia no Reino de Toledo, como no próprio Império

romano se baseava na vida Urbana, mas com grande necessidade do meio rural, sendo que estas, se baseavam em dois tipos: a exterior (baseada principalmente em artigos de luxo) e a interior (com mercadorias diversas, principalmente gêneros alimentícios). As zonas de comércio se expandiam, para comercio exterior, em regiões portuárias, como na Gália e no mediterrâneo oriental, e para o interior, em zonas limítrofes do reino como Mértola, Servilha e Mérida, onde havia uma infinidade de produtos.

Os visigodos eram exímios ourives, sendo tal ourivesaria do “tipo Áurico” que era destinada às camadas mais abastadas do reino, o que fazia desta classe de profissionais liberais de fundamental importância dentro do reino.

Como exemplo desta amoedagem visigótica e do reflexo das várias transformações e referências pelas quais passaram estes povos, apresentaremos detalhes que foram inseridos nestas moedas a partir da união régia com a igreja cristã, retratar o trabalho feito em suas cunhagens, a forma com que os símbolos cristãos passam a estar presentes e como a forma destes símbolos passam a fazer parte da vida religiosa como um todo.



Figura 4- Terço de soldo, ouro, Égica (687-701) cunhada em Mérida, 19,5 mm.

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Terço de soldo, ouro, Égica (687-701) cunhada em Mérida, 19,5 mm. (Revista Clube da Moeda do Brasil, ano X, nº 22, 2º semestre de 2002, p. 23)



Figura 5- Terço de soldo, ouro, Ígica e Wittisa (696-700), cunhada em Córdoba, 19,5mm.

*Fonte:* ESCUDERO.2000

*Nota:* Terço de soldo, ouro, Ígica e Wittisa (696-700), cunhada em Córdoba, 19,5mm. As questões dinásticas se transferiram nas moedas com a presença simultânea de dois reis. Pai e filho se apresentam como uma dinastia o que era contrário aos costumes visigodos.

O baixo relevo utilizado nos soldos, juntamente com a forma gráfica utilizada para caracterizar os reis no avesso das moedas, também pode ser encontrada em algumas das igrejas e monumentos presentes neste período.



Figura 6- Terço de soldo, ouro, Recensvinto (653- 672), cunhada em Córdoba, 19mm.

*Fonte:* ESCUDERO.2000

*Nota:* Terço de soldo, ouro, Recensvinto (653- 672), cunhada em Córdoba, 19mm. (Revista Clube da Moeda do Brasil, ano X, nº 22, 2º semestre de 2002, p. 23)



Figura 7- Terço de soldo, ouro, Wittisa (701-709), cunhada em Toledo, 19,3mm.

*Fonte:* ESCUDERO.2000

*Nota:* Terço de soldo, ouro, Wittisa (701-709), cunhada em Toledo, 19,3mm. (Revista Clube da Moeda do Brasil, ano X, nº 22, 2º semestre de 2002, p. 24)

Os símbolos presentes nas moedas passam a fazer parte do cotidiano da população visigoda, como por exemplo nas igrejas construídas, um exemplo desta utilização está na cruz visigoda presente na amoedagem visigoda e que estampa as igrejas construídas por eles.

#### **4.2. Evolução das moedas visigodas paralela com sua História**

Ao falarmos de amoedagem visigoda, como também a de outros bárbaros instalados no Império Romano, temos que levar em consideração, a princípio que suas moedas eram basicamente imitações das moedas romanas para poder se estabelecer uma comunicação econômica com o império. Em diversos aspectos, estas moedas eram consideradas grosseiras com relação à cunhagem romana, mas diversas características presentes nas moedas do Império se mantinham na amoedagem destes povos, inclusive nas moedas visigodas. Em uma análise preliminar, isso tinha por principal representação a convivência pacífica com Roma.

As Tremisses pertenciam ao sistema monetário Constantiniano e foram encontradas pela primeira vez no reino de Toulouse, portando discute-se se estas foram cunhadas em território hispânico ou francês, provavelmente na Aquitânia, naquele momento, o centro do poder visigodo, cuja capital era Toulouse. Por volta

do ano 570, no momento da regência de Leovigildo (568- 573), a moeda visigótica adquire a sua própria personalidade, mas continua a usar os padrões de Roma e Bizâncio. A cunhagem sólida é abandonada e desde então só pode ser lavrado tremisses, com maior diâmetro. Neste período de transição, podemos definir 4 grupos de moedas.



Figura 8- Tremisses do período transicional. (Escala: c. 2x)

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Tremisses do período transicional. (Escala: c. 2x). In *Monedas Visigodas*, Catálogo del Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la Historia.

A primeira corresponde a um tremisse ou Triente Justiniano, cunhado com a vitória em sentido inverso e legenda modificada AVGVSTORVM VICTORIA, mantendo a legenda, mas sendo uma moeda da casa bizantina original composta de três primeiras letras de Constantinopla. Na segunda, as legendas aparecem em um sentido, uma vez que pertence a um número de cópias. No terceiro, deve incluir uma tremis no anverso continua a avaliar o nome do “Emperador de Bizâncio” e para trás uma grande novidade, o nome do título rei visigodo com REGIS. Havia três recursos que eram únicos de um imperador, a fundação de cidades, a promulgação de leis e a cunhagem de ouro em seu nome.

O quarto tipo de moeda é uma expressão clara da soberania, que se formava no reino visigodo. Nela, vemos que está faltando o nome do imperador de Bizâncio, passando o rei Leovigildo (que governa sozinho neste período, 573-586) para a frente. Na parte de trás, percebemos a inscrição REX. A cunhagem desta série

(cerca 576), coincide com a apresentação de Leovigildo para seus fiéis, diante de um trono e com vestimenta real, que marca o fim do reconhecimento da dependência dos imperadores de Bizâncio pelos visigodos.

Após esta transição, este estilo de cunhagem será repetido até o fim da monarquia de Toledo, embora os visigodos tenham sua própria personalidade, irão continuar a copiar motivos da moeda bizantina. Os tipos de anverso será o busto do rei em diferentes modos, de frente, de perfil, com ou sem a coroa, a cabeça de Cristo, ou os bustos do rei e seu herdeiro associado ao trono, sujeitando uma cruz, e os modelos de reverso, basicamente de vitória, também o busto do rei ou de um cruzamento de diferentes maneiras, imitando moedas bizantinas.



Figura 9- Tremisses do reino visigodo de Toledo com busto do rei e uma cruz, habitualmente sobre escadas, imitando as moedas do bizantino Tibério II Constantino (578-582). (Escala: c. 2×).

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: remisses do reino visigodo de Toledo com busto do rei e uma cruz, habitualmente sobre escadas, imitando as moedas do bizantino Tibério II Constantino (578-582). (Escala: c. 2×). Monedas Visigodas, Catálogo del Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la História.

Leovigildo quebra com os últimos vestígios da subordinação formal ao Império, e passa a assumir esse título, uma vez que é combinado com o Imperador e, na verdade, torna-se o herdeiro do poder legítimo de Hispânia nos olhos dos

hispano-romanos. Nele, podemos ver pela primeira vez o nome da casa visigótica, seguido da palavra VICTORIA, sem dúvida refere-se à ocupação pelos exércitos de Leovigildo de Emérito Católica, que haviam se aliado com seu filho rebelde Hermenegildo. Portanto, podemos datar esta tremis no ano 582.

Uma segunda tremisse é cunhada a partir daí, onde aparece o nome e o título do rei na frente e em sentido inverso uma inscrição que se refere ao rei e a casa. Este tipo é o mais abundante em toda a monarquia visigótica. A origem deste tipo parece ser a associação ao trono por seu filho Recaredo, com retratos dos dois monarcas, sendo o tipo imobilizado por mais de um século.



Figura 10- Tremis. (Escala: c. 2x)

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Tremis. (Escala: c. 2x). *Monedas Visigodas*, Catálogo del Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la História.

Após o ano de 653, o modelo Leovigildiano é redefinido com o busto para a direita, TOLETO como nome de casa o que perduraria até o fim da monarquia, enquanto alternando com outros tipos. Ainda após o ano 680 é introduzido um novo design, com uma forte influência religiosa, em que o busto de Cristo aparece, que foi copiado e significativamente melhorado pelo bizantino Justiniano II (685-695). Alguns anos depois aparece pela primeira vez na moeda visigótica um busto que não representa o rei, mas Cristo, sem dúvida, como um exemplo da política do rei procurou governar com o apoio dos bispos e legitimar o seu poder como "o ungido do Senhor", como visto nas decisões do Conselho de Reis de Toledo (681), alegando que o rei aparece como o campeão da ortodoxia e promotor da unidade

religiosa. Esta é uma das poucas inovações bruscas em design das moedas visigodas.



Figura 11- Tremis do reinado associado de Egica y Witiza

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Tremis do reinado associado de Egica y Witiza, cujos bustos aparecem enfrentados com uma cruz entre eles em seu anverso. *Monedas Visigodas*, Catálogo del Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la Historia.

A partir de então será comum encontrar imagens e figuras representativas da religião em moedas visigodas, como os crucifixos junto às imagens dos soberanos. Outra inovação aparecerá na parte traseira, o nome da Casa da Moeda em monograma. Esta é uma outra inovação no design fornecida pelos visigodos, como a casa em monograma por vezes é encontrado em moedas gregas e romanas, mas nunca como a principal razão. Neste sentido, Jesus Vico Monteoliva diz que:

“Esta moeda está nos dizendo que, na ausência de lei de sucessão hereditária, foi eletiva, de modo que o rei escolheu seu sucessor na vida, associado ao trono e incluídos nas suas moedas para informar as pessoas de que havia um sucessor e quem era, como não havia outros meios de comunicação”.

A principal questão que nos é apresentada é que a moeda foi, como vimos, mais uma expressão de soberania e prestígio e uma publicidade ou meio de comunicação necessário do que um meio de pagamento, e se não fosse este um dos principais motivos de amoedagem tanto pelos visigodos, pelos romanos ou outros povos, não haveria necessidade de cunhagem de muitas moedas. Outro testemunho para o uso da moeda como meio de divulgação é o tremisse cunhado por Recaredo II (621), embora este tenha sido rei por apenas algumas semanas,

talvez dias, moedas emitidas em seu nome foram encontradas em seis cidades diferentes.

A importância da cunhagem das moedas visigodas, além do seu designer simples também fez com que os governantes se preocupassem com a possibilidade de deturpação das mesmas, através de falsificações em massa, a ponto de dedicarem cinco leis que puniam esta prática severamente durante o reinado de Recesvinto (653-672) sob o nome de Lei Julgo. Esta lei punia severamente quem cunhou dinheiro falso, ameaçando torturar os responsáveis. Ainda assim, não houve sucesso contra esta prática.

### 4.3. Tremessis Recareto, conversão e evolução da cunhagem



Figura 12- Triente de Recaredo de Ispalis (Sevilla)

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Triente de Recaredo de Ispalis (Sevilla) Anverso: +RECCAREDVS RE(X). Nombre personal del rey y título Reverso: +PIVS ISPALI. Epíteto real y nombre de la localidad emisora

Pensando em todo o processo analisado no capítulo anterior e em relação a unificação da península ibérica sobre o manto do reino visigodo e a benção da igreja, podemos pensar qual foi o trabalho que a mesma igreja católica iniciou em um amplo processo de evangelização e catequização da população em todo o reino.

Durante o período, a geografia de ações de Recareto proporcionou um grande domínio visigótico na Península Ibérica, mesmo com a propagação das

ideias bizantinas e com o temor de uma série de ditas heresias que começam a ser acusadas em todo o reino.

O tamanho do reino, a distância de suas fronteiras, a diversidade de seu povo e as revoltas decorrentes do governo de Leovigildo, junto com uma não aceitação total da conversão proporcionada por Recareto no III Concílio de Toledo, dificultaram a expansão de ideias de unificação propagadas a partir do convertido Rei. A cunhagem de moedas proporcionava uma deflagração de ideias bem mais eficaz que outras formas de propaganda.

A princípio, a cunhagem dos Ibéricos era uma cópia dos estilos de cunhagem romana, ditas como imperiais, após anos e reinados diferentes estas características romanas foram sendo modificadas e aprimoradas dando lugar para a amoedagem tipicamente visigoda.

Com Leovigildo (567-586) esta nova era numismática foi inaugurada durante os primeiros anos de seu reinado, as moedas pseudo-imperiais continuaram a ser emitidas com a effígie de Justiniano I, que morreu dois anos antes.

Trientes com a legenda "CVRRVVVRRV", que não significava nada, foram criadas como teste e para verificar se foram aceitas pela população como boas sem ter que carregar o nome do imperador. Moedas com o tipo imperial no anverso e no verso com o busto do próprio Leovigildo e a lenda com seu nome LIVVIGILDVS REGIS. Outra série foi criada na qual as referências ao imperador desapareceram completamente. A moeda com cunhagem de ouro era uma prerrogativa exclusiva do imperador, então alguns autores interpretaram essa mudança nas moedas como a independência, não de fato, mas de jure, do reino visigodo em relação ao império.

Leovigildo unificou não só o império que chegava à Septimânia, como também foi o primeiro monarca do reino a mandar cunhar a primeira moeda NACIONAL visigoda, e que levava inscrito o local de cunhagem; é assim que através da moeda, o monarca exerce e põe em relevo a total autonomia em relação ao império romano, de há muito, mas muito tempo, moribundo.



Figura 13- Triente (575-586)

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Triente (575-586) emitido em Toledo durante os primeiros anos do reinado de Leovigildo/ Anverso: a lenda C VRVIIIWR VC em torno de uma cabeça coberta de diadema. Reverse: Victoria andando com coroa e palma nas mãos e cercada pela lenda VRRT ° IILVOIV ONO.

Leovigildo é considerado o fundador desta monarquia na Hispania. A organização territorial e sua administração seguiram o modelo romano e foi o primeiro a usar a coroa e o cetro como símbolos reais, seguindo o exemplo dos imperadores bizantinos. As minas romanas antigas foram responsáveis por cunhar os novos problemas monetários.



Figura 14- Triente de Leovigildo (575-586)

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Triente de Leovigildo (575-586) / Anverso: a lenda LLIVVICLDVS DE rodeia um busto coberto com um diadema. / Reverse: S IVC INCLTV legendas em ambos os lados de um cruzamento Victoria andando com coroa e palma nas mãos. No exergue a expressão ONO.

Nas legendas das moedas aparece a palavra latina REX, que é traduzida como rei, soberano, monarca, etc. E geralmente segue o nome do rei nos trientes visigodos. Esta tradição continuará mais tarde nos tempos medievais e mais tarde nas Casas reais dos Austrias e dos Bourbons. O REX substitui o termo AUGVSTVS, que usavam os romanos, sinônimo de imperador e que costumava ser colocado no final da lenda do anverso com a abreviatura AVG.



Figura 15- Mapa – Reino visigodo durante Leovigildo, año 586.

Fonte: disponível em  
<http://www.esacademic.com/dic.nsf/eswiki/446362>. Acesso em: 28 de ago de 2017.

Leovigildo foi o primeiro rei visigótico que abandonou a imitação do design da moeda para usar seus próprios motivos, um fato que se torna mais evidente a partir de Recaredo I, que faz desaparecer a figura da Victoria.

O primeiro nobre hispânico a converter-se ao cristianismo foi Hermenegildo, primogênito de Leovigildo (que professava o arianismo), o unificador da Hispânia Visigoda. Durante o reinado de Leovigildo também apareceram moedas cunhadas por seu filho Hermenegildo, revoltado na Bética.

Do reinado de Recaredo, apenas Tremises foram cunhadas. O tipo mais comum inclui na frente o nome e o título do rei, enquanto o reverso está gravado o epíteto DN (Dominus noster), FELIX, INCLITVS, VICTOR, IVSTVS ou PIVS, e o nome da casa de cunhagem, todos em caracteres latinos que variam nos nomes de reis e povos. Também é usual incluir anéis, glóbulos, estrelas ou palmeiras, além de símbolos cristãos. Outros representam no anverso do rei e, no contrário, o príncipe associado ao trono, como são os casos de Leovigildo-Recaredo, ou são comemorativos de vitórias militares e também como sinal de definições políticas, como é o caso de símbolos cristãos a partir da conversão de Recareto no início de seu reinado, em 589, no III Concílio de Toledo.



Figura 16- Triente Recaredo I (586-601)

*Fonte:* ESCUDERO.2000

*Nota:* Triente Recaredo I (586-601) emitido em Cesaraugusta (TARRACONENSIS) / Anverso: uma cruz e a legenda RECCLREPVRSRE cercam um busto olhando para a frente. / Reverso: uma cruz e as letras CE: LR: C • O: TLV envolver um busto.

A princípio Recareto recebe em segredo o batismo cristão, depois de compartilhar o trono com seu pai Leovigildo até sua morte. Durante seu reinado ocorreram várias conspirações arianas, que foram sufocadas e seus inspiradores

punidos com a exclusão de qualquer cargo público, queimando todos os textos que defendiam o Arianismo.

Em 8 de maio de 589, começou o Terceiro Concílio de Toledo, com a participação de 62 preladados e 5 metropolitanos, incluindo o Bispo Leandro de Sevilha, tendo Isidoro como diácono de seu irmão, no qual Recareto proclama solenemente a religião do Reino Hispânico Visigodo como o Catolicismo, anatematizou (excomungou) Arius e suas doutrinas e condenou os nobres que ainda professavam esta doutrina a partir de então herética.



Figura 17- Triente Recaredo I (586-601)

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Triente Recaredo I (586-601) emitido em Toledo (CARTAGINENSIS) / Anverso: uma cruz e a lenda RECCLREPVSR em torno de um busto olhando para a frente. / Reverse: Busto cercado por uma cruz e a expressão TOLETO PIVS.

Podemos pensar que a contribuição numigênica visigoda é escassa, mas não sem interesse, ou ainda sem diversidade. As oportunidades para analisar e contemplar uma moeda de cunhagem, deve ser aproveitada se pensarmos na forma como podemos analisar a história deste povo e como o mesmo utilizou estas moedas para passar os fatos de sua história sem a pretensão de criar crônicas e sim fatos os quais podemos utilizar para uma análise mais profunda de sua história.

Toda a cunhagem foi feita em ouro em moedas pequenas, a triente ou tremessis, que se caracteriza por uma arte muito primitiva, esquemática e rústica.

Podemos ainda citar o fato de que estas moedas não são cunhadas em prata e cobre por indicar que a moeda romana ainda era usada, cujo sistema era adotado por esse povo, pelo menos até o reinado de Leovigildo e principalmente Recareto com as mudanças as quais iremos analisar. Outro detalhe é a escrita em latim. Ambos os elementos confirmam a romanização e adaptação desses povos à cultura já existente, modificando-a e não deixando uma cultura em detrimento de outra.



Figura 18- Triente Recaredo

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Triente Recaredo emitiu em Córdoba (BAETICA) / Anverso: um busto com três pontos no ombro esquerdo, cercado por uma cruz e a lenda RECCLREDVS REX. / Reverse: O nome do cordoba PIVS emissor e uma cruz cercam um busto.

Apesar da riqueza de fatos e cunhagem realizadas neste momento histórico, por termos dois Reis que foram fundamentais para uma mudança importante no reino, que perdura por outros reinados pelo menos até o final do reino deste povo em 711.

Por sua importância e a importância de suas decisões e ações durante sua permanência como rei, focamos a análise destas moedas em Recaredo, entre 586 a 601. Recaredo após aceitar e subir ao poder, após receber a coroa no ano de 586 já começa seu reinado de forma totalmente diferente de seu pai. Dentro de dez meses de seu reinado, anuncia publicamente que abraça a fé católica contida no símbolo de Niceia e exorta e induz seus súditos à conversão.

Pensamos que através de suas decisões e das atitudes diferenciadas com as quais Recareto inicia seu reinado, a cunhagem não poderia ficar às margens destas modernidades que percebemos, como já supracitado, este período ficou marcado

com um borbulhar de acontecimentos que definiram o caminho do reino durante toda a sua história. Podemos visualizar nas cunhagens, uma evolução gradual em conjunto com sua história, pequenas diferenças que nos auxiliam a entender e ficar mais intrigados e curiosos por saber a história da península Ibérica.

Símbolos que foram agregados, nomenclaturas, cunhagens diferenciadas, tinham como propósito, anunciar ao reino as decisões e mudanças propostas pelo Rei e teriam um impacto permanente junto ao povo visigodo.



Figura 19- Julgamento de Recaredo I

*Fonte:* ESCUDERO.2000

*Nota:* Julgamento de Recaredo I cunhou Ispali (BAETICA) (Sevilha) / Anverso: um busto frontal cercado por uma cruz e a lenda RECCLREPVS RE. / Reverso: um busto frontal cercado por uma cruz e a legenda ISPLLI PIVS.

Dentre estes símbolos, podemos citar os símbolos cristãos que já estão presentes na cunhagem de Leovigildo, mas que agregam um novo propósito durante o reinado de Recaredo. Se antes os símbolos tinham como propósito a permanência de religiões cristãs no reino, diferenciando esta cunhagem de certa forma do governo de Justiniano, com Recaredo a intenção é de confirmar ao reino a conversão e fixação da religião cristã católica dentro das fronteiras do reino.

Para ter uma idéia sobre as mudanças do reinado de Recaredo, podemos dizer que o rei mandou cunhar as moedas, por ordem alfabética, em diversas cidades no território hispânico, em Barcino (Barcelona), Brigantium (Coruña), Cesar Augusta (Zaragoza), Córdoba, Dertosa (Tortosa), Egítania (Mérida), Iminio (cidade portuguesa junto com Coimbra), Ispalis (Sevilha), Massília (Marselha), Mentesa (possivelmente Jaén), Narbo (Portugal), Eliberris (Granada), Elvora, Narbonne,

Olovasio (possivelmente Colmenar Viejo), Pincia, Portus Cale (Porto), Recópolis (Zorita de Canes em Guadalajara), Rhoda (em Gerona, perto da fronteira), Salmantica (Salamanca), Tarraco, Turiaso (Tarazona), Toletum (Toledo), Tornio e Tude .



Figura 20- RECAREDO I.

Fonte: ESCUDERO.2000

Nota: Tremissis. Ispali. /Anverso- +RECCAREDVVSRE+. /Reverso- +PIVSIS-PALI.

Além das mudanças já apresentadas nas formas de cunhagem e em propósitos, além da utilização das diversas casas de cunhagens, por Recareto, podemos apresentar o sistema ponderal que continuou baseado no sistema romano com valores e pesagens bem distintas nas moedas.

As mudanças, apesar de pequenas, não abalaram o sistema de pesagem dos metais ou valores já estipulados pelos romanos, pensando assim em sua eficácia e facilidade.

Neste caso o valor de 1 libra seria igual a 12 onças, que por sua vez era igualada a 72 soldos de ouro, que se igualava a 216 tremesses ou trientes, o que é o mesmo que 1 soldo, tendo em vista a Reforma de Constantino se igual a 3 tremesses. A libra pesava 32,4 gramas, a onça correspondendo a 27 gramas, e o triente com peso de 1,5 gramas.

Um processo de enculturação estava em andamento e os detalhes passavam a ser mais comuns, de acordo com o motivo, mensagem e comemoração para qual a moeda haveria de ser criada, como mostramos anteriormente, como é a própria

utilização e permanência da escrita em latim, com o nome do titular nominativo e com especificações que indicavam a casa na qual a mesma havia sido cunhada. Vale lembrar que dentre diversos autores como Vico, Cruz e Cores, em sua obra de 1966, "*Corpus Nummorum Visigothorum*"<sup>21</sup>, identificam 100 casas de cunhagens dos visigodos em toda a Hispânia.

Dentro desta perspectiva, os números de cunhagens relacionadas a Recareto se demonstram numerosos em relação a outros reis e as adaptações feitas por ele em suas cunhagens podem ser consideradas de importância para o reinado visigodo a partir daí.

Até o fim de seu reinado no ano de 601, que valores e metais serão mantidos, a uniformidade de pesos e diâmetros na produção das diversas casas de cunhagem permaneceram, a simbologia ainda será muito usada e evoluirá de forma gradual, se afastando cada vez mais dos padrões simplórios e rústicos do início da história visigoda na Península ibérica. A amoedagem produzida durante o reinado de Recareto pode não ter sido significativa nos padrões de produção ou mudanças radicais, mas de suma importância para todo o processo a partir dela, as outras mudanças que virão teram como princípio e exemplo as mudanças realizadas tanto por Leovigildo, quanto em Recareto.

---

<sup>21</sup> DE JESUS; Cores, M. Cruz Vico. *Corpus Nummorum Visigothorum*. Espanhol. Ed: GE MIENCICLO, 2007.

## **5 TOLEDO PEDAGÓGICO:**

### **5.1 O Objeto de Aprendizagem e a utilização de jogos digitais para o Ensino de História**

O capítulo que se segue foi produzido de uma maneira diferente dos anteriores. Deste modo, achamos válido destacar estas suas especificidades a fim de um melhor aproveitamento. Como apontamos na introdução, o desenvolvimento do Objeto de Aprendizagem que ora apresentamos, parte integrante do trabalho de conclusão do Mestrado, juntamente com a dissertação, não foi trabalho de uma única pessoa. Assim, tanto este capítulo quanto o próprio Objeto foi um trabalho “a seis mãos”, entre os colegas do programa Crosley Rodrigues Gomes, André Luís Menari Pereira e eu.

Tanto o capítulo quanto Objeto foram pensados e desenvolvidos desta maneira pela complexidade do processo, já que optamos pela fabricação de um jogo digital do estilo RPG (Role-play Game) a fim de disponibilizarmos os conhecimentos da pesquisa em um material didático que possa ser usado por professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, mantendo a integridade da parte escrita e do Objeto, que estará presente nos três trabalhos, optamos por apresentar as três partes do referido Objeto de Aprendizagem neste capítulo, a saber, Emporion, Tartessos e Toledo, bem como as diretrizes que envolveram o desenvolvimento de todos eles.

### **5.2. Desenvolvendo um Jogo Pedagógico: Como aliar entretenimento e ensino?**

O uso de jogos no ensino básico é uma discussão que vem tomando espaço importante nos meios acadêmicos e pedagógicos. Com relação às disciplinas em que eles podem se encaixar, não há limites para suas possibilidades. Neste sentido, observamos que existe um movimento que demonstra certa preocupação por parte de muitos pesquisadores na abertura destas possibilidades de utilização de variadas linguagens para tornar a compreensão do processo histórico mais pertinente e significativo para a criança.

Uma série de estudos sobre o uso de diversas mídias tem sido feitos, combinando livro didático, imagens, televisão, cinema, jogos eletrônicos, etc. e tem

demonstrado a preocupação de que o professor de História possa ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias tanto para o mercado de trabalho quanto para o desenvolvimento cognitivo pessoal. Estes estudos têm por intuito possibilitar uma visão mais ampla por parte dos alunos, na intenção de que estes possam aprender a problematizar situações, constituir todo um processo histórico garantindo a construção de sentidos dentro e fora do espaço escolar. Mais que isso, tendo em vista as necessidades contemporâneas, é notável que o ensino precisa repensar algumas de suas diretrizes, pois

A contemporaneidade demanda capacitar os indivíduos para lidarem, de forma assertiva, com as exigências atuais, bem como dar-lhes as condições de permanência ou mesmo sobrevivência numa sociedade em constante estado de transformação, na qual as organizações públicas e privadas se diferenciam pelo capital humano e por aquilo que esse capital humano é capaz de produzir e inovar com seu conhecimento. (MATTA & LIMA, 2013, p.111)

Se pensarmos o jogo digital como uma ferramenta que possibilita também o ensino em história, estaremos estabelecendo um trabalho ligado ao ponto de vista do aluno, às estratégias pedagógicas e ao conhecimento. Ao ponto de vista do aluno por ser algo que está próximo de seu cotidiano; às estratégias pedagógicas por perceber as possibilidades que as novas tecnologias nos permitem explorar; e ao conhecimento por permitir o contato com pesquisas recentes dentro da Academia.

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considera-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. (HUIZINGA, 2014, p.16)

Huizinga explora em sua obra, *Homo Ludens*, o papel do jogo na sociedade, em vários âmbitos dela. Com base neste seu trabalho, percebemos que a presença do jogo em variadas formas e usos nos permite explorá-lo em vias educacionais, afinal, o uso de jogos como uma ferramenta para o ensino parece não ser uma prática recente. Platão que viveu em Atenas na Grécia Antiga entre os anos de 427 a.C. e 347 a.C. já se beneficiava do uso de jogos para ensinar seus alunos em sua Academia. O uso de jogos também esteve presente na Idade Média e mesmo na Renascença. Talvez por isso muitos educadores observaram nos jogos uma ferramenta eficiente para se propor o ensino e com isso auxiliar no crescimento

cognitivo das crianças. Vygotsky argumenta que o jogo é um instrumento mediador de relações sociais, potencializando interações entre os sujeitos, neste nosso caso, alunos, permitindo-os uma melhor construção de existência, chamando a atenção para uso dos jogos como um estímulo à interação entre os alunos durante o processo de aprendizagem (VYGOTSKY, 1998). Os trabalhos de Vygotsky discorrem, em grande parte, em como a troca de ideias entre os alunos é uma ferramenta muito eficiente para se transmitir conhecimento e com isso alcançar um avanço cognitivo.

Essa interação, ainda segundo o autor, é criada entre os indivíduos com o auxílio dos jogos ajudando no desenvolvimento do que ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Para o autor é necessário que tanto o educador como os educandos com mais experiência auxiliem os menos experientes neste processo de aprendizagem, afinal, este só se dá em comparação à distância

[...] entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução independente de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1998, p. 112).

A aplicação de jogos na educação se faz importante neste sentido para que ocorra o desenvolvimento físico, intelectual e social do aluno.

As técnicas de Dinâmica de Grupo, em qualquer de suas especificações, não devem ser aplicadas apenas para criar um modelo novo ou diferenciado de ensino. Devem ser aplicadas quando se busca estabelecer em bases definitivas uma filosofia formativa que se pretende imprimir na escola ou empresa; quando se descobre, nas pessoas envolvidas no processo, um estado de espírito para aceitarem uma inovação como resposta a necessidade e ao desejo de se conhecerem melhor; e finalmente, quando se acredita que uma técnica, seja ela qual for, não representa uma “opção mágica” capaz de educar e alterar comportamentos, mas somente de estratégia educacional válida na medida em que se insere em todo o processo, com uma filosofia amplamente discutida e objetivos claramente delineados (ANTUNES, 2002, p. 17).

É preciso que o aluno perceba o objeto de seu estudo de uma forma mais ampla que apenas o contexto da sala de aula. Com base neste exercício, existe uma possibilidade de se entender melhor onde o aluno está inserido, dentro de um processo de desenvolvimento cognitivo e de interação social.

O percurso que fizemos até aqui nos aponta para a maneira como, com a evolução das tecnologias, os audiovisuais passaram a ser opções de lazer, cultura e informação. Tendo inicialmente uma dimensão pública, eles acabaram sendo incorporados aos nossos lares e hoje fazem parte do nosso cotidiano, medindo nossa relação com o mundo. Os aperfeiçoamentos técnicos permitiram o surgimento de novas linguagens, novas formas de compor os signos e produzir significados, e alteraram a recepção das informações ao dar ao espectador o controle sobre o que vê, e, cada vez mais, sobre aquilo que deseja ver. Recepção e interatividade passam a redefinir as teorias da comunicação, na medida em que a linguagem, diferentemente daquilo que pensavam estruturalistas, vem se tornando cada vez mais múltipla e instável. (HAGEMeyer, 2012, p. 104)

A disciplina História é costumeiramente taxada como cansativa e maçante pelos estudantes, no sentido de leituras excessivas e conteúdo aparentemente pouco atraente, ficando as disciplinas de Exatas ou Biológicas como as disciplinas que trabalham o lúdico com mais facilidade e de forma mais entusiasmante. Neste sentido, a integração do ensino de história com uma mídia digital faz com que aquele esteja mais próximo da realidade dos estudantes, deixando a disciplina mais dinâmica e acessível, levando o aluno à compreensão dos temas abordados nos estudos, ligando-os com suas relações no presente e possibilitando a aproximação acadêmica com o ensino básico.

Considerando esta ideia que caminha em parceria com os pensamentos pedagógicos atuais, percebemos a importância da utilização do jogo como instrumento de solicitação para o desenvolvimento do raciocínio lógico e como atividade eficiente para trabalhos psicopedagógicos.

Nos *games*, em vez de ser um mero espectador, o usuário tem diante de si uma narrativa que dependerá dos comandos que ele realizar, das decisões que ele tomar. [...] é preciso enfatizar que um *game* é, sim, um gênero de caráter narrativo: os mundos ficcionais fornecidos por um programa, apresentando-se como cenários exibidos na tela, desempenham a função de *espaço*, no qual são dispostos *personagens* (em alguns simuladores, o próprio usuário pode elaborá-los, assim como os cenários), ou, para usarmos um termo mais apropriado da teoria narrativa, *actantes*. Esses, por sua vez, desempenham uma ação que se desenvolve ao longo de um *tempo*, no qual ocorrem *transformações de estado* ou de situações. Eis, pois, as condições fundamentais e inegáveis da narratividade. (BULHÕES, 2009, p. 73-74).

Esse talvez tenha sido o principal motivo por termos pensado no desenvolvimento de um jogo como Objeto de Aprendizagem: colocar o aluno como

ser ativo dentro do processo de ensino-aprendizagem. Como Bulhões aponta, em consonância com a nossa experiência dentro de sala de aula, grande parte do ensino de História coloca o aluno como um observador dos processos. Ainda que existam estratégias que busquem quebrar esse ciclo, a maioria das interações dentro de sala de aula ainda não ocorrem desta maneira.

Vale lembrar que

[...] uma das características primárias dos jogos eletrônicos é tornar o jogador um agente responsável por tudo o que acontece (este é, aliás, o grande desafio dos educadores da História: conscientizar os alunos que estes são também agentes históricos, e, por isso, estudar História é estudar eles mesmos). (PEREIRA; ALVES, 2009, p. 200)

Indo ainda além deste patamar, percebemos que na atualidade uma grande parcela do que é produzido pela indústria cultura, principalmente jogos e filmes, passou a utilizar de narrativas históricas na criação de peças épicas.

Não são poucos os *games* com ambientação histórica; aliás, existem grandes sucessos comerciais que fogem do rótulo de “educativos” – tal como acontece também no cinema com os filmes históricos. Contudo, costuma-se discutir até onde vai o mero entretenimento e a partir de onde eles oferecem um potencial real de aprendizado histórico para os jogadores. (HAGEMEYER, 2012, p. 102)

É costumeiro o grande problema que ocorre quando os professores se utilizam destes produtos em sua aula de maneira equivocada ou relativamente acrítica: o filme ou jogo se torna uma “janela para o passado”, isto é, os profissionais do ensino dizem aos alunos que aquele momento histórico foi como o mostrado no filme ou jogo. Esquecem-se de que aquele produto foi feito tendo em mente uma narrativa que coloca para os personagens do passado histórico certos debates que são os dos nossos tempos, do discurso de seus autores, não os dos agentes a quem o filme ou jogo se referem. A título de exemplo, podemos citar filmes como *Coração Valente*, jogos como os da série *Assassin's Creed*, ou telenovelas como *Novo Mundo*.

No caso do primeiro, temos as inconsistências históricas que modificam datas, personagens e os motivos dos agentes históricos a fim de criar uma narrativa que impacte o público atual nos cinemas. No caso do segundo, o jogo, temos um credo de assassinos que, em busca de proteger que certos artefatos mágicos caiam

em “mãos erradas”, acabam se envolvendo em intrigas políticas medievais, renascentistas, etc, dependendo do jogo, já que cada um se passa em uma época. Nesse ponto, a segunda trilogia do jogo, que se passa na península itálica renascentista, o jogador encontra com personagens como Maquiavel, Leonardo da Vinci, a família Médici, a família dos Bórgias, etc. Nem sempre eles representam e apresentam ideias que eram as deles, mas, muitas vezes, adaptações atuais de suas ideias. No terceiro caso, a telenovela *Novo Mundo*, produzida e transmitida pela Rede Globo, que se passa no período após a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, até a Independência, temos questões como o papel da cultura indígena brasileira e a destruição de suas reservas. Estas são preocupações do nosso tempo e não as daqueles períodos e personagens.

O uso deste tipo de mídia deve ser feito com cuidado, como bem mostramos, a fim de não induzir o aluno ao equívoco do anacronismo, o maior de todos os pecados do historiador. Se pensarmos todos os tempos como iguais, nosso entendimento da realidade histórica se torna frágil e não vemos a real importância de tentar compreendê-lo.

Ao desenvolvermos uma mídia como esta tomamos certos cuidados: como nem tudo o que está presente no jogo realmente pertenceu ao momento histórico retratado, pois utilizamos de muitos dos *presets* que o software nos disponibilizava, colocamos junto ao jogo um pequeno guia para que o professor destaque aos alunos as nossas inconsistências históricas e para que também chame a atenção de outras. Esse tipo de atitude quando repetida e reafirmada constantemente mostra, ao aluno, que sempre que este tiver contato com uma obra deste mesmo estilo, ele faça a mesma análise.

A escolha de um jogo e não de um vídeo está ligada à questão que já apontamos, colocar o aluno como ser ativo no processo, mas, principalmente em vista de uma das principais características de um jogo que é “[...] uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total.” (HUIZINGA, 2014, p.16). Se o problema da disciplina de História para muitos é não ser cativante o suficiente, esperamos que o nosso objeto mostre que esta afirmação não se sustenta.

Percebemos que no desenvolvimento de

[...] objetivos direcionados aos aspectos cognitivos decorrentes de sua aplicação, quer na aprendizagem de noções, quer como meio de favorecer os processos que intervém no ato de aprender, não se ignora o aspecto afetivo que, por sua vez, se encontra implícito no próprio jeito de jogar. Como ensinam Piaget e Inhelder (1974), em toda conduta humana o aspecto cognitivo é inseparável do aspecto afetivo, compreendido como a energética da ação que permeia a motivação. (BRENELLI, 1996, p.27)

Por este motivo, entendemos a utilização do jogo digital no ensino de História como uma nova linguagem. Não só com o intuito de motivar os alunos, mas para auxiliar no trabalho do ensino de História não sendo esta, um objeto de salvação da disciplina em um todo, mas como um atrativo valioso para o ensino, partindo do pressuposto de que

[...] a construção da História é feita por diferentes sujeitos, dotados de vontade e situados em diferentes presentes. [...]. Concebendo a História como conhecimento e prática social, o futuro pode ser entendido como “vir a ser” construído pelos sujeitos, em suas várias dimensões do presente e num campo de múltiplas possibilidades. (BRASIL, 1997, p. 34)

As atividades do dia a dia, as novas mídias e a globalização fazem com que o jovem esteja conectado a estas tecnologias, possibilitando uma ampla condição de abordagens e a atualização do pensamento do professor com a utilização de novas plataformas auxilia neste desenvolvimento.

Por isso, os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca [...]. Esse desafio se igual àquele que nos propõe Koselleck ‘conhecer um mundo histórico é responder a esta questão maior: como, em cada presente, as dimensões temporais do passado e do futuro foram postas em relação? (SIMAN, 2003, p. 116.)

É neste sentido que pensamos o jogo digital como um instrumento de trabalho mais amplo junto ao ensino de história, ampliando a compreensão interpessoal do que está à volta do aluno: uma realidade permeada de momentos do passado, do presente e do futuro.

### **5.3. Deuses do Tempo: Diretrizes para o uso do objeto de aprendizagem**

O jogo *Deuses do Tempo* que apresentamos junto a esta dissertação, como explanado anteriormente, tem o objetivo de aproximar a realidade tecnológica vivida por muitos dos alunos com o ensino, auxiliando os professores nesse processo.

Algumas considerações devem ser salientadas antes de iniciarmos a descrição e algumas dicas que acreditamos serem fundamentais para um melhor aproveitamento do Objeto.

A primeira delas é a de que em cada uma das etapas, o professor assume um papel, já que, como também já explanado, o jogo foi desenvolvido por três pessoas diferentes, cada uma com seus entendimentos sobre o processo ensino-aprendizagem (que divergiam em alguns pontos), com base em suas experiências dentro de sala de aula e seu modo de ensinar e também tendo como suporte três pesquisas com temas diferentes. Assim sendo, *Deuses do Tempo – Parte 1: Emporion* tem características que diferem de *Deuses do Tempo – Parte 3: Toledo*, por exemplo, no que se referem ao modo como o aluno deve ser avaliado pelo professor que utilizar do Objeto.

A segunda consideração é voltada para a autonomia dos três jogos. Como a relação entre as três pesquisas é deveras frágil, optamos por permitir que o jogador tenha contato e o professor trabalhe apenas o tema que lhe interessa. Assim, se jogados separados, as histórias possuem começo, meio e fim. Mas apenas jogando as três partes existe o completo entendimento do que ocorreu realmente com os personagens, já que a cada etapa eles fazem observações diferentes sobre o que aconteceu a eles que não necessariamente estão presentes nas outras etapas do jogo.

A terceira consideração é a de que o professor deve ser, no uso desta ferramenta, um mediador. Ele não deve deixar o jogo por si só “ensinar” o aluno, já que a ferramenta não foi pensada com esse intuito. Ele deve apontar certas particularidades das situações para os alunos e, após o término do jogo, debater em sala sobre elas, desde as inconsistências históricas que apresentaremos, até os temas abordados.

Outro ponto importante é o de que se o professor é o mediador, o jogo pode ser usado como um ponto inicial de discussão ou abordagem do tema, em que o professor inicia a exposição apresentando o Objeto aos alunos e depois debate e apresenta outras informações; como meio de retenção de conhecimento e entendimento do tema por parte dos alunos, usando o Objeto após ter apresentado alguns conceitos sobre aquela temática; ou como de encerramento daquela abordagem, usando o jogo para que o aluno perceba as inconsistências em comparação com aquilo que foi apresentado durante as aulas. Pensamos o Objeto

de forma que o professor se sinta livre a usá-lo da maneira que achar mais adequado à sua realidade escolar.

A história do jogo é bem simples: um grupo de arqueólogos encontra uma construção praticamente intacta em suas escavações na Península Ibérica. Ao adentrarem, percebem que aquela construção é, na verdade, um templo. Observando as estátuas do templo, desenhos nas paredes, entre outros aspectos, os três começam a discutir sobre a quem aquele templo seria destinado. As características são confusas porque o templo é dedicado a Cronos, deus do tempo, misturando tempos, estilos artísticos, povos. Os três arqueólogos discutem em frente à estátua do deus e, por não conseguirem chegar a um acordo, a divindade se irrita e os envia em uma jornada através do tempo, para que conheçam melhor seus campos de estudo. O personagem Richard Pappadopoulos, que estuda a presença grega na Península Ibérica, é enviado para resolver um problema em Emporion; em contrapartida, David Carter, que estuda o rei Argantônio e o reino tartéssico, é enviado a Tartessos para ajudar a salvar o rei de um atentado; por fim, Claudius Abreu, que estuda o processo de legitimação visigoda é enviado ao momento em que o rei Recareto deve escolher a qual vertente do cristianismo se converterá. Em todas as paradas, os personagens devem encontrar alguma relíquia ligada à sua pesquisa: Richard, a Lira de Apolo; David, uma joia tartéssica; e Claudius, objetos símbolos da vertente cristã a que se converteu Recareto.

Em cada um dos subcapítulos a seguir explicaremos as especificidades e usos de cada uma das etapas do jogo. A parte sobre Emporion foi escrita por Crosley Rodrigues Gomes; a segunda, Tartessos, por André Luis Menari Pereira; e a terceira, Toledo, foi escrita por mim. Todos apresentamos as três etapas para um melhor entendimento de todo o processo de desenvolvimento dos jogos.

Outro ponto que vale destaque é o motivo da escolha de um jogo no estilo *role-playing game* (RPG). Ela se deu por este tipo de jogo ter como princípio, como o próprio nome sugere, ser um jogo de interpretação (*Role-playing*). Desta forma, para resolver os problemas propostos pelo estilo de jogo, o participante deve assumir o papel do personagem e agir como ele agiria.

Além disso, optamos por um software chamado RPG Maker. Como o próprio slogan do software sugere, não é preciso conhecer vastamente as linguagens técnicas e programação para tal desenvolvimento, pois é "*Simples o suficiente para uma criança e poderosa o bastante para um desenvolvedor*". Apesar de o programa

ser pago, o que dificultaria a disponibilidade gratuita exigida pelo Programa, os jogos desenvolvidos com esta plataforma não necessitam, especificamente, do software para serem jogados, pois todo o material utilizado é instalado junto ao jogo.

Para finalizar este subcapítulo, devemos discutir que dentro de todos os três jogos, de maneira praticamente escondida do jogador, damos algumas dicas de como ele deve proceder para resolver os desafios que propomos. Chamados dentro dos jogos esse tipo de interação, escondida ou não, de *tutorial*. Ele se dá de duas maneiras em *Deuses do Tempo*: ou mostramos em tela as instruções ao jogador (como: “Aperte o botão X para a ação Y.”), ou fazemos com que o aluno tenha que resolver um problema simples para que entenda a mecânica daquele tipo de desafio. Quando o desafio se repete, com certas diferenças, por já ter tido o contato com outra situação semelhante, o jogador já “intuitivamente” saberá o que fazer. Isso é muito presente dentro do game design, principalmente em jogos que possuem muitos controles. O jogador tem uma curva de aprendizado de habilidades para que ele vá dominando-as pouco a pouco.

Um dos melhores exemplos da atualidade é a técnica utilizada por Koichi Hayashida, co-diretor de Design de Níveis de jogos da série *Mario* da Nintendo. Em muitas entrevistas dentro da área de jogos, o co-diretor explica como criou a ideia por trás da técnica. Ele diz baseou a sua filosofia de Design em uma estrutura de poemas comum no Japão, chamada de *Kishōtenketsu*. O poema possui quatro linhas e é similar à estrutura usada por Hayashida em que, em todos os níveis onde há um novo tipo de interação ou uma nova mecânica para o jogador, existe um tutorial em quatro partes: a primeira introduz o conceito em um ambiente seguro em que o jogador não é punido se errar; na segunda, o jogo retira as ajudas ao jogador gradativamente, para que este entenda e aperfeiçoe a mecânica apresentada; a terceira parte é o ponto de virada e nela que o jogador deve interagir com a nova mecânica em conjunto com outra mecânica apresentada anteriormente no jogo; a quarta e última permite que o jogador que entendeu completamente a mecânica ganhe um bônus no jogo, através de um desafio mais complexo.

Esse tipo de tutorial que acontece em meio ao jogo, sem que a ação ou o andamento da história é interrompido para se explicar a nova mecânica, é costumeiramente tratado como *tutoriais orgânicos*. Tentamos colocar este tipo de ideia em meio ao jogo de maneira a não interfere no andamento do jogo de modo a torna-lo dinâmico e economizar tempo, já que, muitas vezes, o professor pode ter só

50 minutos de aula. Assim, cada o jogo, pensados para ter cerca de meia hora de duração, poderia ser utilizado em uma aula apenas.

Vejamos agora as especificidades de cada uma das partes do jogo *Deuses do Tempo*.

#### **5.4 Deuses do Tempo – Parte 1 – Emporion: O ensino de Mitologia e Cultura Gregas**

Tendo como tema a Grécia Antiga, que é um conteúdo obrigatório tanto para o ensino fundamental, como também para o ensino médio, desenvolvemos a primeira parte do jogo *Deuses do Tempo*, que se passa, em grande medida, em Emporion. Optamos por abordar, assim como em nossa pesquisa, um tema que não estivesse diretamente ligado às *Pólis* mais conhecidas, como Atenas e Esparta, cuja abordagem nos materiais didáticos é sempre marcante.

O grande problema que encontramos ao analisar os currículos básicos de educação é que seu foco está mais voltado para o grande centro grego, ou seja, as *Pólis* que estavam situadas na Península Balcânica. Parece não existir uma preocupação em apresentar este mundo grego mais periférico que foi se formando ao longo da costa do Mar Mediterrâneo. Hoje sabemos que muitas colônias foram fundadas em regiões muito distantes da Península Balcânica.

Estas colônias eram formadas por várias pessoas que migravam para outras localidades em busca novas oportunidades. Devido ao aumento populacional e à escassez de recursos, causados pelo solo pobre em nutrientes da península que não permitia um grande desenvolvimento agrícola, muitos gregos deixam suas *Pólis* de origem e partem para viver em outras localidades.

Dentre estes povos podemos citar os Foceus (ou Fóscios) que eram originários da Ásia Menor, onde fica a atual Turquia. Estes foram os primeiros a se aventurar por regiões mais distantes do Mar Mediterrâneo. Eram hábeis navegadores e tinham como sua principal atividade econômica o comércio. Em busca de novas mercadorias e de um maior centro de troca, os Foceus chegaram até a Península Ibérica, e buscaram construir e manter uma relação de trocas com os povos da região. A partir do século VI a.C. os Foceus se instalaram na região nordeste da Península Ibérica, atual região da Catalunha, onde fundaram várias colônias, dentre as quais podemos destacar Emporion.

Emporion tinha uma posição estratégica importante para as atividades comerciais dos Foceus no Mar Mediterrâneo, havia ali uma rota importante de transição de mercadorias entre os grandes centros gregos com as regiões mais periféricas, e, por possuir um porto bem desenvolvido, Emporion era não só a porta de entrada de produtos que eram importados, como também era o centro de saída de muitas mercadorias produzidas nas colônias, como grãos e azeitonas cruas. A Península Ibérica também era muito rica em minerais como estanho, cobre e mesmo prata, amplamente explorados pelos Foceus. Estes também eram escoados para outras regiões através do porto de Emporion.

Como podemos observar existiam atividades importantes acontecendo fora dos grandes centros gregos, processo que também ocorria em outras partes da costa do Mar Mediterrâneo. Neste sentido, propomos a elaboração deste jogo para auxiliar a enriquecer os currículos básicos de educação, ajudando os professores a apresentar conteúdos que estejam mais próximos dos alunos, pois, não podemos deixar de levar em consideração que a origem do povo brasileiro está relacionada diretamente com a Península Ibérica.

O jogo que idealizamos tentará cumprir o papel de apresentar para os alunos um pouco de como seria este mundo grego na Península Ibérica. Apresentando a eles algumas das colônias, suas atividades e seus costumes, além das inter-relações gregas com os outros povos da região.

Levando em consideração que a Península Ibérica na Antiguidade era uma zona de extensa confluência de povos devido à importância de seu comércio, é preciso dizer que na elaboração do jogo não apresentamos um cenário em que fica demonstrada a existência da superioridade de um povo sobre outro. É claro que nosso foco maior está direcionado para os gregos, mas tentamos não apresentar estes como sendo totalmente superiores aos outros povos que ali viviam.

Após a apresentação de um pequeno resumo da pesquisa, podemos falar um pouco mais a respeito do jogo em si. Nossa ideia é apresentar um cenário de como seriam as colônias gregas na Península Ibérica da forma mais precisa possível, porém, mantendo certos elementos mais próximos do senso comum para que o professor explore em sala de aula. Pretendemos apresentar alguns elementos importantes tanto para que o aluno possa adquirir conhecimento, o intuito principal do jogo, mas também que ele aprenda de uma forma bem mais prazerosa, fazendo

com que a experiência de aprender sobre o conteúdo de Grécia Antiga se torne não só eficiente, mas também divertida.

Dentro do jogo vamos trabalhar alguns pontos específicos, dentre eles podemos citar a religião e o ambiente. Apresentaremos ao jogador/aluno um grande cenário onde ele poderá explorar de forma livre, ter acesso a diálogos com personagens que por ventura encontre pelo caminho e com isso ir adquirindo conhecimentos sobre os costumes e a forma de pensar dos povos daquela região.

O primeiro ponto, a questão da religião e dos mitos, se dá pela religiosidade na Antiguidade ser muito arraigada dentro das sociedades, tornando sua dissociação com outras relações sociais, como a Política, praticamente impossível. Por essa razão achamos que seria importante apresentar aos alunos um pouco de como seriam os santuários gregos e como estes estavam interligados no cotidiano dos habitantes da cidade.

Quando falamos sobre a região onde Emporion teria sido fundada, temos uma descrição que aponta

[...] formas de povoamento adaptadas a um marco geográfico de cursos hidráulicos e grandes zonas pantanosas que perduram até a atualidade. A população se concentrava nas elevações que, como ilhas, surgiam sobre a zona pantanosa ou inundada (CRESCO, 2006, p. 91).

Tentamos manter certa fidelidade nos ambientes para que o jogo seja uma ferramenta que possa auxiliar os alunos a entenderem melhor o espaço geográfico da região que estão estudando.

Ainda dentro da religiosidade e dos mitos, percebemos que esta abordagem é importante pela ampla atenção que a mitologia grega vem tendo dentro da indústria do entretenimento na atualidade. Muitos são hoje os filmes que trazem a mitologia grega como seus temas principais ou panos de fundo para compor suas narrativas. Além destes, também temos séries de TV e mesmos jogos de vídeo games também tem trazido o tema da mitologia para os dias de hoje.

Nossa preocupação é apresentar qual seria o sentido dos mitos e como eles estavam enraizados dentro da cultura dos gregos. Como podemos ver nesta passagem de Marilena Chauí,

(...) [os gregos] retiraram os aspectos apavorantes e monstruosos dos deuses e do início do mundo; humanizaram os deuses; divinizaram os homens; deram racionalidade a narrativas sobre a origem das coisas, dos

homens, das instituições humanas (como o trabalho, as leis, a moral). (CHAUI, 1999, p. 27).

Nesta passagem de Chauí podemos observar que os gregos foram os primeiros a buscar uma valorização do próprio homem, quando construíram deuses totalmente humanizados. Passaram, inclusive, a se ver como os próprios deuses. Isso auxiliou na construção das instituições humanas, ajudava na formação do caráter dos indivíduos, além, é claro, de criar toda uma estrutura moral que mantinha estas instituições humanas funcionando em harmonia, sem grandes conflitos.

Por essa razão achamos importante levar um pouco do tema religiosidade para o jogo, auxiliar os alunos a entenderem as complexidades que eram as relações entre os mitos e as sociedades. Os mitos que usaremos no jogo serão as divindades Cronos, Poseidon e Asclépio, além de um ser mitológico, o centauro. A escolha de Cronos se deu pelo tema do jogo que é viagem no tempo. Esta divindade era associada ao tempo e é ela que transporta os arqueólogos por diferentes tempos históricos. Poseidon era o deus dos mares e oceanos e sua escolha se deu pelo fato que as colônias gregas estarem em uma região litorânea da Península Ibérica, e era comum que as populações que habitavam as regiões mais próximas ao mar sempre prestavam homenagens a este deus em particular. Já Asclépio, o deus da saúde e da purificação, era o deus de principal culto na cidade de Emporion. As escavações na cidade conseguiram encontrar o seu santuário quase que intacto o que ajudou muito a entender melhor como seriam os rituais de cultos e as homenagens a esta divindade na colônia. Por fim temos o centauro um ser mitológico que era metade homem e metade cavalo. Sua imagem era muito associada a sabedoria, estes seres sempre eram descritos como tutores de grandes heróis, o mais famoso talvez teria sido Herácles, treinado por Quiron, um centauro.

Apresentando um pouco dos temas que o jogo pretende abordar para levar conhecimento aos alunos, podemos agora apresentar um pouco de como isso vai funcionar. Dentro dos jogos eletrônicos de RPG, como já tratamos anteriormente, os personagens têm total liberdade para explorar os muitos cenários que o jogo oferece, o que o diferencia dos modelos de jogos de história puramente linear em que todos os personagens do jogo tem que seguir uma linha já estabelecida pelo criador do game.

Com essa mobilidade os alunos/jogadores poderão explorar os cenários em busca de informações e dados que deveriam ser úteis para eles no decorrer do jogo. Muitas das informações colhidas durante sua jornada pelo ambiente do jogo os serão de utilidade para resolver quebra-cabeças futuros. Esses desafios ou quebra-cabeças são, também, uma particularidade de jogos do estilo RPG

Os jogos de RPG também propiciam que, a cada fase do jogo, os personagens tenham que cumprir pequenas missões até que possam chegar na missão principal. No caso, em *Deuses do Tempo – Parte 1: Emporion*, a princípio, os personagens chegam a cidade de Ullastret. Como não sabem o que fazer, pois Cronos não lhes deu nenhuma pista, procuram o Oráculo local, num santuário de Poseidon, em busca de pistas para encontrar um jeito de voltar para sua linha temporal. No templo de Ullastret, a sacerdotisa os envia em uma missão para a cidade de Emporion.

Saindo de Ullastret, os personagens terão que percorrer todo um caminho até chegarem na cidade de Emporion. Neste caminho o aluno/jogador pode conversar com outros personagens que se dialogam com eles, apresentando informações sobre como seria a vida cotidiana das pessoas nas colônias.

A segunda missão do jogo estará na cidade de Emporion, onde novamente os personagens vão ao templo de Asclépio, conforme havia dito a sacerdotisa do templo de Ullastret. Ao perceberem muitas pessoas doentes, perguntam o que aconteceu e a sacerdotisa explica que um druida entrou no santuário e roubou o cajado de Asclépio e destruiu a estátua do deus. Eles então prontamente saem em busca de trazer de volta o cajado de Asclépio que havia sido roubado.

No caminho, porém, como alertado pela sacerdotisa de Asclépio, os personagens entram em um território dominado por centauros. É neste momento que enfrentarão o principal desafio do jogo: para deixá-los passar, os centauros decidem verificar se os personagens são dignos de passar por aquelas terras. Para isso, os jogadores devem responder perguntas. Todas as informações foram dadas conforme o jogador explorava os cenários e conversava com outros personagens, por isso a importância de se explorar bem as diferentes localidades do jogo. Depois de acertar todas as questões, os jogadores terão permissão para seguir a frente.

Passando para o lado celta de Emporion, os personagens encontram uma caverna onde se esconde o druida. O druida, assim como os habitantes de

Emporion, também foi acometido por alguma doença. Eles então recuperam o cajado de Asclépio e retornam a Emporion.

Para finalizar, devido a uma invasão dos fenícios, os jogadores precisam convencer os gregos e os indígetes que vivem em Emporion, separados por um muro, que derrubem o muro e convivam em harmonia, um defendendo o outro lado contra a invasão fenícia. Assim que o muro é derrubado, Cronos se vê satisfeito e declara que aquela parte da missão foi cumprida e a primeira parte finda-se.

Acreditamos que este jogo pode contribuir como uma ferramenta alternativa no auxílio dos professores na construção de uma aula mais dinâmica e divertida. Como percebemos, é de extrema importância que os docentes tenham uma participação ativa em todo processo de utilização do jogo em aula, mediando o contato dos alunos com o jogo.

Não é nosso interesse que o jogo seja um substituto do professor no processo de aprendizado dos alunos. Os alunos precisam contar com a ajuda do docente nos momentos de dúvida, sendo um mediador entre os pontos abordados pelo jogo e os conhecimentos que ele também pode ofertar para o aluno.

### **5.5 Deuses do Tempo – Parte 2 – Tartessos: Como aliar investigação do passado histórico com o entendimento do presente?**

Enquanto na primeira parte temos uma abordagem mais tradicional do processo ensino-aprendizagem, com o uso de perguntas e respostas dentro do jogo para que o aluno retenha informações básicas sobre o tema tratado, isso é, a presença grega na Península Ibérica, *Deuses do Tempo – Parte 2: Tartessos* aposta em uma abordagem mais investigativa. Desta vez, os jogadores terão de interagir com o cenário e com os personagens de maneira a conseguir informações para solucionar um problema.

Essa escolha se deu numa tentativa de mostrar ao aluno que a mesma criticidade que devemos ter ao estudar a História, mas que poderia ser estendida a outras ciências, pode ser usada no nosso cotidiano. Se quisermos entender o presente, é preciso, em alguns momentos, atentar-se para o passado e para aquilo que está à nossa volta. Se quisermos que o aluno realmente seja ativo no processo de aprendizagem, temos de lhe dar meios para isso.

Assim, pensamos em três desafios em que o aluno, interagindo com personagens e cenário consegue informações para resolver as perguntas direcionadas a eles. No primeiro desafio, que não está estritamente ligado à pesquisa, o jogador deve ajudar um pai a descobrir, com base na investigação do cenário e do contexto, qual dos dois filhos quebrou um objeto. Resolvendo este desafio, no próximo cenário, o jogador deve ajudar um comerciante a decidir um presente para um conhecido que lhe visitará. Em meio aos diálogos com os artesões que produziram os presentes, eles começarão a ter informações sobre Tartessos. O terceiro desafio, já ao final do jogo, coloca os jogadores para descobrir qual dos três personagens apresentados tem o intuito de assassinar o rei Argantônio. Eles devem investigar os suspeitos e conseguir informações na biblioteca do palácio.

Aqui acontece uma das nossas inconsistências históricas que deve ser salientada pelo professor durante o uso desta ferramenta: para não comprometer o andamento do jogo, optamos por colocar estantes com livros no cenário, coisa que não existia à época. A escrita que acredita ser da região tartéssica (chamada de SW) ainda não foi decifrada e não era escrita em papel. Percebemos que os alunos poderiam não compreender estes conceitos dentro do jogo, pelo pouco tempo de desenvolvimento, principalmente se o jogo fosse usado como uma introdução ao tema. Sendo assim, optamos pelas estantes de livros, presentes em outros games, por ser um recurso corriqueiro para se entender a ideia de “pesquisa”.

Especificamente sobre a história do jogo, *Deuses do Tempo – Parte 2: Tartessos* inicia quando os jogadores acordam, após serem transportados por Cronos, nos arredores de uma cidade. David a reconhece como Tartessos e resolve rumar para lá, a fim de conhece-la melhor. Enquanto descem a montanha onde foram deixados, eles enfrentam o primeiro e o segundo desafio supracitados. Quando entram em Tartessos, são recebidos por guardas ao tentar adentrar-se ao palácio do rei. Lembrando-se de que Argantônio é retratado como benevolente nas fontes que analisou, David resolve pedir pouso ao rei.

Contudo, quando o fazem, o rei, com medo das ameaças que vem sofrendo, ordena que os personagens sejam presos até que se descubra quem tentará matá-lo. Na sala onde são presos, os personagens enfrentam o terceiro desafio. Após resolvê-lo, o rei agradece a ajuda e dá a eles um presente: uma joia tartéssica. Cronos se vê satisfeito e traz os personagens de volta ao seu tempo original.

Como percebemos, as interações são simples mas entendemos que com elas os professores podem explorar as características da sociedade Tartéssica. Pensamos que a segunda parte de *Deuses do Tempo* deve ser utilizada como uma introdução sobre Tartessos, pois esta temática raramente encontra-se nos materiais didáticos. Nós mesmos não tivemos contato com nenhum que se referisse a Tartessos. Dessa forma, acreditamos que o professor, utilizando o jogo como uma introdução ao tema, terá mais sucesso. Caso queira trabalhar o jogo após durante ou após a exposição em aula do tema, o professor pode utilizar das informações sobre Tartessos como reforço daquilo que ele apresentou.

### **5.6. Deuses do Tempo – Parte 3 – Toledo: A religião como uma construção**

Com relação ao tema de *Deuses do Tempo – Parte 3: Toledo*, a utilização da civilização visigoda vem da necessidade de apresentar um tema muito desvalorizado e abandonado no ensino básico do Brasil. O ensino de História é fragmentado e certos temas ficam à deriva em sala de aula, sendo pouco trabalhados ou, em outras vezes, sequer citados. Quando abordamos os povos visigodos, especialmente relacionando-os à Península Ibérica, a estranheza é generalizada por parte dos alunos e por colegas professores, sendo as abordagens sobre este povo inexistentes em muitos planejamentos de aula. Por este motivo, tratar sobre este tema se faz tão necessário, mesmo que de forma mais sucinta. Assim, escolhemos uma possibilidade de trabalhá-los dentro de um processo importante em que ele teve protagonismo durante a Antiguidade Tardia.

O período em questão é relacionado à conversão do Reino Visigodo através do III Concílio de Toledo, segunda metade do século VI, momento em que o processo de adaptação deste povo à Península Ibérica termina e Religião Cristã Católica toma, basicamente, a forma que conhecemos hoje, ocupando seu lugar junto a realeza deste Reino.

Todos os personagens que serão apresentados e as atitudes tomadas por eles buscaram ser próximas do que as pesquisas acadêmicas apontam. A abordagem do assunto se fez de maneira simples para um melhor entendimento da história e de suas consequências para períodos posteriores.

O jogo propriamente dito tem o intuito de demonstrar aos alunos as principais mudanças que ocorreram do período denominado Clássico da Antiguidade para o

século VI, mostrando uma cidade Ibérica após a divisão do Império Romano. Logo no início do Jogo, os personagens se encontraram na entrada da cidade de Toledo e perceberam que ela se parece com uma cidade tradicionalmente romana, porém com certas modificações. Isso se dá pelo fato de as cidades do período serem construídas em cidades romanas abandonadas ou tomadas por estes povos que se estabeleceram na Península.

Os personagens caminham pelas ruas e chegam em uma feira típica deste período, onde percebem mais uma característica que o povo visigodo mantinha em comum com os Romanos. Eles se deparam então com uma situação de embate entre opiniões religiosas e ao solucionar a peleja encontram nosso primeiro personagem do período: o diácono Isidoro de Sevilha. Ele é um dos grandes autores do período e Doutor da Igreja por suas contribuições e obras escritas.

Na praça da cidade eles se inteiram dos fatos e acontecimentos que abalam o reino, revoltas palacianas, duas religiões disputando a atenção do rei, um rei em dúvida de qual religião seguir, pressão da nobreza e dos clérigos, um período borbulhando em problemas questões a serem resolvidas. Os três personagens mais o diácono resolvem ir até o palácio para tentar encontrar uma solução para todas as questões que afligem o governante e o Reino.

Ao chegarem no palácio, os jogadores podem explorá-lo, encontrando um grande corredor com diversos quartos e cômodos simples, mas imponentes e a sala do trono. No trono se encontrava sentado o príncipe Recareto, filho de Leovigildo e atual monarca do recém unificado Reino Visigodo, e de seu lado, com uma longa roupa similar à de Isidoro, mas na cor preta, o Bispo Leandro de Sevilha, irmão mais velho de Isidoro e bispo que participou efetivamente tanto do III Concílio de Toledo, quanto de toda a vida e permanência do monarca no poder após a conversão deste.

A missão dos nossos personagens é plantar símbolos Cristãos Católicos nos aposentos do palácio a pedido de Isidoro, para que o rei entenda aquilo como um sinal divino para que se decida pelo Catolicismo. Os símbolos são: a Cruz, símbolo da penitência Cristã; o Pergaminho com o símbolo de Cristo (com o X e o P) que foi usado por Constantino em sua conversão; e um Cálice de madeira, símbolo dos cultos Cristãos primitivos de partilhar do Pão.

Por conta de uma comitiva que visitará a cidade, o rei e todos os trabalhadores do palácio vão ao encontro dela. Como deixaram as portas trancadas,

os personagens devem encontrar passagens secretas para ir de um cômodo a outro plantando os símbolos.

Após plantarem os símbolos, nossos heróis iram para a sala de espera onde logo que eles se acomodam, chega Recareto, Leandro e Isidoro com a decisão que eles esperavam. Após este momento, Cronos se vê satisfeito e traz os personagens de volta a seu tempo original.

## **5.7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Cada jogo possui, como pudemos notar, uma especificidade: um trabalha com perguntas e respostas; outro com a relação entre as informações obtidas durante o jogo; e um terceiro com o uso de imagens e símbolos. Como citamos anteriormente, optamos por esse tipo de desenvolvimento para ampliar as possibilidades de uso do Objeto.

Optamos também por não apresentar neste capítulo as informações mais técnicas sobre o desenvolvimento do jogo, bem como das nomenclaturas costumeiramente usadas neste contexto. Esse tipo de abordagem deixaria nosso texto muito longo e pouco produtivo, no sentido de conter mais informações que interessariam um designer de jogos educativos que um leitor puramente acadêmico ou o professor que utilizar-se-á de nossa pesquisa. Para aqueles leitores que tenham o interesse, contudo, em aprofundar-se nessa área, todas as nossas bases encontram-se nas referências. Desde textos e livros sobre a parte teórica do desenvolvimento de jogos quanto da parte prática, no nosso caso, da ferramenta RPG Maker.

Além disso deixamos junto às instruções básicas do jogo, como o processo de instalação e dicas de uso, um contato para que o professor ou mesmo o leitor possa falar conosco. A ideia é a de que, se o professor enfrentar qualquer dificuldade no uso da ferramenta, ela tenha um canal direto conosco para que possamos ajuda-lo no uso mais eficiente da ferramenta.

## 6 CONCLUSÃO

Quando pensamos em todo o trabalho realizado por Isidoro de Sevilha, sua obra passa a ser um material importante para podermos entender os processos que acontecem no período de sua participação na história Iberica visigoda. Apesar de trabalhar por forma de Crônicas os períodos que abrangem a história de Leovigildo e Recareto, percebemos uma visão mais ampla nestas obras.

Para facilitar a investigação do período, e do processo que foi de suma importância para a fixação do poder regio clerical no reino, durante a permanência deste povo na Península, de suma importância histórica, estes textos e estas obras contribuíram para a formação de novas ideias e conceitos, que buscamos compreender em nossos estudos. Através da leitura de suas obras percebemos a admiração do bispo pelos preceitos pregados e trabalhados por Recareto, durante os quinze (15) anos de seu governo à frente do reino visigodo.

Isidoro neste período era um Diacono que auxiliava seu irmão, Leandro de Sevilha, que neste momento se encontrava como Bispo de Toledo e do Reino, além de conselheiro do Rei que neste momento já se encontrava convertido ao catolicismo.

Buscamos analisar além de Recareto, seu pai Leovigildo; por ter sido, o unificador do reino, de forma física, buscando estabelecer uma unidade territorial que outros reis que os antecederam não conseguiram a principio; foi com Leovigildo que as tensões com roma, e com a cultura hispano-romana que calsavam embates em todo o reino. Este ato, foi primordial para que na visão política, Recareto pudesse se dedicar continuamente aos assuntos palacianos, politicos e clericais.

Não buscamos fixar ideias sobre o período, mas sim utilizar de fontes do mesmo período, para elucidar a obra de Isidoro e seu papel na formação do ideal politico- religioso dentro do Reino Visigodo; e ainda mais para perceber a importancia de Recareto com sua politica de convertimento do reino. Como Constantino, o Rei visigodo marca seu reinado com um dos mais importantes Concílios que ocorreram no período, o III Concílio de Toledo, que legitimou a conversão de todo reino a uma só religião.

Podemos pensar que além de um ato particular, este haveria de ser um problema para a legitimação real do reino; mas pelo contrário, os atos que o governante realizou em seu governo fixaram o poder nas mãos de poucas pessoas,

fazendo assim que grupos diversos se formassem no palácio e entre os nobres. Com este ato, podemos dizer que Recareto minimizou a influência dos nobres, deixando o caminho aberto para o fortalecimento dos clérigos católicos junto a coroa visigoda, sendo esta influência importante para que acontecesse o IV Concílio de Toledo, que fixou definitivamente dentro do reino, as idéias isidorianas.

Não nos aprofundamos em todos os problemas e detalhes que ocorreram durante este processo, mas visualizamos os mesmos, podemos dizer que para ambos os lados, estes acontecimentos Históricos influenciaram muitos trabalhos com uma grande possibilidade de discussões. Dentro de nossa pesquisa, fica a trajetória importante tanto de Recareto quanto de Isidoro, que marcaram a história com atos que repercutirão em outros momentos da história e influenciaram outros governantes e religiosos/ autores de formas variadas.

Fica para nossa visão, a importante influência do clérigo sevilhano dentro do contexto Ibérico, seu papel na transformação política e visível para uma unificação politico-religiosa; estes atos são parâmetros para outras formas de análise do período, como a visão deste através da numismática, que abordamos em nosso trabalho. A forma como podemos visualizar este período fica evidente se percebemos as cunhagens realizadas em todo reino.

O reino visigodo é rico em quantidades de casas de moedas – basicamente cem (100) casas - e formas de cunhagens que se derivaram; da cunhagem de replicas romanas de períodos anteriores, ou de estilos de cunhagens bizantinas; o que apresentamos em nossa análise para um melhor entendimento destas cunhagens. Os símbolos cristão são utilizados desde o início do século VI na península ibérica e no reino; por motivo da influência de várias correntes cristãs dentro do mesmo, e principalmente pela forte presença do Cristianismo de Arios no território, mas com Recareto, a presença destes símbolos se tornam obrigatórios dentro do processo de conversão dos diversos grupos nobres dentro do reino.

A variedade de símbolos, a presença de imagens de personagens Cristãos – em particular e com grande frequência, a imagem de Jesus Cristo - , nos apresentam as formas de poder dentro do reino, nos fazendo indagar sobre o quão influente a igreja estaria nos diversos reinados visigodos, em particular após Leovigildo e Recareto.

A amoedagem não tem somente o intuito de relações comerciais, e nem por este motivo se deu sua criação, a moeda e a melhor fonte de difundir pensamentos,

ideias e notícias durante a Antiguidade e Antiguidade-Tardia, nos proporcionando uma inumerável possibilidade de análises destes períodos.

Com Recareto, percebemos a importância de seus atos, visto que na cunhagem de diversas moedas, sempre encontramos símbolos Cristãos, fortalecendo o pensamento de conversão advindo do III Concílio realizado pelo mesmo. Este ato inicial de recareto abriu caminho para as mais variadas formas de expressar a religiosidade durante a permanência dos Visigodos na Península Ibérica.

Dentro deste processo de trabalho e tendo em vista uma das etapas deste mestrado, procuramos trabalhar o Objeto Pedagógico para elucidar um pouco da importância de nossa pesquisa; mas diferentemente do trabalho em geral, não fizemos pesquisas específicas ou recortes mais pontuais; como a premissa do Objeto é trabalhar dentro do ensino básico, procuramos apresentar o tema aos pequenos alunos, de forma mais descontraída e sob a linguagem dos mesmos.

Trabalhamos em forma de jogo digital, com base no RPG (Role-play Game), para auxiliar professores e alunos em seu processo de ensino-aprendizagem e a partir deste momento poder inserir dentro dos currículos básicos a figura dos Visigodos, povo que dentre tantos outros, e excluído dos materiais didáticos (em particular no estado de Minas Gerais) e muito pouco trabalhado em diversas salas de aula.

O pensamento de que a alcunha de “bárbaro”, acaba por inserir este povo, em particular, em um contexto generalista, e faz com que a explicação do processo que ocorreu e que analisamos anteriormente, nunca tenha a possibilidade de alcançar as salas de aulas de várias escolas fundamentais e de ensino médio pelos estados brasileiros por este contexto não ser explicado para os alunos e estes não tendo a ideia da diversidade de povos germânicos que de certa forma contribuíram para a formação das nações que nos colonizaram.

A princípio, o quarto capítulo deste trabalho, irá parecer como deslocado do restante da pesquisa, mas por este estar ligado ao tema, acaba por ser importante no pensamento de estar expandindo o tema para fora do meio acadêmico.

Fica a partir deste momento, o desejo de poder adentrar mais nas fontes acadêmicas, buscar analisar melhor as mesmas, através de textos escritos, fontes iconográficas, e em nosso caso, através da numismática e quem sabe em algum momento futuro, estar retomando esta pesquisa de forma mais aprofundada para

garantir novas análises, temas e descobertas sobre o período, na intenção de visualizar melhor o que Isidoro chama de mosaico de possibilidades, que visualizamos na Península Ibérica.

Fica aqui também, nosso desejo e compromisso de voltar a este tema, buscando não somente sanar as dúvidas que com certeza surgirão, mas também, as lacunas que por ventura ainda não preenchemos com nossa pesquisa para podermos construir de forma didática e quem sabe até midiática, um material que possa alcançar as dúvidas mais comuns no meio acadêmico e porque não pedagógico; auxiliando assim um melhor entendimento por parte dos Professores, mestres, estudantes e quem sabe, dos futuros historiadores.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, A. B. *La sociedad visigoda y su entorno histórico*. Madrid: XXI siglo veintiuno de España, 1992.
- ALONSO, C. R. *La Historia de Los Godos, Vandalos y Suevos de Isidoro de Sevilla*. Leon, Centro de Estudios e Investigacion "San Isidoro" Archivo Histórico Diocesano, Caja de Ahorros y Monte de Piedad de Leon, 1975.
- ANDRADE FILHO, R. de O. *As origens da Analogia Antropomórfica monárquica no reino ca-tólico de Toledo (séculos VI-VIII)*. In VISALLI, A. M.; OLIVEIRA, T. (Orgs.) *Anais...* Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Mito e Monarquia na Hispânia Visigoda Católica*. *Temas Medievales* 13, 2005, p.9-27;
- \_\_\_\_\_. *O Reino Visigodo Católico (séculos VI-VIII): Cristianização ou Conversão?* *Revista Politeia* v.5, n.1, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Sacralidade e Monarquia no Reino de Toledo (séculos VI-VIII)* *História Revista*, v.11, n.1, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Espaços e fronteiras entre o cristianismo e o paganismo no reino visigodo católico*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 20. 1999, Florianópolis. *História: fronteiras*. *Anais...* São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP/ANPUH, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Imagem e reflexo. Religiosidade e Monarquia no Reino Visigodo de Toledo (séculos VI - VIII)*. São Paulo: Edusp, 2012.
- ANTUNES, C.; *Manual de Técnicas, de dinâmicas de grupo, de sensibilização de ludo pedagógica*. 22ª ed. Petrópolis, Vozes, 2001.
- AYMARD, A.; AUBOYER, J. *História Geral Das Civilizações: Roma e Seu Império*. Tomo II. 2º ed. 3 v. Traduções de Pedro Moacyr Campos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958.
- BARBOSA. P. G.; MIRANDA. J. A. G.; FARINHA. M.; *Marcas De Poder: Moedas Visigodas Em Território Português*. Portugal. Banco de Portugal, ed. lit. PUBLICAÇÃO: Lisboa: Banco de Portugal, 2006.
- BEINOIT, H.; FUNARI, P. P. A. (orgs.). *Ética e política no mundo antigo (Coleção Idéias)*. Campinas, SP. UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.
- BRASIL, *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRENELLI, R. P.; *O jogo como espaço para pensar*. Campinas: Papyrus, 1996.
- BROWN, P. *O fim do mundo clássico – De Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Editorial

Verbo, 1972.

BULHÕES, M.; *A ficção nas mídias: um curso sobre a narrativa nos meios audiovisuais*, São Paulo: Ática, 2009.

BURKE, P (org.): *A Escrita da História*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo; Editora Unisinos, 2008.

\_\_\_\_\_. *O que é história Cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTELLANOS, S. *Los godos y la cruz – Recaredo y la unidad de Spania*. Madrid: Alianza, 2007.

CARLAN, C. U. *Resenha: La Caída de Roma y el fin de la Civilización*. Revista de História da Arte e Arqueologia, v. 1, 2012, p. 47-49.

\_\_\_\_\_; RABELO, R.; *Cultura e Poder em Roma: o modelo da Antiguidade Tardia*. *Antiguidade Clássica*. Apucarama, v. 7, 2011, p. 15-31.

\_\_\_\_\_. *O mundo romano no século iv: decadência ou reestruturação\**. Fênix-Revista de História e Estudos Culturais. Campinas. V. 4. Ano IV nº 1, 2007

CARVALHO, M. M. de. *Temístio, o Imperador Juliano e a discussão em torno do conceito de realeza no século IV d.C*. História Revista, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 121-133, jan. /jun. 2006.

CERTEAU, M de. *A. Escrita da História*, Rio de Janeiro: Forense, 1982. p.65-119.

CHARTIER, Rr. *A História Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, M. *Convite a filosofia*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1999.

COLLINS, R. *La España visigoda, 409-711*. Barcelona: Crítica, 2005.

CRESPO, J. C. M. *Um Estudo Comparativo dos contatos Estabelecidos entre Emporitanos e Indigetes: O Caso Emporitano e o Oppidum de Ullastret (500-350 a.C.)*. Rio de Janeiro. Editora da Universidade Federal Fluminense, 2006.

DÍAZ y DÍAZ, M. *Introducción general*. In: SEVILLA, Isidoro de. *Etymologiarum*. Ed. Lindsay. Traducción de J. O. Reta e M. AM. Casquero. Madrid: BAC, V. I, 1982.

DIOGO COMITRE. *A conversão do reino visigodo ao catolicismo e a legislação antijudaica: um exame dos concílios entre os séculos IV e VII*. Dissertação de mestrado. USP. São Paulo. Setembro 2013. Em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30012014-100621/pt-br.php>.

ESCUADERO, F. M.; GARCÍA, A. C.; MONTEOLIVA, J. V.; *Monedas Visigodas, Catálogo del Gabinete de Antigüedades de la Real Academia de la Historia*, II.1.2, Madrid, 2002.

FELDMAN, S. A. *A dimensão do saber em Isidoro de Sevilha*. Notandum (USP), v. 21, p. 13-21, 2009.

\_\_\_\_\_. *A ética e a concepção religiosa de Isidoro de Sevilla: o “Livro das Sentenças”*. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS 6. 2005 .Anais. Londrina: ABREM/UEL/UEM, 2005, p.255-265.

\_\_\_\_\_. *Judeus na Antiguidade Tardia: a construção da alteridade sob Agostinho*. Revista de História (UFES), v. 25, p. 30-45, 2010.

\_\_\_\_\_. *Teologia política isidoriana*. LPH (UFOP), v. 19, 2009, p. 143-204.

\_\_\_\_\_. *A Monarquia Visigótica e a Questão Judaica*. Revista de História (UFES), v. 20, p. 237-265, 2008.

FERRILL, A. *A Queda do Império Romano. A explicação militar*. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

FONTAINE, J. *Isidoro de Sevilla: Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos*. Madrid: Encuentro, 2002.

FORTUNA, C. R. A. P. *O Ensino de História- Uma narrativa aberta: uma possibilidade teórica- metodológica para a construção do conhecimento histórico escolar*. Campinas, 2001.

FRIGHETTO, R. *A antiguidade tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações (Séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012.

\_\_\_\_\_. *Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV*. In Dimensões, vl. 25, 2010. p.114 -130.

FUNARI, P. P. A. *Antigüidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Roma: vida pública e vida privada*. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1993.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia Histórica e cultura material*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. Coleção Idéias.

FUNARI, R. dos S. *Imagens do Egito Antigo: um estudo das representações históricas*. São Paulo: Annablume; UNICAMP, 2006.

GARCÍA MORENO, L.A.: *Historia de España Visigoda*. Madrid, 1989.

\_\_\_\_\_. *Leovigildo, unidad y diversidad de un reinado*. Discurso leído el día 1 de junio de 2008 en la recepción pública como miembro de la Real Academia de la Historia. Madrid, 2008.

GONZÁLES, Julio Rodrigues. *Historia de las legiones romanas*. Madrid, Ed. Almema, 2 v, 2003.

GORBEA. M. A. (ed); *Monedas Y Medallas De La Real Academia De La Historia*. Madrid: Real Academia de la Historia, Madrid. Gabinete de Antigüedades, 2006.

GRANT, M. *O Mundo de Roma*. Tradução de Jorge Sampaio. Lisboa: Editora Arcádia Ltda, 1967.

GREIN, E.; ROCHA, F. L.; *Panorama da Amoedagem Visigótica na Hispania: Séculos VI - VIII d.C*. Fábrica do Livro. História Visigoda. 2006

GUARINELLO, N. L.; *O Imperialismo Greco-Romano*. São Paulo: Ática, 1990.

HAGEMEYER, R. R.; *História e Audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica. 2012.

HUIZINGA, J.; *Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. 8ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

KING, P. D. *Derecho y sociedad en el reino visigodo*. Madrid, Alianza, 1981.

LE GOFF, J.; *A história nova*. Trad. Eduardo Brandão. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 318p.

LOT, F.; *O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média*. Tradução de Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 1985.

MARROU, H. I. *Decadence romaine ou antiquité tardive? III e-XVe siecle / Henri-Irenee Marrou*. Paris, France: Seuil, 1977.

MAZZARINO, S. *O Fim do Mundo Antigo*. 1ª ed. Tradução de Peir Luigi Cabra. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

MENDES, N.M. *Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

ORLANDIS. J.: *Historia del Reino Visigodo Español*. Madrid, 2011.

ORLANDIS. J.; RAMOS. L.: *Historia de los Concilios de la España Romana y visigoda*. Pamplona, 1986

ORLANDIS, J. "El rey visigodo católico", in. AA. VV., *De la Antigüedad al Medioevo – Siglos IV-VIII*. III Congreso de Estudios Medievales. [S.I.] Fundación Sanchez Albornoz, 1993.

\_\_\_\_\_. *Historia Del Reino Visigodo Español*. Madrid: Rialp, S. A., 1988.

QUILES, I. S. I. *San Isidoro de Sevilla, Biografía-Escritos-Doctrina*. Madrid: Espasa – Calpe, 1965.

ROSSI, A. L. D. de O. C. (org.) - *Migrações e Imigrações entre saberes, culturas e religiões no mundo antigo e medieval*. Assis: São Paulo UNESP, 2009.

SANTO AGOSTINHO. *Città di Dio (De Civitate Dei): Nuova Biblioteca Agostiniana (NBA) – Opere di Sant’Agostinho (ed. Latino-Italiana)*. 3º V. Roma, Città Nuova Editrice, 1978 – 1991.

SEVILHA, Isidoro de. *Etymologiarum*. Ed. Lindsay. Bilingüe (la-tim-espnhol) de J. O. Reta e M. A. M. Casquero, com introdução de M. C. Díaz y Díaz. Madrid, BAC, 1982.

\_\_\_\_\_. *Historia Gothorum, Vandalorum et Suevorum*. Ed. bilíngüe (latim-espanhol) de C. Rodriguez Alonso. Leon, Centro de Estudios Investigación “San Isidoro”, 1975.

\_\_\_\_\_. *Sententiarum*. Ed. Bilingüe (Latim-Espanhol) de J. de Campos e I. Roca. *Santos Padres Españoles*. V.2. Madrid: BAC, 1971.

THOMPSON, E.A.: *Los Godos en España*. Madrid, BAC, 1971.

VALLEJO, F. B. *La hagiografía como género literario en la Edad Media*. Oviedo: Series Mayor 2, 1989.

VEYNE. P. (Org.). *História da vida privada 1: do Império Romano ao ano mil*. Tradução Hildegard Feist; consultoria editorial, Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

VALVERDE CASTRO, M. R. *Ideología, simbolismo y ejercicio del poder real en la monarquía visigoda: un proceso de cambio*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000.

VIVES, J., MARÍN T., MARTÍNEZ, G.: *Concilios Visigóticos e Hispano- Romanos*. Barcelona-Madrid, 1963, 12. Concilio de Toledo III, a. 589, 107-145.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1988.